U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

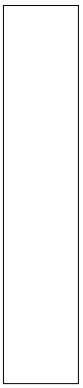
ARQUITECTURA

Atlas errante

Verónica dos Santos Pinto

M

2021



Nota à edição:

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, excluindo a palavra "arquitectura", por teimosia da autora. As citações transcritas apresentam-se na língua original, exceto quando se trata de publicações traduzidas, citadas segundo as mesmas, por ser demasiado ingrato imprimir numa língua o ritmo de outra. Por último, as fotografias são quase na sua totalidade captadas pela autora, em viagem pelo continente sul-americano entre os anos de 2018 e 2019.

atlas errante

Verónica dos Santos Pinto

orientação:
Professora Doutora Ana Sofia Pereira da Silva

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Porto, 2021.

em casa de menino de rua,
o último a dormir apaga a lua.

(poeta anónimo, grafitado pelas ruas de Lisboa)

agradecimentos.

À professora Ana Sofia, por me ter ensinado a topografia de um bosque tão maravilhoso.
Aos mestres, sábios e corajosos, por elevarem a altura dos meus sonhos e me fazerem acreditar que o mundo é um lugar mágico, onde cada dia é um dia menos.
Aos meus pais, farol da viagem das viagens: a vida,
e aos avós, cuja viagem cessou primeiro;
Aos amigos de sempre: Adina, Carolina, Catarina, Joana, Miguel, Ramos, Rita e Rui, por serem parte de quem sou,
e à Margarida, eterna companheira de viagem.
Àqueles com quem me orgulho de ter partilhado esta odisseia de paredes brancas:
à Catarina, M. Inês e Sofia, pela amizade e por todas as tertúlias,
à Bárbara, Elves, Damião, Dani, Inês, Mariana, Marta, Nuno, Ricardo e tantos outros,
e à Raquel, por tudo.
A todos aqueles com quem, por terras latinas, me cruzei ou cresci,
em particular à Maru, *por haber sido mi casa del otro lado del océano.*
À minha família em Lisboa:
à Edlise, por cuidar sempre de mim,
à Maria, a patinha mais linda da *Gulbenkian,*
a mis chicas: Agus, Guadi y Isa, por la alegria de vivir,
y al T14: Antonio y Hernan, por todas las aventuras.
Àqueles cujo nome termina em Silvestre, por serem para sempre.
Ao Bernardo e ao Tiago, pela incessante fonte de inspiração.
Ao Pedro, por me ensinar que quem não sabe dividir, não sabe multiplicar.
À AGIL e ao GreTUA, por fazerem de Aveiro morada.
Ao Leonel, pela revisão preciosa e atenta.
E, por último, a todos aqueles que habitam nas minhas memórias, gestos ou sonhos e que, sem saber, me ajudam a ser, a cada dia, mais casa de mim própria.

resumo.

Todos se parecem guiar pelos dígitos mágicos de um relógio, mas poucos conhecem a orientação de uma bússola. Espinha dorsal da existência humana, o tempo parece domesticar todos os nossos movimentos, levando-nos demasiadas vezes a desprezar a mais bela das perguntas: que lugar ocupamos nós na esfera a que resolvemos chamar mundo?

Sinapse geográfica de memórias passadas e futuras, a presente dissertação coleciona os fragmentos de um caderno de viagem por terras sul-americanas que recorre à arquitectura enquanto lente crua de observação do mundo, à medida que reflete sobre temas essenciais da construção do espaço e da vida. Sob a perspetiva de um olhar sem meta, que encontra sem procurar, projeta na calma do papel as notas de uma viagem anunciada e sentida cuja silhueta adquire progressivamente a forma do seu próprio esquecimento.

Umbilicalmente condicionada pelo ofício da arquitectura, tateia os seus limites através de curtos episódios que devolvem à humanidade a sensibilidade de uma investigação verdadeira, livre de vícios ou preconceitos. Como qualquer história contada pela sucessão de fragmentos, beneficia do seu carácter inaugural e urgente, com que imprime em direções várias breves fissuras operativas.

Convido o leitor a acercar-se delas com a ousadia de quem erra sob olhares primeiros um lugar desconhecido e se recusa a aprender a língua em que já tudo foi dito. Que encontre na minha visão, sem pretensão de outras, a sua, e nela plasme os contornos de uma existência que não a minha. Que se emocione e espante a cada descoberta, tanto quanto eu calo as minhas, partículas eternas desta grande aventura que milagrosamente partilhamos: a vida.

abstract.

All of us appear to be guided by magical digits of a watch, but few are the ones that know the direction of a compass. Backbone of human existence, time seems to domesticate all our movements, taking us too many times to despise the most beautiful of questions: what place do we take in this sphere we have agreed to call the world?

Geographical synapsis of past and future memories, the present dissertation collects the fragments of a travel log in South American lands, that makes use of architecture as bare lens to the world observation, as it reflects on essential themes of the construction of space and of life. Under the perspective of an eye that finds without looking, that projects in the easiness of paper the notes of an announced and felt journey, which profile progressively acquires the shape of its own oblivion.

Umbilically conditioned by architecture's craft, gropes its limits under the shape of fragments that return humanity the sensibility of a true enquiry, free of vices or prejudice. Like any story told over a link of fragments, benefits from its inaugural and urgent nature with which prints tenuous oppressing figures in multiple directions.

I invite the reader to come close to them with the boldness of who errs in fresh looks of an unknown place, and refuses to learn the language in which everything has already been said. May you find in my vision, without wants of others, your own, and in it mold the outlines of an existence other than mine. May you awe and thrill at every finding as much as I silence my eternal particles of this great adventure that we miraculously share: life.

agradecimentos
resumo | abstract

prólogo.
um atlas. 15

nota prévia.
viajante: quimeras de um ser-se só. 17

périplo.
confissões intímas de arquitectura. 21

1.1. rumo ao mundo: fuga ou perseguição? [argentina]
2.2. a escola - fábrica de formas e da vida.
3.3. política ou arquitectura.
4.2. a vida (em) comum.
5.2. a praça das três fronteiras.
6.1. arquitectura do deserto.
7.1. a eternidade sob a forma de lugar.
8.2. o fim do mundo.

9.2. em movimento: arquitectura de passagem. [uruguai]
10.1. "portugalidade" em crise.

11.1. itinerâncias de um vagabundo. [chile]
12.3. a cidade aberta.
13.2. neruda. casas com vista de casas com vista para o mar.
14.2. o museu da memória, ou a memória-museu.
15.2. o espaço cujo Espaço roubou ao tempo.
16.1. a baleia.
17.1. paredes de fogo.

18.1. uma pedra no caminho de outra. [bolívia]
19.3. desertos de céu e casas de sal.
20.2. arquitectos de outros mapas.

sumário.

21.1. labirintos de corpos poetas.
22.2. as intermitências de uma arquitectura perene.
23.2. os *cholets*.
24.2 não-pontes.

25.1. arquitectura líquida. [perú]
26.2. animais (e) humanos.
27.3. um passado mais que presente.
28.1. oásis.
29.2. inquilina do mundo.

30. a deslocação da permanência: autocarros noturnos. [equador]
31. a arquitectura da natureza.
32. metade do mundo.

33.1. pela primeira vez arquitecta. [colômbia]
34.2. o mundo chama do outro lado da porta.
35.2. o poder de uma escala ou uma escala de poder.
36.1. desenhar a paisagem.
37.1. os de fora e os de dentro.
38.2. por vezes sou eu quem fica e ela que me deixa: a casa.
39.1. um peixe que voa.
40.2. circo - nomadismo sedentário.
41.3. o abrigo em Terras do nunca.

42.2. no dia em que piso deserto, piso Broadway. [estados unidos da américa]
43.1. o regresso do corpo.

epílogo.
o regresso do corpo e do resto. 227
a arquitectura é a resposta, mas qual será a pergunta? 229
interseções: a viagem que não cessa. 236

corpo de referências. 247
iconografia. 253


SURINAME
FRENCH GUIANA
B R A Z I L
BOLIVIA
PACIFIC OCEAN
BRASILIA
PORTO ALEGRE
BUENOS AIRES
EASTER ISLAND
FALKLAND ISLANDS

prólogo.

um atlas.

1. a·tlas:
[titã da mitologia grega que deveria sustentar o céu],
-livro de mapas geográficos;
-Volume de ilustrações elucidativas de um texto ou de uma área do conhecimento;
-Primeira vértebra do pescoço, entre o crânio e o áxis,
in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.*

Mapa político representativo do território (latino-) americano, utilizado durante a viagem como simulacro de orientação.

"O atlas tem esta qualidade: revela a forma das cidades que ainda não têm forma nem nome. (...) O catálogo das formas é infinito: enquanto houver uma forma que não tenha encontrado a sua cidade, continuarão a nascer novas cidades"[1].

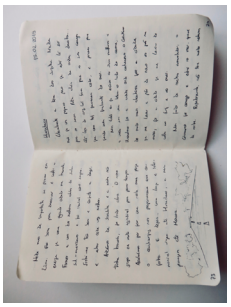
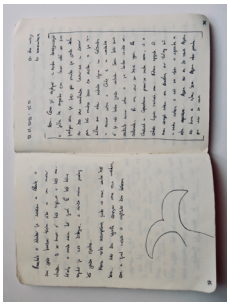
Esqueleto de uma viagem e de outra, um mapa serve de suporte à presente dissertação, por representar ordenadamente, sobre uma superfície plana e em escala reduzida, acontecimentos que vão para lá do seu espaço e tempo. Após este curto e operativo prólogo, procedido por um breve enquadramento do ofício da arquitectura na ação de viajar, segue-se um momento empírico de reunião de episódios fragmentados - indícios de arquitectura - colecionados no decorrer de uma viagem errante pelo continente sul-americano entre os anos de 2018 e 2019.

Os dígitos que ordenam as várias estâncias que constituem o périplo, para além do valor ordinário, detêm o de categorização por aprofundamento. Na segunda posição, os números de 1 a 3 informam-nos acerca do contexto expositivo de cada tema, sendo o 1 próximo de um registo *in loco*; o 2 alvo de um raciocínio ligeiramente mais profundo do que o evocado pelo episódio que lhe deu origem, mas ainda sob a forma de reflexão pessoal (sem pretensão de outra coisa); e o 3 elevador da discussão a um contexto mais vasto do que aquele que lhe deu origem, contando com o apoio indispensável de outras figuras de autoridade. Independentemente do registo, a página da esquerda representa a viagem e a da direita um processo de esquecimento.

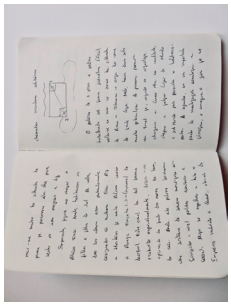
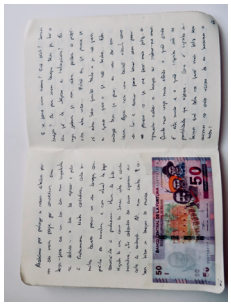
Para terminar - o epílogo -, que por motivos lógicos impostos pela inevitabilidade do tempo, representa o regresso: o do corpo e o do resto. Nele entrelaçam-se todas as questões que o iluminam e assombram e que culminam na tentativa de um fechar anunciado e cumulativo de perguntas várias à mesma resposta, cuja pergunta essencial é: o que é (ou deveria ser), afinal, a arquitectura?

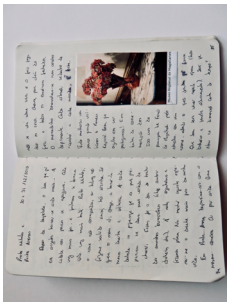
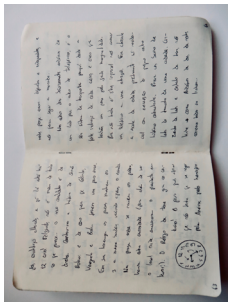
1 Calvino, I. (2009). As cidades invisíveis. Barcelona: Sic Idea Y Creacion Editorial, p. 142.

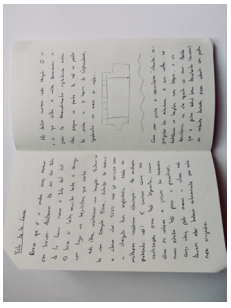






nota prévia.

viajante: quimeras de um ser-se só.

O desonhecido, a religião, a guerra e os negócios: os principais motivos que, num primeiro momento, levaram o homem a partir. Em contexto nacional, a ideia de viagem surge associada à condição geográfica do território, cujo domínio e expansão patrióticos, desmesurada e obsessivamente ambicionados, conduziram à epopeia dos "descobrimentos". Na arte, a busca pela inspiração clássica, à luz do Renascimento e do Humanismo italianos. A refutação de uma educação meramente livresca por parte da aristocracia inglesa, então detentora da hegemonia intelectual europeia, estaria na origem do famoso conceito de *Grand Tour,* propulsor de um conhecimento empírico e culturalmente diverso. Hoje, a incessante insatisfação, a procura por melhores condições de vida, o prazer boémio ou o auto-conhecedor: o desejo de um lugar e tempo certos. Independentemente do motivo, viajar é a concretização de uma leitura inexata e fiel de um lugar, lento internamento no espaço alienado e emancipador de um humano porvir. Quando os símbolos não nos pertencem, as palavras não nos correspondem e os nomes não nos nomeiam, assistimos ao nascimento de um idioma estético e sensível que nos permite observar palavras longe do vício de as ler, recuperando os olhos sequestrados por uma linguagem que nos precede e da qual nunca fomos criadores.

O viajante, em particular, o arquitecto viajante - visitante incansável da casa das casas - imagina constantemente para lá daquilo que a realidade lhe propõe, num trânsito voraz entre o concreto e o abstrato, memória e individualidade, intuição e entendimento. Repleta de histórias está a História daqueles cuja obra decidiu contar, como meio explícito de um conhecimento direto do produto final do ofício que escolheram aprender: a arquitectura. Mas, entre a pujança do território e a solidão de um olhar atento, há um muro cuja espessura parece ocasionalmente dilatar-se para invadir um espaço comum, vítima da virgindade dos lugares que tocamos pela primeira vez, sob o instinto de pertença ou apropriação do mundo.

Cada viagem é um eco ou reverberação de um ser-se só, mais do que um movimento

2. *"A errância, a peregrinação em direção ao que é digno de ser questionado, não é aventura e sim voltar-a-casa." (Steiner, George - Heidegger) Errar, ou seja, circular de modo hesitante, só é útil e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta. Clarifica Steiner: "O homem, na sua dignidade, regressa a casa para o sem-resposta",* in Tavares, G. M. (2013). Atlas da Imaginação. Lisboa: Caminho Ed, p. 26.

Registos diários.



3. *Teatro da vida, espelho do mundo, Salar de Uyuni* - 2019. §

em torno de uma linha que liga A a B. No momento em que atingirmos B, A deixou de ser A e o caminho terá transfigurado B. O movimento não tem outro fim que não o próprio, e a contemplação dissolve-se em si mesma no momento em que se multiplica na incerteza de miradas passadas e futuras, fruto de um distanciamento que é, em simultâneo, meta de rutura com o real e com o senso comum. É na viagem que o conhecimento invade, antes da razão, todos os poros e sentidos, apurando-lhes a consciência e aguçando-lhes a visão, rumo ao confronto com um permanente exílio de descoberta. O estranhamento enquanto método, alimentado por referências escassas em sentido ou precedência pessoais, facilita a experiência crítica e subjetiva de uma análise crua, sensível e propositiva: arsenal de ferramentas de leitura ou instrumento referencial operativo, eternamente ao serviço do arquitecto. Aspeto determinante no enraizamento da experiência e colheita do conhecimento, as viagens sustentam a memória e o carácter de um saber-se só e para sempre se repercutirão nos gestos e traços daqueles que, na solitude de si mesmos, se projetaram na realidade envolvente. Enquanto arquitectos, os lugares que visitamos questionam dogmas estabelecidos *a priori,* esvaziados de significado e incompreensíveis através de meios que não os próprios. Deles guardamos um encanto indefinível pelo tempo com os quais nos cruzámos, mas que vive na memória de passos vacilantes e indecisos em direção a nós próprios, com a certeza de que somos habitando.

Não viajamos para ver cidades, mas sim para ver mundo e nele encontrarmos um espelho de nós próprios. Eu regressei da minha viagem com a certeza ingénua de que não visitara arquitectura, longe do súbito pressentimento de que, talvez, esta me tivesse interessado mais do que qualquer outra coisa. As próximas páginas provar-me-ão eternamente errada (ou errante).

"El viaje es el encuentro de algo que andamos buscando, sin saber qué es con exactitud. Es la búsqueda de un lenguaje con el que ser capaz de dibujar las sombras de nuestras ideas. Moviéndose en el espacio y en el tiempo, el viaje no es sino la história que nos plagia; es la dilatación de nuestra pupila la que ilumina el espacio, y allí encontramos lo desconocido revestido de intimidad"[1].

1 Mansilla, L. M. (2002). Apuntes de viaje al interior del tiempo. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, p. 13.

•

*arquitectura do deserto.
*a eternidade sob a forma de lugar.

**a praça das três fronteiras.

*rumo ao mundo: fuga ou perseguição?
**a escola - fábrica de formas e da vida.
***política ou arquitectura.
**a vida (em) comum.

**o fim do mundo.

argentina.

No silêncio que cala a descoberta,
decidi ser dona do destino.
Nele aprendi a aprender-me enquanto humana,
antes de sequer ousar ser arquitecta.

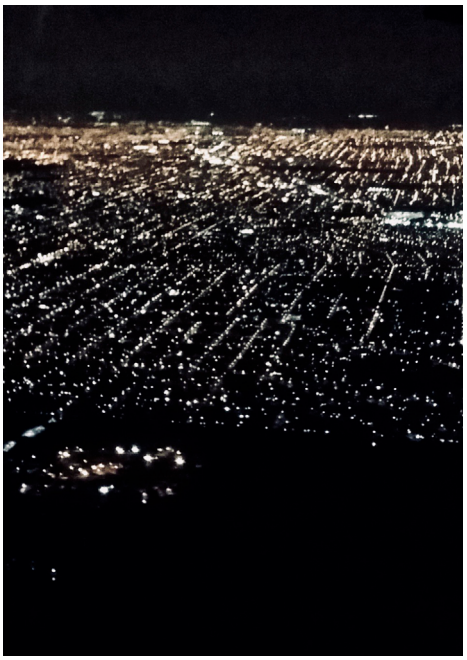
Ao testemunhar a dureza de ambas,
duvidei se seria uma,
ou outra,
mas se ninguém duvida só,
eu encontrei no comum um abrigo.

Pisei as linhas que nos separam
e perguntei-me se seríamos nós,
ou elas.

Afinal existe o eterno,
para nos lembrar que o fim é nosso e não do mundo.

08.08.18

Cada dia, um dia menos. Mas quantos chegariam para percorrer com o olhar todos os centímetros desta esfera? Independentemente da rota, seremos sempre o seu destino, infinitamente impossível de alcançar.
Que este caderno, que às vezes não sei se leio ou escrevo, represente o rasto de um caminho sem meta, que procura sem saber e me defende de estar só; que sirva de pretexto à ilusão de conquista e me liberte do peso da geografia que, enquanto autora, escolho demasiadas vezes ignorar; que colecione espaços de tal forma imaginados ou vividos, que nele cheguem a assumir a aparência de realidade, escrita pelo olhar; que o calor da observação dilate os meus sentidos e neles cale aquilo que sinto, sei ou sou; que me olhe por dentro na mesma medida em que eu me procuro lá fora e que abra no universo incicatrizáveis fendas microscópicas, que a qualquer momento se possam expandir e deixar alguém entrar. Perdida do mundo e alheia a mim própria, que seja o silêncio o primeiro lugar que conto. Que na distância do espaço encontre o valor do tempo. Que na descoberta do mundo descubra que afinal somos um mesmo, e que um dia não sejamos mais um sem o outro.



buenos aires.

1.1. rumo ao mundo: fuga ou perseguição?

1. Momento de chegada a Buenos Aires - 2018 § 2. *Mapa do Mundo.*

Um pé segue o outro, e eu, quem sigo?




SIN UNIVERSIDAD PÚBLICA
NO HAY FUTURO
Defendiendo la Educación Pública junto a nuestrxs Docentes
Sumate a protagonizar la defensa de la Educación Pública!
Después de 3 semanas de paro y clases públicas
Docentes y Estudiantes Unidxs y en las Calles!
La CORRIENTE
en Estudiantes x la Liberación



buenos aires.

2.2. a escola - fábrica de formas e da vida.

No momento em que iniciei o meu percurso académico por terras sul-americanas, tive a certeza de que a educação é o mais sincero espelho da sociedade em que se insere. Por condicionar todas as outras actividades humanas - políticas, sociais, económicas e pessoais - e ser condicionada por elas, desempenha um importante papel na integração, unificação e restruturação do caos em que se encontre o Homem e o seu meio, revelando-se a sua maior força ou a sua maior fraqueza.

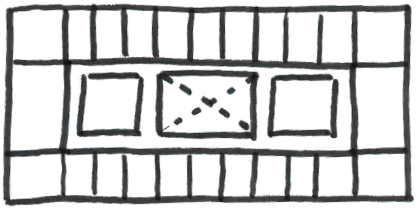
No caso da arquitectura, enquanto na Europa a predominante garantia do acesso às condições básicas de habitabilidade permite o ênfase em assuntos de ordem estética e formal, muitas vezes isolados da experiência do Mundo, na América Latina esse espaço é constantemente invadido por lutas em torno da justiça das políticas de habitação e do direito à cidade. Na cidade de Buenos Aires, é evidente a clareza desta condição, veiculada nos seus meios pedagógicos não apenas através do carácter humanista dos seus planos, como também da arquitectura dos seus edifícios. Nela, os espaços de aprender abandonam a função de dispositivo cénico para se tornarem eles próprios objecto de luta, ponte entre os cidadãos e o seu contexto político-social. O processo de aprendizagem confunde-se com o de internamento num espaço de emancipação e desenvolvimento pessoal, vinculado a uma tradição moral mais do que técnica. Além do mais, o ensino é, por direito constitucional, totalmente livre e gratuito, favorecendo a heterogeneidade da população e a fusão das sucessivas vagas de imigrantes, que imprimem ao sistema pedagógico um forte dinamismo e riqueza cultural.

Entre estes, estão os motivos que me levaram a escolher a FADU-UBA (Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires) como destino passageiro da minha aprendizagem. Parte integrante da Cidade Universitária, originalmente representada no plano regulador urbano proposto por Le Corbusier para a cidade de Buenos Aires no ano de 1938, localiza-se no bairro de Belgrano nas margens do Rio de La Plata. O edifício (ou pavilhão) que lhe corresponde, parte de um conjun-

3. Manifestação em defesa da Universidade pública, organizada pela própria comunidade estudantil,
4. Discussão de grupo em torno das diferentes abordagens conceptuais para um projecto cultural na Avenida de Mayo,
5. *Sin universidad pública no hay futuro* - folheto distribuído pela associação de estudantes da *FADU,* Buenos Aires, 2018. §


QUE TODOS PODAMOS
CURSAR
PARA DEFENDER LA EDUCACIÓN PÚBLICA
La CORRIENTE
FUERA MACRI Y EL FMI ASAMBLEA CONSTITUYENTE


Son 30.000 y fue GENOCIDIO
MEMORIA, VERDAD Y JUSTICIA
SIEMPRE PRESENTES
NO HAY FUTURO
SIN MEMORIA NO HAY IDENTIDAD



6 e 7. *Diferentes formas de apropriação do pátio central da FADU*. Aqui, o espaço público converte-se em arena política, reinvindicado pelos alunos como palco dos seus movimentos, BuenosAires, 2018. § 8. Planta de memória do pavilhão da FADU.

to de três, alberga não só o curso de Arquitectura, como também o de Cinema, Urbanismo, Design gráfico, Design de moda e Design industrial, num esforço ativo de ação multidisciplinar. Características como a escala do desenho, a omnipresença do pátio central, a liberdade do cenário expositivo, a transparência da estrutura e a intercomunicabilidade entre salas, contribuem para alimentar a democratização de um lugar que se quer participado, dinâmico e ativo. A energia libertada pelo processo de fomento de uma comunidade coesa ecoa para lá das paredes que a contém. A proximidade entre a academia e o contexto real, a interdisciplinaridade do corpo docente, a transversalidade dos lugares de ócio, a colaboração entre as várias áreas curriculares e o peso de um associativismo presente e competitivo transformam o curso de arquitectura num autêntico curso de seres humanos *mundo-parte*. A representação do arquitecto, informado e motivado pelo contexto em que se insere, recai sobre o indivíduo social, animado pela influência de uma cultura comum.

Naquela escola, alienada da generalização progressiva da cultura europeia, mais do que agir, aprende-se a interpretar. Na cidade dos infinitos planos horizontais, cuja instabilidade política e económica boicotam a continuidade de qualquer política ou investimento relacionados com a habitação, a universidade surge enquanto espaço de resistência aos mecanismos de controlo, território dinâmico de novas perceções e modos de conhecer. Na fábrica das formas que no terreno se misturam e entretecem, o arquitecto é pouco mais do que operário, ao serviço da distorção de uma cidade-espelho, momentaneamente fiel, quase sempre distorcida.



9 e 10 - *Proyecto arquitectónico - Taller RED: Trabajamos para formar arquitectxs que tengan una visión integral de los problemas contemporáneos del habitat, que les permita desarrollarse en distintos ámbitos de la profesión, teniendo un abordaje multidisciplinar y multiescalar. (...) Las prácticas están estructuradas para que el proprio alumno defina las estrategias de abordaje de los problemas a resolver y realice una refléxion critica sobre su tarea profesional.*



argentina.



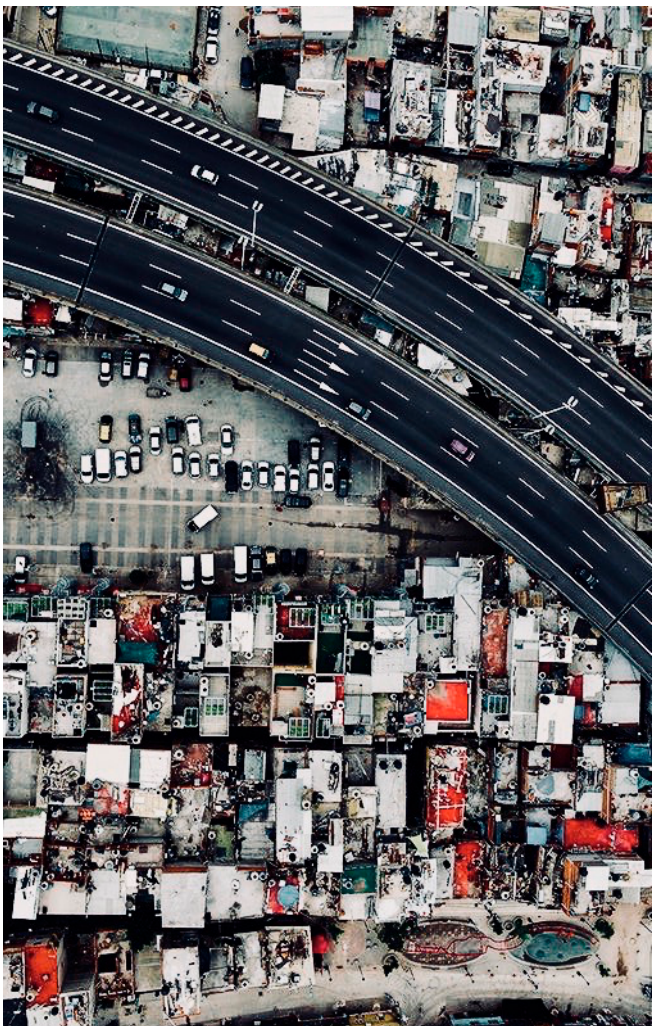




11 e 12. *SIUS - Seminario Interdisciplinario para la Urgencia Social: Das salas de aula às ruas, do papel à realidade, da reflexão à ação, a premissa da disciplina caracteriza-se pela aproximação às realidades sociais como informante direto na procura de soluções para os problemas urbanos dentro da sua unidade de perceção, neste caso, a cidade de Buenos Aires. A estratégia pedagógica assenta numa lógica de formação-investigação-extensão em regime interdisciplinar, comprometida com as diversas reivindicações.*

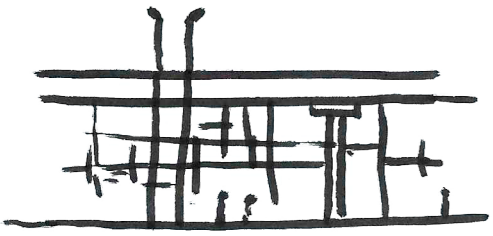
13. Teoria del Habitar: No existe ninguna persona que no habite y no hay momento alguno en que no lo haga: habitamos todos y habitamos siempre. La presencia obligada y constante del habitar explica la dificultad en reconocer al habitar como un campo o objeto que demande una explicación, una teoría. Esta es una materia electiva común a las carreras de Arquitectura, Diseño Gráfico y Diseño Industrial. El cursado conjunto determina que no solo la integración o tejido vinculante se situe en los contenidos temáticos, sino también en la comunicación y interacción directa de distintas ramas del Diseño.





23.10.2018

Visitei hoje, pela primeira vez, a *Villa 31*, uma das mais extensas e pobres de toda a capital. Apanharam-me na estação de comboios de Retiro, logo pela manhã. O objetivo parecia claro e a intenção mais ainda: prestar auxílio com base num sistema de inquéritos de porta-a-porta. (…)
Nunca em todo o curso me senti tão inútil. Estas famílias não exigem o direito à cidade, estão condenadas a viver nela. Enganei-me ao sonhar que estaria nas minhas mãos mudar isso.



buenos aires.

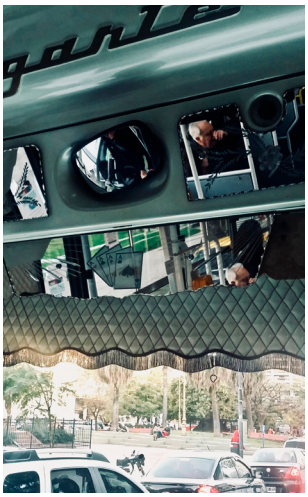
3.3. política ou arquitectura.

14. Vista aérea da *Villa 31*, atravessada por uma via de alta velocidade, Buenos Aires, 2018.
15. Corte esquemático.

O acelerado crescimento urbano, aliado à escassez de recursos, tornam a América Latina palco de um dos maiores fenómenos da habitação espontânea: os bairros de lata. A linha abissal que os isola é responsável por uma irreversível lógica fraturante no ordenamento do território, que prolifera no mundo através das grandes cidades, cuja capacidade para acomodar de forma urbanisticamente razoável todos aqueles que nela se refugiem é insuficiente. A capital argentina não é exceção, na medida em que a sua população tem vindo a aumentar drasticamente e cerca de 40% vive abaixo do limiar da pobreza. Grande parte desta habita as chamadas "Villas"[1], que ocupam não apenas a periferia, mas também o coração da cidade, como é o caso da *Villa 31*, uma das mais conhecidas. Estes territórios heterogéneos, sem preço nem dono aparentes, constituem o lugar perfeito para a microeconomia da extorsão, transformando os seus habitantes em alvo de recruta ideal para as organizações criminosas, que se aproveitam da falta de acesso à educação e às instituições em geral. A elevadíssima densidade que os caracteriza é responsável pela dissolução das esferas pública e privada, anexando muitas vezes habitação e postos de trabalho cujo rendimento não permite às famílias o acesso às condições mínimas de subsistência. Ainda que integrem a cidade, torna-se impossível reconhecer que estas habitem em meio urbano.

Numa cidade que se diz ser "Europa da América", santuário da cultura e apoteose do turismo, encontramos nestes fragmentos de *mundanidade* a chave para uma leitura universal daquilo que realmente sucede, como se de um índice expressivo se tratasse. Mantidos sob a aparência empírica da sua informalidade, não representam, embora, um estilhaço arbitrário, mas sim a denúnica de uma incógnita urgente que não pode nem deve em qualquer instância ser ignorada: "do racismo às economias informais; das dinâmicas de ocupação da terra às dinâmicas da migração; das técnicas biopolíticas dos Estados à propaganda política; da codificação mediática à urbana; das formas

1 Designação corrente na Argentina para os bairro de lata.





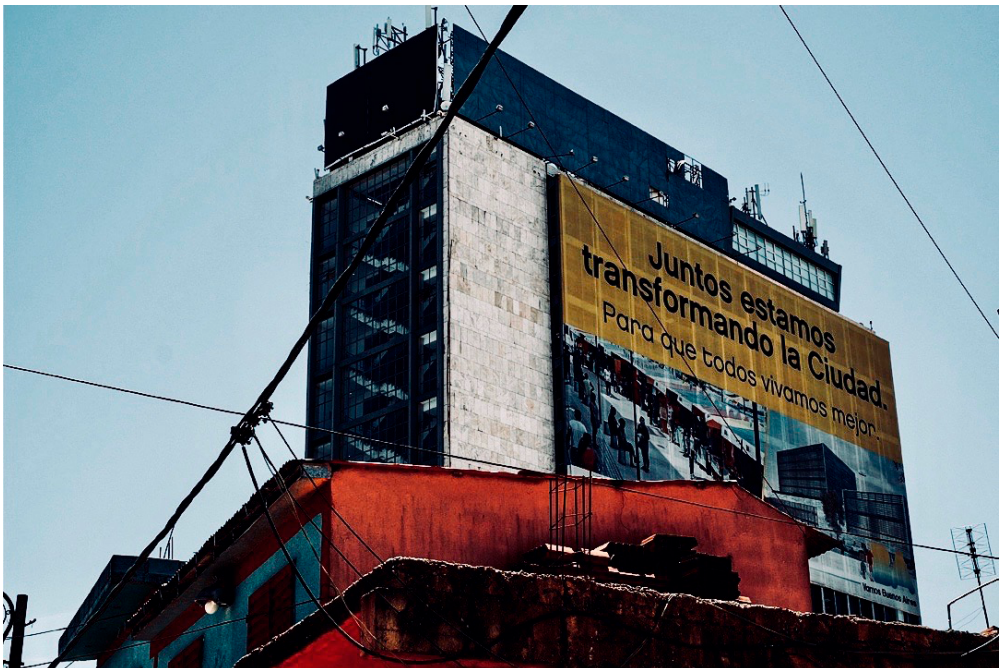
16. Autocarro 45, cuja rota se desviava intencionalmente da *Villa 31,* sob o pretexto de "evitar confusões".
17. *Debaixo da ponte - Villa 31*, Buenos Aires, 2018. §

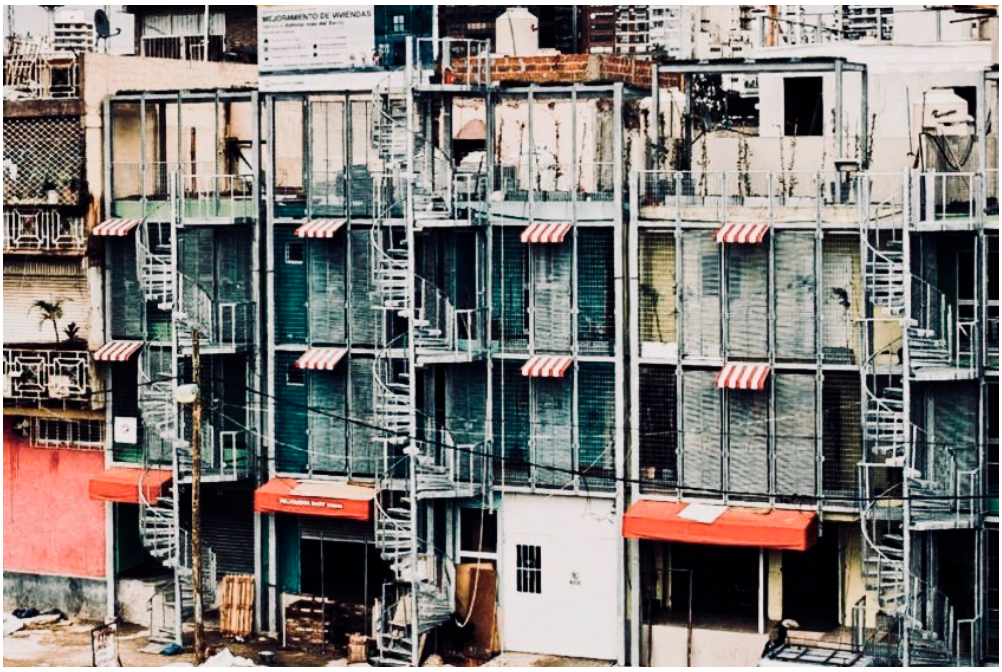
submersas de trabalho e de sobre-exploração à precarização do direito à habitação"[2].

Existe na cidade o espaço autoritário e depois o espaço dos excluídos, arquivo de conflitos e debates territoriais, fruto de uma tentativa de resposta não confrontativa, mas sim adaptativa, aos primeiros. Habitar o terceiro mundo implica quase sempre a escolha de um caminho conturbado por entre o peso de várias trocas, com o objetivo de equilibrar custos, segurança, distância ao trabalho e qualidade construtiva das habitações. Os intrincados mecanismos de subarrendamento dificultam ainda mais este processo, levando muitas vezes a contratos abusivos, que projetam os seus inquilinos para fora dos radares do Estado. Este, por sua vez, ocupa, ou deveria ocupar, o lugar de mediador, mas a sua ação é posta em causa a partir do momento em que negligencia a origem do problema ou descredibiliza por completo aqueles que o constituem. Na maioria das vezes, o Estado tende a considerar os bairros de lata apenas enquanto objeto empírico disfuncional, contentores espaciais de patologias várias, acabando por ignorar o discurso material, social e político que está na sua base. Como diria John Turner, a partir do momento em que o próprio habitar - atividade universal do homem - é visto enquanto problema, uma nova indústria nasce, e com ela um exército de peritos, burocratas e investigadores cuja existência é a garantia de que o problema nunca deixará de existir[3]. Por outro lado, parece-me que ignorá-lo enquanto tal constituiria um problema de igual gravidade.

É inegável a urgência de repensar o urbanismo contemporâneo enquanto as grandes cidades, principalmente as do Sul pós-colonial, se continuam a expandir descontroladamente. No entanto, e até que se altere a grande figura, ações imediatas terão de ser tomadas nas zonas mais afetadas por esse crescimento - os bairros de lata. Há, no fundo, duas grandes vias alternativas: eliminar e reconstruir de forma diferente estes lugares, ou considerar e potenciar os seus pontos positivos enquanto princípio organizador e restruturá-los a partir das suas próprias qualidades e recursos. A primeira é certamente a mais aliciante do ponto de vista económico, levando muitas vezes os governos a assumir o financiamento de grandes estruturas pré-fabricadas que, na maioria dos casos, se revelam obsoletas do ponto de vista social, perpetuando a

2 Caló, S. (2014). Devir menor, in Revista Punkto.
3 Turner, J. (1976). Housing by people. Towards Autonomy in Building Environments. Londres: Marion Boyars, p. 4.


Juntos estamos
transformando la Ciudad.
Para que todos vivamos mejor.



18. *Juntos estamos transformando la Ciudad* - Campanha política em torno do realojamento massivo §. 19. Exemplo de uma tentativa de intervenção arquitectónica maioritariamente estrutural nas casas já existentes, *Villa 31* - Buenos Aires, 2018.

falta de acesso a recursos básicos e a integração dos seus habitantes. A segunda, que representa uma atitude de resistência face a uma lógica homogeneizadora de fazer cidade, ainda que aparentemente promissora do ponto de vista social, levanta inúmeras questões éticas e problemas de mediação difíceis de solucionar. Uma vez que o sucesso de qualquer uma das vias se mede através da satisfação dos seus moradores - setor popular; da sustentabilidade económica das soluções - setor comercial; e do equilíbrio político-social regulador - setor público[4], é necessário equilibrar corretamente estas três componentes ao equacionar qualquer uma delas.

Recorrendo ao realojamento massivo levado a cabo pela construção de grandes estruturas estandardizadas de habitação social colectiva, não só são colocadas em causa as capacidades organizadoras e construtivas dos seus moradores, como os seus desejos e necessidades que, muitas vezes, os levam a não investir na manutenção dessas mesmas estruturas, causando a sua rápida deterioração. Além disso, as suas operações económicas caem facilmente na tentação especuladora do mercado do setor comercial, conduzindo os governos menos atentos e menos precavidos a investimentos irrisórios do ponto de vista económico, assim como do ponto de vista da gestão e sustentabilidade dos seus recursos, cuja alta demanda impossibilita a adoção de recursos locais. Assim, os moradores são totalmente afastados de um processo de construção participativo, quer pelo desconhecimento das técnicas e materiais utilizados, quer pelo uso de formas que impedem a separação física entre propriedades, ou resistência do desenho a possíveis alterações futuras. Por outro lado, a hierarquização das estruturas comerciais e políticas, que estão na base de qualquer serviço público, implica um igualmente esquematizado processo de construção, que conduz à alienação dos papéis tanto do arquitecto como do utilizador. A descontextualização de todo este processo adquire por vezes proporções tão desmesuradas que chegam a surgir bairros de lata nas imediações destas grandes estruturas, pelo facto do número de postos de trabalho que oferecem ao ser construídas ser superior ao de famílias que efetivamente desejam ser realojadas. Por último, a probabilidade de que uma estrutura rígida e pouco permeável cumpra os requisitos de um grupo social predominantemente instável é reduzida, sendo por vezes o preço a pagar pela deslocação das populações mais elevado do que

4 Ibid, p. 28.



20. *Planos infinitos,*

21. *Por detrás das grades* (pág. seguinte), *Villa 31* - Buenos Aires, 2018.

o de permanecer materialmente pobre no lugar de origem.

"Centralized decision-making systems, however, are bound to generate standardized products on a large scale. Of course it is expensive for top-down structures to accommodate bottom-up decisions, or even to copy the forms they generate, and it is equally extravagant for local decision-makers to copy the products of large organizations."[5]

Por mais simples e rudimentar que seja, o lugar onde cada um habita é, por excelência, único. Para além das funções de abrigo, privacidade e proteção, este deve assegurar as condições mínimas sanitárias, assim como o acesso a instituições de apoio, saúde e educação, garantindo um percurso de vida condigno e comum a uma maioria social. Um espaço arquitectónico generoso e atento muda a lente com que observamos o mundo, assim como a nossa atitude perante o mesmo. Para os seus habitantes, o valor de uma casa reside naquilo que esta lhes possibilita, e não naquilo que aparenta, que significa enquanto desenho, ou que faz lucrar a quem nela investe. Habituados a batalhar pelo seu próprio espaço doméstico, os moradores destes bairros, mais do que construtores, qualificados ou não, são coordenadores de tarefas: solicitam, trocam, compram ou reutilizam materiais, reunem outros trabalhadores e supervisionam de perto qualquer intervenção[6]. A sua organização vai permitindo que prosperem, e o fruto árduo de cada conquista é recompensado pelo apreço da família e pelo estreito vínculo com a restante comunidade. Todas estas iniciativas autónomas, que fintam a legislação e não se enquadram nos padrões de mercado, denunciam a desadequação de ambos. Se por um lado os moradores tendem a ser algo intolerantes e não cooperantes com a ajuda vinda do meio exterior, mostram-se por outro surpreendentemente prontos a multiplicar aquilo que conquistam através do próprio esforço, revelando uma admirável capacidade de entreajuda e um elevado sentido de comunidade. No entanto, quando esta tarefa se torna uma obrigação, por falta de alternativas, construir a sua própria casa pode ser algo tão opressor quanto ser-se proibido de o fazer[7]. Além do mais, as capacidades e os conhecimentos técnicos destes operadores (in)voluntários podem não ser suficientes para fazer face ao rigor das condições climatéricas, às

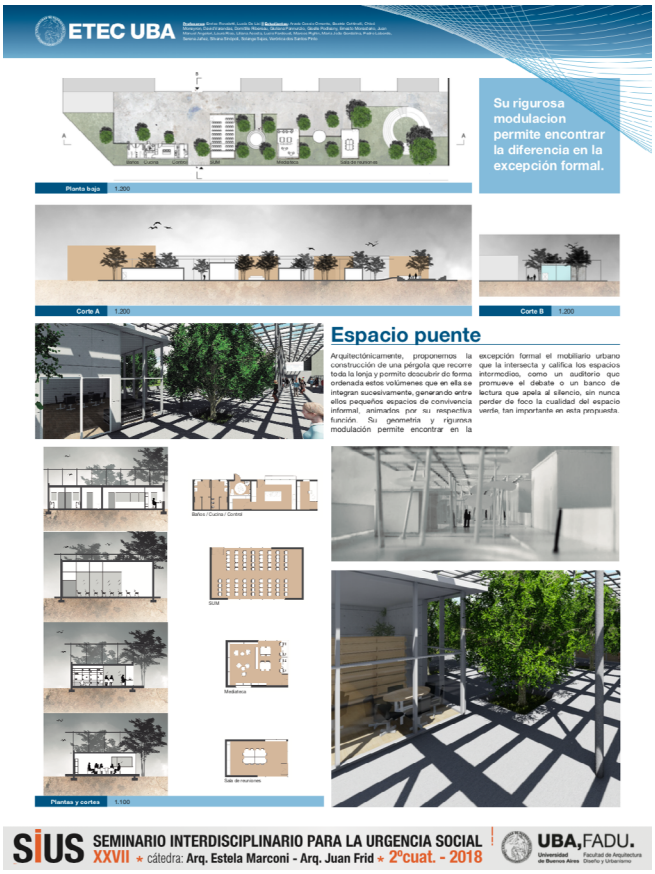


5 Ibid, p. 40.
6 Id, Dwelling resources in South America: Conclusions. Architectural Design nº 8, p. 393.
7 Turner, J. F. C. (1976). Housing by people. Towards Autonomy in Building Environments. Londres: Marion Boyars, p. 128.






ETEC UBA
Espacio Comunitario ETEC
Un proyecto que ambiciona ser barrio, siendo escuela. Un proyecto que pretende, sobre todo,ser el puente entre los dos.
Con vista en sus necesidades, tanto de la comunidad como de la escuela, se pretende, a través de este plan que contempla algunos programas base (como un SUM, una cocina / parrilla, una mediateca y una sala de reuniones para estudiantes y padres), estrechar lazos no sólo entre la institución y el barrio, asi como entre sus alumnos y padres, introduciendo valores de la vida en comunidad, de compartir, de ecosostenibilidad y, sobre todo, de intercambio, sea de conocimiento, aprendizajes, bienes o experiencias.
CONVIVENCIA
LECTURA
DEBATE
LANUS OESTE
VILLA FIORITO
VILLA SOLDATI
VILLA RIACHUELO
VILLA LUGANO
Implantación
Barrios envolventes
Un proyecto que ambiciona ser barrio, siendo escuela.
Planta alta
1:200
SIUS SEMINARIO INTERDISCIPLINARIO PARA LA URGENCIA SOCIAL
XXVII ★ cátedra: Arq. Estela Marconi - Arq. Juan Frid ★ 2ºcuat. - 2018
UBA, FADU.


ETEC UBA
Su rigurosa modulacion permite encontrar la diferencia en la excepción formal.
Planta baja
1:200
Corte A
1:200
Corte B
1:200
Espacio puente
Arquitectónicamente, proponemos la construcción de una pérgola que recorre toda la lonja y permite descubrir de forma ordenada estos volúmenes que en ella se integran sucesivamente, generando entre ellos pequeños espacios de convivencia informal, animados por su respectiva función. Su geometría y rigurosa modulación permite encontrar en la excepción formal el mobiliario urbano que la intersecta y califica los espacios intermedios, como un auditorio que promueve el debate o un banco de lectura que apela al silencio, sin nunca perder de foco la cualidad del espacio verde, tan importante en esta propuesta.
Plantas y cortes
1:100
SIUS SEMINARIO INTERDISCIPLINARIO PARA LA URGENCIA SOCIAL
XXVII ★ cátedra: Arq. Estela Marconi - Arq. Juan Frid ★ 2ºcuat. - 2018
UBA, FADU.



22 e 23. *Un proyecto que ambiciona ser barrio, siendo escuela. Un proyecto que pretende, sobre todo, ser el puente entre los dos. Con vista en sus necesidades, tanto de la comunidad como de la escuela, se pre- tende, a través de este plan que contempla algunos programas base (como un SUM, una cocina / parrilla, una mediateca y una sala de reuniones para estudiantes y padres), estrechar lazos no sólo entre la institución y el barrio, así como entre sus alumnos y padres, introduciendo valores de la vida en comunidad, de compartir, de ecosostenibilidad y, sobre todo, de intercambio, sea de conocimiento, aprendizajes, bienes o experiencias.* - excerto da memória descritiva de um projecto para a Villa de Lugano no âmbito do *Curso Interdisciplinario de Urgência Social* da FADU.
24. Maqueta.

ameaças urbanas ou até mesmo para acompanhar o acelerado ritmo de expansão das suas famílias - nem têm de o ser.

Acredito que a solução não resida nem num extremo nem no outro, e que há características de ambas as vias que podem e devem ser implementadas no apoio prestado a estas famílias. Ainda que os bairros de lata, ou qualquer outra forma de um habitar espontâneo, não sejam nunca um problema estático, a sua resposta encontra-se, a meu ver, no equilíbrio correto entre a população e a disponibilidade de todo o tipo de recursos, e é na resolução dessa equação que figura o papel do Estado: o de coordenar, mobilizar e guiar ambos. A confiança mútua deve em primeiro lugar ser trabalhada e reforçada, pois tanto o Estado tende a não reconhecer a capacidade de iniciativa e de organização das populações mais carenciadas, como estas, por sua vez, rapidamente descartam qualquer ajuda fortuita vinda das instituições oficiais ou do governo. Como tal, o primeiro deve fazer um esforço no sentido de reconhecer estas capacidades e intervir de forma e no momento corretos, com uma ação mais próxima das famílias e do terreno, de modo a potenciá-las na resolução dos seus próprios problemas, e não o contrário; as segundas, com o passar do tempo, devem aprender a reconhecer e compreender a natureza e o papel do Estado, cuja ação permite que esta cooperação aconteça, desbloqueando recursos e energia demasiadas vezes ignorados ou desperdiçados.

"Na paisagem tecnificada e impositiva da realidade qualquer discurso arquitectónico sobre a casa terá de reconhecer que esta é, acima de tudo, um processo aberto, uma tática provisória para uma conquista do lugar. E que o último reduto do privado não deve e não pode ser uma submissão aos ditames burocráticos das leis, dos mercados ou das imagens, mas deve ser sempre uma reflexão-digressão sobre a construção da liberdade individual no mundo e a construção de um espaço de relação com o outro"[8].

Ainda que se verifique um interesse crescente pela genuinidade da triunfante revelação da autoajuda e das capacidades de realização popular, sem o envolvimento das tutelas governamentais e institucioanais, a possibilidade deste novo paradigma de "autoajuda assistida" é muitas vezes objeto de debate por parte das grandes organizações e governos, não só na América Latina, mas um pouco por todo o mundo, pelas

8 Bismark, P. (2010). A memória do presente, In Punkto.





25 e 26. Cerca de 500 metros separam estas imagens, Buenos Aires, 2018.

questões éticas e morais que levanta. Além disso, os movimentos locais de entreajuda, frequentemente observados nos processos espontâneos de autoconstrução, tendem a esmorecer na presença impositiva e deliberada de um meio externo. Assim sendo, se e como devem ser operados os meios locais participativos? Até que ponto será considerado legítimo exigir o esforço cooperativo das próprias comunidades locais após longas jornadas de trabalho? Não deveria simultaneamente ser o Estado a impedir a sobrecarga dos cidadãos?

Citando Jeremy Seabrook, seria insensato passar de uma distorção - que os bairros de lata são lugares repletos de crime, doenças e desespero - para a perspetiva oposta de que podem simplesmente ser deixados à sua própria e total responsabilidade[9]. Muitas vezes, o discurso em torno da pobreza torna-se a desculpa perfeita para desresponsabilizar o Estado do dever de a combater, com recurso a expressões como "progresso", "embelezamento" e "segurança". Também a ação das Organizações Não Governamentais é fortemente criticada por ações que, em certos casos, acabam por subverter, desinformar e eludir não só aqueles a quem são direcionadas, como também aqueles que as utilizam enquanto meio: voluntários, estudantes e profissionais. A promoção de um sistema de esmola conduz muitas vezes a uma perda opressiva da consciência dos direitos mais básicos da existência humana, sendo que o habitar em condições mínimas constitui um deles, tão importante quanto o acesso à educação e aos cuidados de saúde. O vulgarizar da exigência e aceitação do socorro ao pobre é um tema delicado, que deve ser controlado tanto por defeito como por excesso, para que possa ser corretamente equilivrado entre os direitos e deveres de ambas as partes, sem acentuar ainda mais a sua clivagem. O pobre detém o direito ao socorro e o estado o dever de socorrer, não o pobre, mas a pobreza.

"En dicha escala ocupa el pobre una posición determinada. El socorro, al que está obligada la comunidad, por su proprio interés pero que el pobre, en la inmensa mayoría de los casos, no tiene derecho a reclamar, convierte al pobre en un objeto de la actividad del grupo, y lo pone a una distancia del todo, que unas veces lo hace vivir, como "corpus vile", de la merced de éste, y otras veces, por tal razón, lo con-

9 Seabrook, J. (1996). In the Cities of the South: Scenes from a Developing World. Nova Iorque: Verso, p. 197.


BIENVENIDOS
LOCAL
16 Y 17

27. Antiga Villa transformada em destino turístico pela cor e materialidade das suas fachadas, *El Caminito* - Buenos Aires, 2018 §

vierte en enconado enemigo suyo."[10]

Seguindo o raciocínio de Georg Simmel, "o pobre, como categoria sociológica, não é aquele que sofre determinadas deficiências ou privações, se não o que recebe socorro ou deveria receber, segundo as normas sociais", o que impede que a pobreza seja definida em termos quantitativos e humanos, mas sim em torno de uma determinada reação social, afastando o pobre de ser outra coisa senão pobre. Paralelamente, o crescente desenvolvimento de políticas neoliberais - que consideram rico o pobre que simplesmente não possui os meios para aceder à sua riqueza - em conjunto com os constrangimentos legais que impedem os moradores dos bairros mais carenciados de serem donos das suas propriedades sem a interferência de terceiros, contribuem para um caminhar em direção à iminência de reconstituir os padrões polarizados das lógicas de controle imperialista, de supremacia de raça ou simplesmente da tentativa de domínio colonial que, talvez, nunca tenha cessado.

A guerra contra os bairros de lata é, e deve ser, inevitável, mas a linha que a separa de uma guerra de controle de e contra os próprios habitantes é ténue. Há inúmeros estudos que classificam o grau de pobreza de um país pelo número de pessoas que habita este tipo de agregados populacionais, enquanto primeira e principal operação organizadora da negociação: útil para determinadas classificações, mas longe de corresponder à realidade. Há, no entanto, poucos e incompletos formulários do mesmo tipo que, ativamente, reúnam informação passível de ser direcionada para esforços conjuntos de intervenção. Este tipo de ação não deveria ser exclusiva de organizações, empresas ou voluntários, mas sim coordenada pelo Governo e informada por uma equipa multidisciplinar e interinstitucional, composta não apenas por arquitectos - que mais do que nunca deverão ser mestres na arte de comunicar - como também por antropólogos, sociólogos e outros estudiosos do comportamento humano. Não abdicando das conquistas da modernidade ou do potencial de um arquitecto-herói, ao reconhecer que o habitar é algo tão fundamental quanto transversal a toda a humanidade, poderemos beneficiar de uma construção coletiva do território, representativa de uma luta por direitos e justiça. O crescimento exponencial de casos dignos de atenção

10 Simmel, G. (2002). Sobre la individualidad y las formas sociales. Quilmes: Editorial UNQ, p. 239.



28. *Da janela de casa,* Buenos Aires, 2018. §

urgente requer a criação de um sistema baseado num processo e não num produto. Nenhum governo sozinho pode, por mais estável que seja, suportar o financiamento de mais do que uma pequena porcentagem dos pedidos atuais de socorro no que toca às questões do habitar. No entanto, ao assumir um papel de coordenador de agentes e facilitador de recursos, e não apenas o de financiador, a capacidade de resposta do governo aumenta consideravelmente.

Todavia, enquanto no Ocidente se espera que uma qualquer medida funcione, na América Latina tende-se a aceitar primeiro que não funciona, e quando funciona, "lançar os foguetes". Uma alteração de mentalidade deverá acompanhar a prática para que esta surta os efeitos desejados na construção social do território, e grande parte dessa alteração passará por um gesto de fé e confiança, tanto da parte do Estado como da própria população. Se é imperiosa a cooperação de todos os homens na organização do espaço, tal participação apenas prosperará quando partilhados o sonho e a intenção, num esforço ativo de colaboração mútua através de uma linguagem compreendida por todos. O espaço não é, nem deveria ser, um simples contentor pacífico e neutro de ações humanas, mas sim um potenciador das relações sociais e culturais, representativo de uma consciência política urbana. "O direito ao espaço é também o direito à participação na invenção de um mundo"[11], e a cidade um campo de batalha no qual se enfrentam a liberdade e a seguraça numa constante disputa por identidade. Acredito que a arquitectura seja sempre um tema político, por intrinsecamente mediar a relação entre o Homem e a Terra e os Homens entre si. Mas será esta uma vontade, ou uma consequência? Conseguirá Arquitectura resolver aquilo que a política não?

"A política é sempre uma descoberta e a primeira decisão política, em qualquer atividade, reside naquilo que se viabiliza e no que se ignora, no que se promove e no que se oculta, no que se diz e no que se cala e a quem se silencia"[12].

11 Caló, S. (2014). Devir autónomo e imprevisto, In Punkto.

12 Montaner, J. M. (2011). Arquitectura y Política. Ensayos para Mundos alternativos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.


CONSTRUYAMOS JUNTXS UNA
ARQUITECTURA
VERO





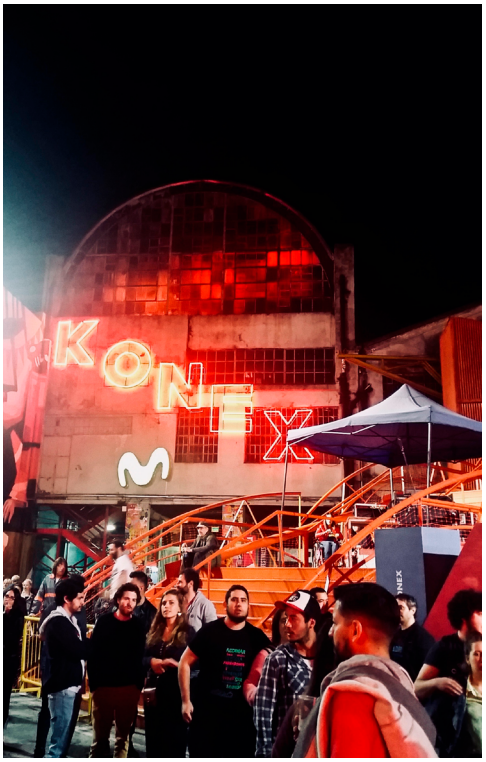
buenos aires.

4.2. a vida (em) comum.

Aprendi do outro lado do Oceano que o espaço é, na relação com o outro, um princípio de comunidade. Não nos relacionamos diretamente com ele, mas sim com o outro e com o mundo através dele. Qualquer *habitat*, independentemente da relação que estabelece com o meio, relaciona indivíduos, na medida em que ser-se humano implica sê-lo em coletividade. No entanto, a comunidade a que chamamos de Humanidade é disputada por sentimentos contraditórios: ao mesmo tempo que progressivamente reconhecemos a nossa interdependência face à deflagração das várias crises económicas, políticas, sociais e ecológicas, os ódios e fraturas entre as diferentes realidades têm vindo a agravar-se exponencialmente. Por um lado, acentuam-se os movimentos de ambição global e, por outro, assistimos à emancipação dos persistentes egoísmos nacionalistas, religiosos, étnicos e identitários. Em pleno cenário neoliberal, a apropriação privada do comum - desde o espaço e património públicos aos recursos naturais - parece colocar em crise a articulação entre o indivíduo e a sociedade. A ideia de comunidade, outrora figura mediadora e identitária, oscila agora entre a insuficiência de identificação e lógicas de emancipação ou ressentimento, polarizando a segregação e marginalização dos vários setores da sociedade.

O comum implica o reconhecimento coletivo em torno de um desejo, apelo ou ameaça, cuja identificação e apropriação permitem projetar no indivíduo a força, a proteção e a presença de um grupo. Em Buenos Aires, a crise generalizada, associada a um sentimento de desorientação, não representatividade e incerteza, intimida e desafia, em igual medida, a dimensão artística, cultural, política e espiritual. Nela, as instituições perderam a capacidade para acomodar os ecos das novas gerações e vagas migratórias, conduzindo à deslocação dos movimentos reivindicativos levados a cabo pelos mesmos para o espaço "público" urbano. Ora, se o povo passa a ocupar o espaço não institucional, denuncia a não democracia levada a cabo pelas instituições, enaltecendo não o desprezo, mas a vontade e necessidade da sua reforma. O propositado isolamen-

29. Encontro Latino-Americano da Arquitectura Comunitária,
30. Clube popular desportivo do Bairro de San Telmo,
31. Comunidade de portugueses em Buenos Aires, sendo a maioria descendente de emigrantes sem qualquer contacto directo com Portugal.
Buenos Aires, 2018. §


KONEX







to das Cidades Universitárias constitui um claro exemplo da tentativa de neutralização político-social por parte do governo, na medida em que tenta calar a voz estudantil, isolando-a da dos restantes cidadãos.

Num contexto marcado por uma tradição oligárquica e uma forte desigualdade social, qualquer luta implica a organização e união dos seus protagonistas, culminando no desenvolvimento de uma cidadania extremamente ativa. Porque o Estado não representa os seus valores nem assegura os seus direitos, por toda a parte surgem comunidades de todos os tipos, sob a força de movimentos que se propagam não por contaminação, mas por ressonância. A propriedade privada pertence ao dono, e a pública ao Estado, por isso, quem não cumprir as regras de um ou de outro, vê-se forçado a encontrar um espaço no qual possa exercer a sua liberdade, sob as suas próprias condições e princípios.

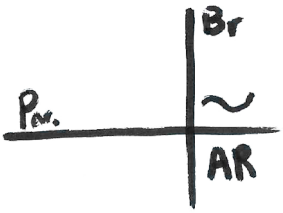
Sociologicamente, o comunitarismo corresponde a uma resposta ao desequilíbrio da vida moderna, incitada pela discrepância entre a liberdade individual e a segurança, fragilizadora dos vínculos humanos. Contra a hostilidade de uma selva imponente e ameaçadora, os vários grupos refugiam-se no calor de uma identidade partilhada, que em conjunto partilha a utopia de uma vida melhor. A democracia torna-se possível a partir do momento em que um único modelo de associação deixa de ser óbvio e serve em uníssono toda a população. É na busca de um "estar entre" que se consolidam os vários modos de vida, produtores da cidade e por ela produzidos, cuja justiça da segmentação dos territórios especializa a exploração e distribuição dos corpos.

32. Centro Cultural *Konex - ocupação espontânea de uma fábrica devoluta.*
33. Residência *Ostinatto* - a primeira onde vivi.
34. *Country-club Los Lagartos* - Condomínio privado estruturado enquanto Cidade-jardim, localizado nos arredores da capital federal.
35. *Eco-aldeia Velatropa, f*undada em 2007 sobre as fundações abandonadas de um eventual pavilhão-extra para a Cidade Universitária de Belgrano.
Buenos Aires, 2018. §



20.08.2018

Combinámos encontrar-nos às 9h, mas o meu despertador tocou uma hora mais tarde, porque afinal as 9h eram 10h, do outro lado da fronteira. Nos 100 metros que separam o meu hostel do dos meus amigos nada muda: a paisagem, o ar, a letra do menu dos restaurantes, a hospitalidade… No entanto, sem que me aperceba, muda o país por debaixo dos meus pés (e a hora). Para a praça onde nos encontramos, já sei que não devo levar o telemóvel, ou entra em colapso. De minuto a minuto, é invadido por simpáticas notificações de boas-vindas seguidas de informações acerca do *roaming*. Momentaneamente, deixa de saber a qual dos países pertence. Ele e eu.



foz do iguazú.

5.2. a praça das três fronteiras.

36. *Limites instáveis*, Foz do Iguazú, 2018. §
37. Esquema de fronteiras.

Em visita à foz das cataratas do Iguazú - fronteira natural entre a Argentina, o Brasil e o Paraguai - testemunhei a comoção de atravessar, pelos meus próprios pés, as primeiras fronteiras sul-americanas. A assertiva verticalidade das quedas de água, contraposta à horizontalidade sinuosa do fluxo do rio, fragmentava com autoridade a unidade milenar da montanha, legitimando de forma irrevogável a divisão que impunha. O elemento mediador de fluxos representava a demarcação de uma interseção de dois planos, que ditavam as margens através das quais se realizam trocas: fronteiras. Tal gesto geológico moldava não só a superfície tectónica como todas as relações de poder que lhe eram adjacentes, com um impacto brutal na vida de quem tivesse a sorte de nascer de um lado ou do outro.

No entanto, na envolvente urbana, linhas imaginárias mimetizavam esta divisão, separando um todo coeso em partes hipotéticas. Uma mesma praça pertencia aos três países, ainda que as fronteiras projetassem nela a perda da esperança de um sentido comum. Ainda que abstratas, as linhas divisórias que a esquartejavam ansiavam por separação. Não delineavam qualquer diferença, mas o simples facto de existirem forçava a busca ativa por motivos para tal divisão. Primeiro traçam-se os limites e mais tarde encontram-se formas para justificar as suas funções.

As fronteiras são apenas linhas, mas vivemos obcecados por elas. Milhões de vidas se perderam para as traçar e a cada dia se perdem outras pela simples tentativa de as cruzar. Num mundo cada vez mais global, em que as consequências práticas das mesmas se vão perdendo, reforça-se o seu simbolismo através da saturação de significados. Recorremos desesperadamente à sua existência e esquecemo-nos de que, por vezes, não passam de uma abstração. Independentemente das linhas que nos separam, ser humano é sê-lo em qualquer parte.



argentina.

salta.

6.1. arquitectura do deserto.

38. *Montanhas disfarçadas de edifícios,* Pumamarca, 2018. §

Arquitectura do deserto, ou desertos de arquitectura?

18.11.18

Hoje conheci um lugar que nunca imaginei existir. Numa pequena vila remota, em plena praça central, um edifício anónimo e discreto despertou imediatamente a minha atenção, pelo aspecto devoluto e apagado, contrastante com o folclore das construções vizinhas. Perguntei de que se tratava, e desde então, ouço em eco a resposta.
Era um convento. Nele era depositada à nascença a primeira filha mulher de cada família, para que ali rezasse pela paz do mundo, em voto de total reclusão e de silêncio, para todo o sempre. A única ponte de contacto com o exterior era uma pequena roldana através da qual se trocava ingredientes por doces, sem que nunca se identificassem as mãos, quer de um lado quer do outro. Apesar de existir uma pessoa responsável por assegurar a indispensável conexão com o mundo real, pouco ou nada se sabia acerca do que se passava para lá daquelas paredes. Imaginei vezes sem fim como seria o desenho daquele espaço. Como será a arquitectura de um lugar fundado sobre a impossibilidade de o habitar humanamente? Será possível concebê-lo enquanto arquitectura a partir do momento em que se dissocia das relações humanas, do diálogo com o meio, da liberdade? Não consigo conceber o desenho das formas de um lugar de silêncio, de eternidade, de prisão. Será um espaço de tal modo disciplinado cujo intuito ascético contrapõe intuitivamente a experiência de comunidade? Ou, pelo contrário, será meramente um espaço inerte, resguardo da contaminação do exterior?
Mais do que morada de permanência eterna, aquele lugar representava a incomensurabilidade do tempo: uma paisagem excluída da história, fora do transcurso do nosso tempo, sem medida comum mas ao seu lado, sem curso ou dimensões cronológicas, sem passado nem futuro.







salta.

7.1. a eternidade sob a forma de lugar.

Pode a arquitectura servir um propósito de ilusão?

39. *Convento ou prisão,*
40. Múmia de uma criança sacrificada por uma tribo da montanha em nome de *Pachamama* - Deusa da Terra,
41. O lugar eterno, Salta, 2018. §



ushuaia

8.2. o fim do mundo.

42. *Estação de serviço*
Fitz Roy, 2018. §

Conduzir na Patagónia requere um cálculo exímio do gasóleo em função das distâncias. Ali, mais do que em qualquer outro lugar, as estradas limitam-se a conectar pontos longínquos, sob a ausência de outros que sem querer pudessem sugerir desvios na rota. Rasgos paisagísticos pró-globalização que, pela urgência utilitária, se sobrepõem aos contornos topográficos através de implacáveis linhas retas. E por não haver outro destino que não o final, não atingível em tempo humanamente útil, à beira da estrada surgem "metadestinos" intermédios, cuja existência serve apenas o propósito de passagem. *Não lugares*: mundos prometidos à individualidade solitária, provisória e efémera, medidos em unidades de tempo. Despidos de identidade relacional ou histórica, existem literalmente sem o seu conteúdo. Os turistas que neles se veem retidos, enquanto potenciais fontes de lucro e rendimento, resumem-se a bens a ser consumidos. A subordinação da vida quotidiana sob a égide do neoliberalismo transforma estes lugares em recintos de entretenimento para uma pequena burguesia abastada, cujo espetáculo permanente entretém. A arquitectura acompanha esta tendência, na medida em que se resume a edifícios-contentor, tão genéricos, anónimos e duradouros quanto as passagens a que se destinam, em estreita relação com o seu fim. É desconcertante a frieza de um (não) lugar cuja existência utilitária se sobrepõe à humana, no qual todas as relações sociais funcionam sob um valor de troca e em que a hospitalidade deixou de ser atributo para passar a ser produto.

**em movimento: arquitectura de passagem.



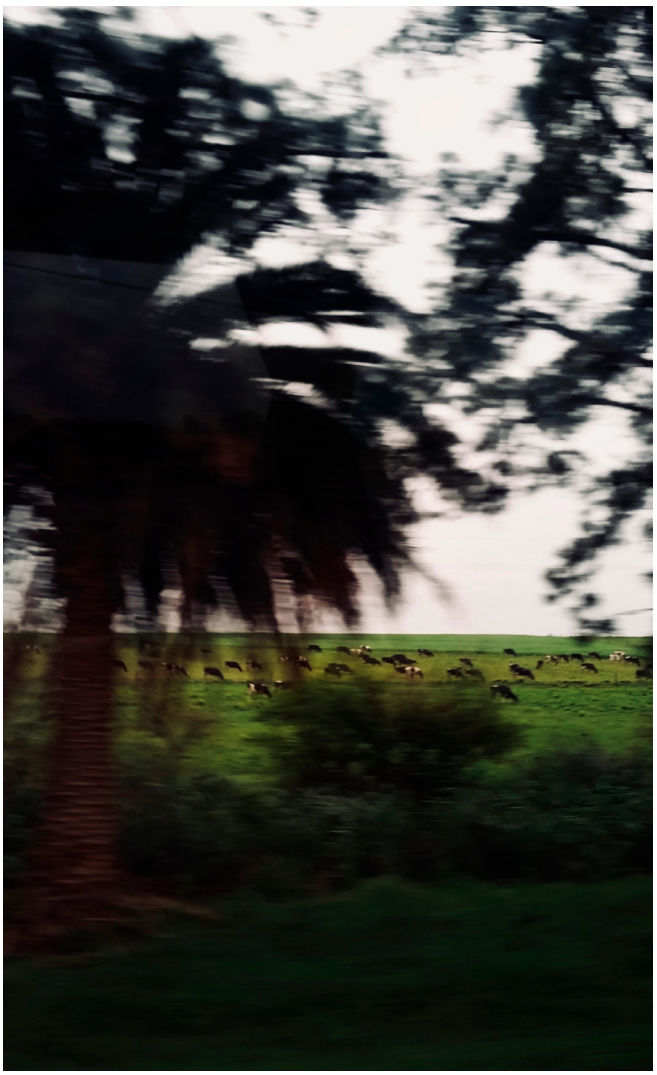
*"portugalidade" em crise.

uruguai.

Em movimento,
colecionei os instantes líquidos de um espaço medido em tempo.
O caminho,
levou-me de volta a casa,
não à minha,
mas à de quem, outrora, nos recebeu.

05.10.2018

Como um cenário, a cidade acontece à minha volta. No entanto, desta vez, dedico a minha atenção à peça.
A janela do carro recorta em proporção constante sucessivas telas que me permitem ver antes do resto. À semelhança de uma fotografia, preservam no tempo um momento, antes que este se apague pela sucessão de outros, mas nenhum de nós fotografa o mesmo. O mundo tal, como ele é, não existe. Nem mesmo o passado está presente, à espera de ser reconhecido ou descoberto, mistificado pelo medo. Agora, estou aqui, caso contrário, seria história.



montevideo.

9.2. em movimento: arquitectura de passagem.

1. *Instante líquido*, Montevideo, 2018. §

Conheci o Uruguai de forma diferente dos restantes países. De uma ponta à outra, as rodas substituíram-me os pés. Num compromisso pragmático sob a forma de movimento, o carro foi o meio através do qual o apreendi cineticamente.

É difícil falar em viagens sem fazer referência a uma ida e a uma volta, mas a verdade é que, neste caso, as paragens não existiam como destino, mas sim como medidores do caminho a percorrer, como se o espaço se fosse transformando em tempo. A existência fluida dava lugar a instantes em que o mundo parecia dilatar-se para o contemplarmos de perto, reduzindo a sua complexidade a pequenos fragmentos. Já a sua sucessão, gerada por uma infinitude de possibilidades e interdições, era guiada por um mapa que nos permitia recortar o território e tomar decisões acerca dos lugares a descartar e dos lugares dignos de desvio.

Numa espécie de devaneio onírico, apreendíamos o espaço sem pormenor, como se de uma escultura se tratasse. Longe da presença dos fantasmas com quem geralmente coabitamos, a subjetividade que aos poucos conquistávamos libertava-nos de uma análise pretensamente universal. A sincronização temporária de estímulos, permanentemente renovados, não nos permitia uma perspetiva que não a pública, nem mesmo conceber o vazio por detrás da propaganda. É impossível absorver o transitório, irrefutável em evidência, mas débil em significado.

Pergunto-me se toda a arquitectura é concebida para ser atentamente contemplada, sendo que a receção distraída é a forma mais comum da sua existência. Constantemente lhe atribuímos um sentido de permanência, em detrimento de um de passagem. Mas será a sua experiência cénica, quase que primitiva, igualmente determinante no desenho de uma cidade? Afinal, esta não passa de um assentamento humano onde estranhos se cruzam, sem nunca chegarem a conhecer-se. Um conjunto de eventos sem passado nem futuro, como esta viagem.

12.10.2018

Navego há meses por outros Impérios, mas hoje, navego pelo nosso: Portugal.
Discreta e melancólica, Colonia del Sacramento respira a "portugalidade" de um lugar sem dono.
Fundada a mando do império português durante o século XVII, de mão em mão entre portugueses e espanhóis até à data da sua independência, pertence hoje aos interstícios de quem nela habitou. Importante na defesa da "América portuguesa", trocavam-se nela humanos por prata. (Como a história se repete...)
As ruas, pacatas, tortas e empedradas, deixam dormir quem nelas vive e sonhar quem as percorre. As casas são baixas, em pedra, brancas, amarelas ou rosa. Os telhados - antigos, as igrejas - caiadas de branco. As portas guardam vestígios de lampiões, de números e apelidos portugueses pintados em azulejos. Os barcos têm nomes de "Beatriz" e os eucaliptos pintam de verde os seus portos. O escudo nacional salpica os casarios e até as placas informativas insistem na tradução em língua portuguesa, como se qualquer português digno de o ser não dominasse o "portuñol".
O Museu de Portugal tinha hoje à porta um papel improvisado que avisava por quem ali passasse: "cerrado por fumigación". O dicionário contou-me que estaria em luta contra qualquer praga.





colonia del sacramento.

10.1. "portugalidade" em crise.

Contra a praga luta o museu, ou a nação?

2. Rancho português, *3. É com certeza uma rua portuguesa,* Colonia del Sacramento, 2018. §

*paredes de fogo.

*itinerâncias de um vagabundo.

*a baleia.

**o espaço cujo Espaço roubou ao tempo.

**neruda. casas com vista de casas com vista para o mar.

***a Cidade Aberta.

**o museu da memória, ou a memória-museu.

chile.

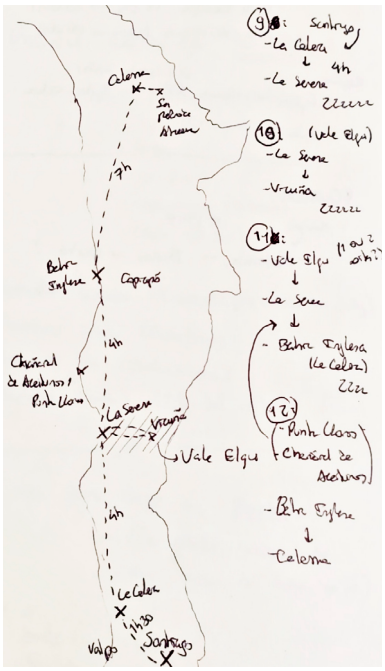
De mundo às costas,
encontrei a lei na liberdade.
Sem rumo ou retorno,
cruzei o homem que não habita arquitectura.

À mercê do vento,
volvi a no saber.
Conheci as mãos de quem experimenta, livre,
o poema de uma arquitectura eternamente inacabada,
que antes de ser habitada,
já era sua.
Pairei por entre memórias que não as minhas,
mas que me impediram de esquecer.
Visitei lugares que, ao partir,
ninguém visitou,
e rodeei-me de sombras sempre que me senti só.
Mas, e quando não há sol,
porque há lua?

08.01.19

Foram cerca de mil os quilómetros percorridos à boleia com o simpático Sr. William pela interminável costa desértica do Chile, e o sol nem sequer se pôs, ainda. São suficientes os dedos das minha mãos para contar o número de vezes em que neles me cruzei com uma forma de vida qualquer.
A naturalidade com que hoje me refiro ao número "mil" assusta-me na exata medida em que me seduz. Na ausência de um lugar de retorno, que importam as distâncias? Não existe longe ou perto quando nada nos espera. Mas quão dependentes somos nós, humanos, dessa espera? Porque é tão sagrado o lugar onde dormimos, assim como aquele onde organizamos, através de uma ordem qualquer, tudo aquilo que materialmente possuímos?
Perdi a âncora do meu teto e não lhe encontro mais a corda. Todas as coisas que possuo pesam agora menos que eu própria e não são estantes, nem paredes: são bolsos que as organizam.
No caso do Sr. William, são três os metros quadrados de casa que possui. O mais engraçado é que nunca tem de regressar a ela. Como a minha mochila, ou como uma sombra, a sua casa persegue-o. Mas por não mais perseguir uma, deixei de a ter?







chile.

calama.

11.1. itinerâncias de um vagabundo.

1, 2 e 3. *À boleia,* Calama, 2019. §

Onde habita o homem que não habita arquitectura?



valparaíso.

12.3. a *cidade aberta*.

4. *Cerro desgreñado*, Cerro alegre - estetizado pela UNESCO por nele se tirarem boas fotografias, Valparaíso, 2019. §

"Valparaíso, qué disparate eres, qué loco, puerto loco, qué cabeza con cerros, desgreñada, no acabas de peinarte, nunca tuviste tiempo de vestirte, siempre te sorprendió la vida, te despertó la muerte, en camisa, en largos calzoncillos con flecos de colores, desnudo."[1]

Anfiteatro sobre o Pacífico, colorido pelas mãos de quem nele assiste, atento, ao caos que repetidamente o inunda, Valparaíso assume sob a forma de cidade um contínuo gesto de abertura. De margens ambíguas e limites incertos, apodera-se da espontaneidade, desordem e improviso de quem permanentemente o constrói, ou imagina.

No decorrer do séc. XX, esse caos intrusivo tomou a forma abafada de conflitos, revoluções e movimentos que, apesar de lhe não pertencerem, o inundaram devagar e sem aviso. O mundo ocidental, mergulhado num contexto pós-guerra cujos efeitos do horror desembocaram numa perspetiva humanista de construção de um Homem e de um mundo melhores, transportava para a América Latina, num papel próximo do de laboratório experimental, as suas inquietações, com um impacto brutal na pedagogia. Colocando em causa a tradição académica assente no modelo convencional de *Beaux-Arts*, por um lado, prevalecia o ímpeto do movimento moderno (ou da sua subversão), que levava certas escolas a formar arquitectos acima de tudo capazes de responder de forma rápida e eficiente à urgência de uma coletividade em transformação. Ao mesmo tempo, outras, à luz da *Bauhaus*, focavam-se na novidade empírica possibilitada pela própria industrialização, permitindo aos seus alunos "aprender fazendo", estimulando o seu carácter sensitivo e intuitivo através de um esforço colaborativo de produção individual entre as várias artes.

É no seguimento do segundo princípio que, em 1952, é fundada a Escola de Arquitectura da Universidade Católica de Valparaíso, erguida pelo Arquitecto chileno Al-

1 Neruda, P. (1988). *Ode a Valparaíso.*







5. *Traços de América*, 6. *Habitar utópico*, Cidade Aberta, 2019. § 7. *Travessia Amereida*, Santiago, 1967.

berto Cruz e pelo Poeta argentino Godofredo Iommi, cuja abertura, sensibilidade e ecletismo permitiriam inaugurar, duas décadas mais tarde e de forma independente, a Cidade Aberta. Fruto da visão audaz de um grupo mais extenso de poetas, arquitectos, filósofos e artistas plásticos, a Cidade Aberta é finalmente fundada em 1971, na sequência de uma viagem pelo interior do continente americano em busca da sua verdadeira identidade: a famosa *Travesía de Amereida*[2]. Dela resultaria a construção de um espaço habitável, produto empírico desse mesmo atravessar, atento ao improviso e à dimensão poética de um continente inerente ao homem que o habita.

No fundo, uma cidade assente em areia, sem lotes nem ruas, campo livre de experimentação no qual estudantes, professores, habitantes e artistas ensaiam o ato espontâneo de um criar tão individual quanto comum. Em tempos antagónicos de decrescente preocupação coletiva e crescente valorização da expressão individual, o espaço público é precisamente o ponto de partida para toda a construção da Cidade Aberta. A Ágora, construção primeira, batizada à luz do termo clássico grego pela empatia das suas funções, serve de exemplo à importância dada ao encontro enquanto ato aglutinador de toda a comunidade. A partir deste e do confronto de ideias, procura libertar todos os intervenientes dos seus preconceitos em prol da abertura associada ao pensamento crítico, individual e presente. Também as *hospederías*, ainda que espaços de habitar, refletem a importância do ato de reunião e de partilha na conceção de um sistema sustentável. Para além da própria experiência construtiva, através de performances, jogos e cerimónias, num regime inclusivo de vida, trabalho e estudo, nela experimenta-se o ato poético[3] como catalisador da exploração sensível e intuitiva.

"La poesía se encuentra en la raíz de la libertad; en su doble giro de reconocimiento del caos de donde brota el hombre y de la luz con la cual un mundo puede ser ordenado. En este sentido ella es siempre creadora puesto que desvela la condición «poética» del

2 Realizada anualmente por um grupo de alunos e professores, tem por objetivo a observação e redescoberta da própria identidade americana, que culmina na construção de um espaço, que devolve a uma dada comunidade o produto desse mesmo percurso. A primeira, que uniu a Terra do Fogo (Patagónia Chilena) a Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) deu origem ao poema da "Amereida" que, passível de múltiplas interpretações, serve de base ao manifesto da Escola de Valparaíso.

3 A poesia, enquanto narrativa aberta e de acordo com o seu sentido etimológico, é originalmente entendida como um ato livre de provocação e partilha de um modo de encarar, refletir e atuar sobre a mesma realidade.



chile.

8. *Habitar o improviso,*

9. *Ato poético,* (pág. seguinte). Cidade Aberta, 2019.

hombre. (...) Está en el mundo de donde surge, pero se encuentra fuera de ese mundo."[4]

Ao anular o preconceito em detrimento da imaginação, a potência reveladora da poesia assume-se vital ao processo intuitivo de construção posto em prática na Cidade Aberta, cujo território dunar, virgem e à mercê dos fortes ventos que incessantemente o transfiguram e apagam qualquer rasto de intervenção, se revela eternamente disponível ao redesenho e à transformação.

"En buena parte de él, su suelo es arena; los actos poéticos dicen que ella no es agua ni tierra, que está a merced del viento, que es en sí misma y que se tiene por estéril pues nos deja en la intemperie borrando toda huella; la arena nos advierte, así, de no radicarnos en conocimientos adquiridos que vengan a filtrar lo que estemos por conocer, vale decir, nos advierte de esa disponibilidad o continuo, incesante volver a no saber que no es –se entiende– permanecer en ignorancias, sino la postura que oye y rima la palabra poética."[5]

Este desprendimento em relação ao conhecido e a abertura face àquilo que está ainda por conhecer, oferecem a liberdade de um pensar arquitetónico autónomo, concentrado nas relações formais descobertas através da observação e da experiência artesanal, reproduzidas sob a forma de um ato poético infinito que a cada obra coloniza e assinala um território para sempre inacabado[6]. As construções que tomam lugar na Cidade Aberta recusam a dimensão de permanência. O seu desenho, assim como o seu local de implantação, não são determinantes no futuro da obra, eternamente exposta à intempérie da vida - variável igualmente incerta para aqueles que as habitam. A própria condição de abertura leva a um constante debate e a uma permanente reinterpretação, que colocam em evidência o reflexo crítico acima de qualquer tendência ou expressão comunicativa carentes de conteúdo ou intenção teórica, valorizando o processo e enriquecendo a aprendizagem.

4 Iommi, G. (1976). Carta del Errante. Valparaíso: Escuela de Arquitectura UCV.
5 Silva, P. C. (2007). La Ciudad Abierta de Amereida: Arquitectura desde la Hospitalidad. (Tese doutoramento). Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, p. 68.
6 Montaner, J. M. (2008). Sistemas Arquitectónicos Contemporâneos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 141.







10. *Sombras habitáveis*, Cidade Aberta, 2019. §

"Poder-se-ia perfeitamente pensar que esta fuga da necessidade segura e sólida e esta tendência para o ambíguo e o indeterminado refletem uma condição de crise do nosso tempo; ou então, ao contrário, que estas poéticas, em harmonia com a ciência de hoje, exprimem as possibilidades positivas de um homem aberto a uma renovação contínua dos seus esquemas de vida e saber, produtivamente empenhado no progresso das suas faculdades e dos seus horizontes."[7]

"Mudar a vida, não o Mundo"[8]. É fácil emitir um juízo precipitado acerca deste princípio, facilmente interpretado como radical ou alienado, dado o conturbado contexto geográfico em que se insere. A Cidade Aberta surge em plena crise político-social cujos efeitos devastadores afetaram, e continuam a afetar, grande parte da população chilena, sendo Valparaíso um forte testemunho dos mesmos. No entanto, desvinculada de contingências históricas ou materiais, torna-se difícil considerá-la um lugar enquadrado num tempo e num espaço específicos. Por outro lado, não deixa de possuir um território físico no qual a ação se desenrola cronologicamente, afastando-se assim da definição de utopia cuja condição primeira implica que esta constitua uma representação ideológica alternativa. Pela falta de densidade que a impede de pertencer à realidade mundana, mas que ainda assim lhe permite existir num contexto próprio, chamemos-lhe antes um "sem-lugar". À semelhança de um espelho e no espectro do conceito de heteropia[9] proposto por Michel Foucault, ela existe fisicamente ainda que o seu reflexo não pertença ao domínio do real[10]. É nesta condição que reside o verdadeiro potencial de um campo livre de experimentação como o da Cidade Aberta. Fora de todos os lugares, mas ainda assim com uma localização exata, a imagem do espelho permite-nos, contrariamente ao ecrã, assistir ao nosso reflexo, dentro de um espaço e de um contexto fisicamente ocupados por nós. Como uma miragem ou janela que, apesar de real, nunca encontra o seu lugar, o seu não-estar serve de prova ao que

7 Eco, U. (1989). Obra aberta. Lisboa: Difel, p. 60.
8 Em conversa com um docente da Faculdade de Arquitectura de Valparaíso, aquando a minha visita à Cidade Aberta, fui confrontada com este pensamento (com o qual me voltei a deparar, mais tarde, em leituras acerca da mesma). A minha interpretação daquele lugar (e de outros) desenrolou-se atribuladamente a partir dele.
9 Lugares utópicos na sua génese, mas que ocupam fisicamente um território.
10 Foucault, M. (1984). Of other spaces: Utopias and Heteropias. Journal Architecture/ Mouvement/ Continuité, p. 4.







11. *Playground*,
12. *Ágora*,
13. *A cozinha*,
Cidade Aberta, 2019. §

vai estando[11]. Apesar de alienada do contexto real que lhe é contemporâneo, assume uma condição de idealização da realidade cujo papel é fundamental à sua própria construção, influenciando-a e motivando-a através de uma proposta mais próxima de uma forma ideal de estar no mundo. Na superação dos limites do corpo, liberta-se o exercício de projeção utópica e a possibilidade infinita do desenho onírico.

Talvez não um lugar, mas um Homem melhor. Despindo-se da tendência instrumental do mundo moderno, os membros da escola de Valparaíso ambicionam, através da exploração das suas próprias vidas, atingir uma relação mais humana com a arquitectura, possibilitada pelo estímulo de uma visão crítica, sensível e intuitiva, transversal a todo e qualquer habitar humano. A dissolução dos limites entre aprender, construir e viver constituem o carácter erótico desta experiência pedagógica inclusiva, que valoriza a viagem como parte fundamental do processo criativo. Contrariamente à tendência instrumental que caracteriza a pedagogia ocidental, ao institucionalizar a busca e a concretização autêntica da condição poética que sustenta o homem, possibilita-se a constante conceção de novas subjetividades, em detrimento da herança de uma verdade absoluta despida de teor crítico ou consciência operativa. Saber agir dentro de um laboratório em circulo fechado, desvinculado do plano em que a vida se desenrola, não implica necessariamente a inoperância num contexto real, uma vez que permite o desenvolvimento de uma aproximação transversal e compatível com as várias e diferentes esferas que compõem o mundo imprevisível que enfrentamos.

Em tempos de resposta coletiva e indiferenciada ao cinzento das massas que caracterizam a sociedade atual, pergunto-me se um regime emancipatório de internamento pessoal e a não-resposta às mesmas constituem um defeito ou o reconhecimento das suas variadas cores. A individualidade nunca pôs em causa a vida em comunidade. O individualismo, sim.

"El artista se encuentra siempre en esta ambigüedad, incapaz de negar lo real y, sin embargo, eternamente dedicado a discutirlo en lo que lo real tiene de eternamente inacabado."[12]

11 Iommi, G. (1983). De la utopia al espejismo. Revista Universitaria Pontificia Universidad Católica de Chile, nº 9, p 1.
12 Camus, A. (1957). El artista y su tiempo. Suécia: Conferência na Universidade de Uppsala.



valparaíso.

13.2. neruda. casas com vista de casas com vista para o mar.

14. *Janela de barco que avista terra*, Casa *Sebastiana* - Valparaíso, 2019. §

Foram três as casas de Pablo Neruda que visitei ao longo da minha estadia no Chile. Apesar de já o idolatrar como poeta, foi a excentricidade com que ordinariamente se cruzaram no meu caminho que me levou a conhecê-las. A de Valparaiso captou particularmente a minha atenção.

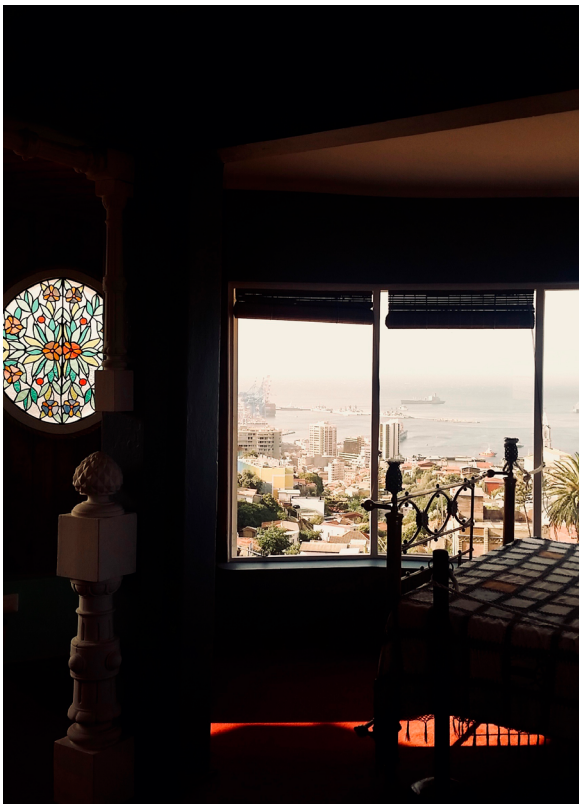
"Siento el cansancio de Santiago. Quiero hallar en Valparaíso una casita para vivir y escribir tranquilo. Tiene que poseer algunas condiciones. No puede estar ni muy arriba ni muy abajo. Debe ser solitaria, pero no en exceso. Vecinos, ojalá invisibles. No deben verse ni escucharse. Original, pero no incómoda. Muy alada, pero firme. Ni muy grande ni muy chica. Lejos de todo pero cerca de la movilización. Independiente, pero con comercio cerca. Además tiene que ser muy barata ¿Creen que podré encontrar una casa así en Valparaíso?"[1]

Antes de a habitar, já era sua.

Cumpridas quase na totalidade as exigências da sua busca, a obra incompleta do construtor espanhol Sebastian Collado no Cerro Bellavista, abandonada pela sua morte, viria a ser a casa predileta de Neruda, habitada até ao final da sua vida. No entanto, do ponto de vista do poeta, possuía dois defeitos: por um lado, era demasiado grande; por outro, faltava-lhe um piso. O primeiro, resolveu-o convidando um casal de escultores amigos para a dividir consigo e com a sua terceira mulher; o segundo, vestindo a pele de arquitecto (e sonhador), solucionou-o pelo traço do projeto para uma torre.

O antigo proprietário, apelidado de "poeta de construção" pelo poeta de versos, Neruda, é perpetuado no nome da casa: *La Sebastiana.* Excêntrica, como o primeiro, rapidamente se tornou numa coleção de coisas, e de casas, numa casa só. Com o passar do tempo, a palavra "coleção" acabou por adquirir mais protagonismo do que o próprio

1 Carta de Pablo Neruda escrita em 1959 à sua amiga e poeta Sara Vial.





15. *Vista de cidade com vista para o mar,*
16. *Reflexos do exterior,*
Casa *Sebastiana* - Valparaíso, 2019. §

arquitecto, ou tentativas de arquitectura por parte daqueles que nela foram intervindo. Quadros pintados por ex-mulheres, murais construídos pelo casal cohabitante, aves embalsamadas da Venezuela, cavalos de antigos carrosséis parisienses, mapas, frascos e poltronas vindas de todas as partes do mundo faziam parte da casa, tanto quanto a casa permitia que existissem, na mais conflituosa sintonia. O estatuto instável dos vários objetos que ocupavam aquele edifício, carregados de vida e de histórias, permitiam ao espectador atento uma perspetiva individual e intersubjetiva, aberta ao acaso e à aventura da interpretação. Aquilo que a arquitectura, na sua abertura e silêncio emancipatórios havia deixado por dizer, era complementado pelo encontro com o habitante: intérprete criador. Através do exercício do seu corpo e mente, assim como o desenvolvimento autónomo dos seus hábitos e interesses, este adquiria uma presença singular e autoral. A par disso, a dissolução natural entre espaços de ócio e trabalho, descanso e confraternização, desenvolvia o afeto pelo mundo e a expressão individual, capaz de reconfigurar a paisagem do percetível e do pensável. Palco de sucessivos encontros e intensa vida social, a casa era encarada não enquanto bastião da propriedade privada, mas sim como ponto de partida para o fomento de uma comunidade, dando sinais de uma revolução estética que antecedia, timidamente, uma revolução social. Aquilo que antes eram peças de coleção pessoal transformara-se em laboratório coletivo, potenciador de um posicionamento e discussão. Ao desvincularem-se do seu ímpeto decorativo, o autorretratato que desenhavam deixara de ser casa para passar a ser museu.

Mais do que recipiente das várias, a casa era em si coleção. Talvez a prova fosse que nem as janelas com vista para o mar o viam. Viam, sim, as casas com janelas que viam o mar. Era fascinante a variedade de planos que colecionavam, nos quais o mar adquirira uma presença crescente em altura, mas decrescente em atenção. O próprio enquadramento adquiria formas várias, das puras às orgânicas, às claraboias de barco que avistavam terra. Uniam e separavam em igual medida o mundo interior do exterior, tornando-se difícil decidir qual deles teria o arquitecto escolhido desenhar.

Se uma janela é quadro do mundo, então o arquitecto é pintor. Interrupção pontual da cegueira arquitectónica, o vão é fronteira que nos une e separa do meio exterior, aparato ótico que permite ver sem ser visto. A escala irónica do seu quadro incita

para sebastiana.
pablo neruda.

"Yo construí la casa.

La hice primero de aire.
Luego subí en el aire la bandera
y la dejé colgada
del firmamento, de la estrella, de
la claridad y de la oscuridad.

Cemento, hierro, vidrio,
eran la fábula,
valían más que el trigo y como el oro,
había que buscar y que vender,
y así llegó un camión:
bajaron sacos
y más sacos,
la torre se agarró a la tierra dura
-pero, no basta, dijo el constructor,
falta cemento, vidrio, fierro, puertas-,
y no dormí en la noche.

Pero crecía,
crecían las ventanas
y con poco,
con pegarle al papel y trabajar
y arremeterle con rodilla y hombro
iba a crecer hasta llegar a ser,
hasta poder mirar por la ventana,
y parecía que con tanto saco
pudiera tener techo y subiría
y se agarrara, al fin, de la bandera
que aún colgaba del cielo sus colores.

(...)

Algo pasa y la vida continúa.

La casa crece y habla,
se sostiene en sus pies,
tiene ropa colgada en un andamio,
y como por el mar la primavera
nadando como náyade marina
besa la arena de Valparaíso,

ya no pensemos más: ésta es la casa:

ya todo lo que falta será azul,

lo que ya necesita es florecer.

Y eso es trabajo de la primavera."





chile.

17. Página do diário escrita em visita à casa-museu, 18. *Vão de escadas*, Casa *Sebastiana* - Valparaíso, 2019. §

constantemente a visita da brisa ou de um raio de luz, mas condena ao isolamento os corpos de ambos os lados.

Na casa de um poeta, a janela inicia com o mundo uma troca de imensidade. Mas afinal, quem escolhe o que se vê através delas?



santiago.

14.2. o museu da memória, ou a memória-museu.

19. *Fragmentos de memória, Museo de la Memoria* - Santiago, 2019.

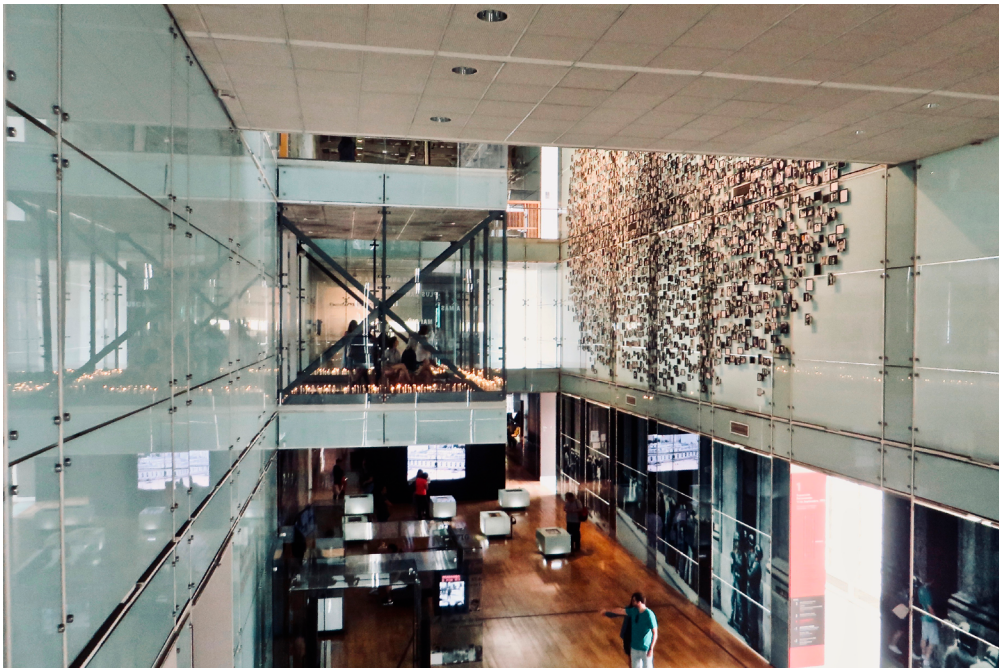
As memórias são figuras que pairam em órbita incerta, instantes irrepetíveis de realidade e ficção. Por nos permitirem a noção de espaço, são também alicerces da arquitectura. No fundo, esta funciona como memória em diferido, cuja complexa narrativa de fragmentos de mundo regula a forma como concomitantemente nos movimentamos. Sabemos quem somos e onde pertencemos através dos espaços que, ao longo do tempo, acolheram as nossas vivências e nos permitiram criar memórias.

Durante o movimento moderno, a importância adquirida pela presença do passado no presente teve por consequência um olhar mais atento e estruturado sobre o tempo que já passou. Consequentemente, a noção de coleção e de arquivo foi adquirindo protagonismo e, gradualmente, surgiu o interesse de enclausurar os inúmeros e variados tempos num espaço capaz de os conter a todos, num tempo só e "guardável": o Museu. À arquitectura, cabia-lhe a árdua tarefa de tornar esse tempo imóvel, perversamente contemplável aos olhos de qualquer tempo. Ao arquitecto, a de colocar mnemonicamente à disposição o acervo comum jamais perdido, transpondo sob a forma de linguagem a escala inteira dos estremecimentos humanos.

Em Santiago do Chile, onde é popular o provérbio "Un país sin memoria es un pueblo sin historia", tive a oportunidade de visitar O *Museo de la Memoria*, cujo principal objetivo era o de impedir de esquecer. Nele, o alerta às gerações pós-ditadura estava claro, mas o mérito não era exclusivo do seu conteúdo: partilhava-o com a própria arquitectura, que nos permitia comover com uma memória que não nos pertenciam.

Construido em 2010, vencedor de um concurso público, foi desenvolvido por uma equipa de arquitectos de São Paulo: Mario Figueroa, Lucas Fehr e Carlos Dias. A premissa passava pela criação de um espaço destinado a dar visibilidade às violações dos


MUSEO DE LA MEMORIA
Y LOS DERECHOS HUMANOS
MUESTRA PERMANENTE
MEMORIAS INDÍGENAS
MMDH



20. *Museo de la Memoria* - exterior,
21. *Museo de la Memoria* - interior,
Santiago, 2019. §

direitos humanos cometidas pelo Estado Chileno entre o golpe de estado de 1973[1] e os dias de hoje. O intuito era não só dignificar as suas vítimas como também estimular à reflexão e ao debate, de forma a que nada de semelhante voltasse a suceder nas gerações futuras.

Arquitectonicamente, o museu organizava-se em dois momentos: a base e a barra. O primeiro, de responsabilidade urbana, garantia a permeabilidade total do quarteirão, que incorporava, transformava e participava democraticamente na vida da cidade. O segundo, o espaço museológico propriamente dito, elevava-se sobre a mesma através de um gesto claro e emancipador, cuja assertividade e transparência deixavam à mercê a memória a convite da apropriação. No seu interior, estavam expostos objetos, fotografias, documentos, testemunhos e arquivos em todo o tipo de suportes e formatos, inclusive tecnológicos, inovadores do ponto de vista visual e sonoro.

No museu de Santiago, a estratégia de passagem de memória da personalidade coletiva a memória individual passava pelo encontro experimental intenso e didático, que deixava em aberto um ambicioso espaço de reflexão guiada, em consequente debate. De carácter não linear, recorria à memória como processo subjetivo: ainda que o seu objeto arquitectónico atuasse dentro do seu próprio tempo, deixava para trás pistas que permitissem ao utilizador apoderar-se da memória de tempos outros, constituindo prova de que a arquitectura é memória, tanto quanto a memória pode ser arquitectura, quer nos pertençam quer não, uma e outra.

1 A 11 de Setembro de 1973, dá-se no Chile um trágico golpe de estado que retira Salvador Allende do poder e declara o fim do Estado de Direito. Segue-se uma ditadura militar encabeçada pelo general Augusto Pinochet cuja extrema repressão e autoritarismo levaram à morte, tortura e desaparecimento de dezenas de milhares de chilenos.

12.01.19

Há três tipos de habitantes neste espaço. Os que o observam, os que nele navegam e os que o ousam decifrar. Eu cheguei ontem e gosto de acreditar que pertenço aos segundos.

Agricultores. Curiosos. Senhores astrónomos.



valle del elquí.

15.2. o espaço cujo Espaço roubou ao tempo.

22. *Fértil acaso*, Valle Elquí, 2019. §

Quem visita este lugar remoto das planícies chilenas, em momento algum ousou visitá-lo. Ao partir, ninguém o visitou.

Privilegiado ponto de observação estrelar, nele o espaço pertence ao Espaço, mais do que alguma vez pertenceu à Terra. Nos interstícios que medeiam ambos, estamos nós: seres pensantes que ordenam o território, mas também o céu.

A ancestral sede de compreensão da nossa frágil morada levou os antigos a agrupar estrelas em figuras que lhes permitissem comunicar. A inocente e centralizante perspetiva que tão bem caracteriza a nossa espécie levou-os a acreditar que também seriam figuras as responsáveis pelo suporte da grande tenda celeste que nos permite existir, e se afasta a cada tentativa de aproximação.

Não nos culpo, Humanos. Talvez a nossa insignificância se resuma apenas a uma questão de escala, cujo referencial máximo é aquele que nos permite o entendimento sobre todas as coisas, principalmente aquelas que nos relacionam com o espaço que não escolhemos habitar. É esse o problema das escalas, enfatizam apenas aquilo que queremos ver. E quando não conseguimos compreender o espaço, atribuímos-lhe características de tempo. É mais fácil concebê-lo como intervalo do que como ponto em que não há. O universo observável tem um diâmetro aproximado de 93 mil milhões de anos-luz, assim como eu vivo a dez minutos do mar.

Pergunto-me se algum dia a Arquitectura será *Babel*. Universo de conceitos, curiosa de quem somos e organizadora nata daquilo a que chamamos espaço, também, é-nos casa quanto casa o Cosmos lhe é. Ao possibilitar a existência ordenada na imensidão que nos é desconhecida e infinitamente maior, gera interstícios de diálogo que permitem ao Homem viver e criar. Será ela a torre cuja ambição desmesurada nos permitirá, um dia, viver em comunhão?





chile.

chañaral de aceitunos.

16.1. a baleia.

Um corpo no espaço, ou o espaço de um corpo?

23. Galeria da Biodiversidade - Casa *Andersen,* Porto.
24. *A baleia azul*, Chañaral de Aceitunos, 2019. §

18.01.2019

Rodeio-me de sombras, antes de as paredes me rodearem a mim. Sob o calor do deserto mais seco do mundo, as primeiras parecem valer mais do que as segundas, e ser em si lugar de habitar. A sombra, aparente consequência da parede, recusa a inevitabilidade do papel de efeito e rouba à causa o seu protagonismo. Mas quando não há sol, porque há lua, quem desenha a Arquitectura? No escuro, não existem sombras para além das nossas. Sem a necessidade de buscar outras, funde-se o dentro e o fora. As paredes despem-se da fisicalidade e assumem a forma de fogo - ancestralidade do *habitat* humano, fonte de prazer sensorial primário. Perante a infinidade das dunas - vácuo existencial - as ações parecem circunscrever espaços sem necessitar de recorrer a elementos físicos. Será a experiência do espaço o fator que determina o espaço da experiência?



chile.

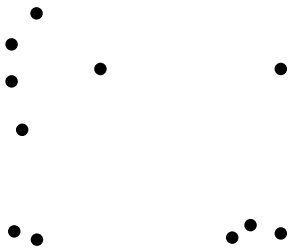
atacama.

17.1. paredes de fogo.

25. *Infinitude*, Deserto do Atacama, 2019. §

Se o espaço não tem limites, o que o impede de se estender infinitamente?

*labirintos de corpos poetas.
**as intermitências de uma arquitectura perene.
**não-pontes. **os *cholets*.
**arquitectos de outros mapas.
*uma pedra no caminho de outra.
***desertos de céu e casas de sal.



bolívia.

As pedras no caminho já não me impedem de avançar,
nem a imensidão dos desertos me rouba a miragem de um horizonte alcançável,
por entre o sol e o sal que ergue e constrói.

A memória de um passado infeliz faz-me contorcer de vergonha,
mas encontro nos corpos uma dança que agora ouso decifrar.

Aqui a arquitectura não dura para sempre,
como duram os sonhos de alguém.
Ainda assim, ousa o que a política não,
cruzando as margens que o universo ditou separar.



uyuni.

18.1. uma pedra no caminho de outra.

1. *Casa (na) pedra*, Uyuni, 2019. §

Arquitectura: espelho da natureza?



salar de uyuni.

19.3. desertos de céu e casas de sal.

2. *Man as a being in the world possesses no original place in it; nor does he have some predetermined biotope that awaits him like some cozy ecological nest; nor yet does he have a specific place on the planet that serves as the objective extension of his instincts. The world into which he is tossed is a world that is at first sight foreign and hostile, which offers no particular, welcoming place to his kind. It is clear, in these conditions, that the human need for a habitation proceeds not only from his technical skills as 'homo faber', and from his pas- sion for building an artificial world within which he can enjoy that spontaneous familiarity with the world which appears to be given to animals at birth, but not to humans,* in Bohr, Marco (2002). New forms of collective housing in europe. Basel: Birkhäuser, p. 41.
Salar de Uyuni, 2019. §

"La civilización occidental se complace en considerar que es "la civilización" sin más (con todo lo que ello representa) y que todo lo que no se le parece es una "desviación", menos "avanzada", "primitiva", o como mínimo no tiene más que un interés exótico, para apreciar desde lejos. Sin embargo, la civilización occidental - que altivez! - no és más que un caso particular entre una multitud de casos particulares, cada uno de los cuales saca partido a su manera de las posibilidades que le son propias."[1]

O *Salar de Uyuni* é o maior e mais alto deserto de sal do Mundo, estendendo-se por cerca de onze mil metros quadrados a três mil e quinhentos de altitude. É o único ponto brilhante do planeta - quando observado desde o espaço - e quem quer que nele se perca dirá que é infinito. Como em qualquer outro (deserto), são raras as formas de vida que nele se atrevem, à exceção de um ou outro cato, ou bando de flamingos de um rosa peculiarmente atrevido, dado o contexto.

Os escassos seres humanos que o habitam, por entre caminhos sem nome e cabanas sem número, sobrevivem da exploração do sal ou do turismo em torno da mesma. No deserto, nenhuma direção é primária, e os assentamentos que nele existem tendem a contrariar a imensidão avassaladora que os rodeia. Por ocasionalmente pontuarem uma vastíssima e homogénea paisagem, destacam-se enquanto figura do seu contínuo pano de fundo, e é no confinamento e densidade que encontram um lugar de pertença, do qual se pode sair, entrar, ou simplesmente "estar dentro". A sua condição de isolamento enfatiza as características do meio, que adquire um protagonismo evidente na construção de qualquer *habitat*. No entanto, como afirma Norberg-Schulz acerca de um mesmo habitar, num outro deserto, em *Genius Loci,* esta não constitui em si mesma condição suficiente para satisfazer as necessidades de identificação do Homem. Ainda que a adaptação e familiaridade com o meio num contexto tão árido sejam

1 Van Eyck, A. (1969). El interior del tiempo. Artigo originalmente publicado no livro colectivo Meaning in Architecture. Londres: Barrie & Rockliff the Cresset Press, p. 349.





3 e 4. Interiores de sal, *Salar de Uyuni*, 2019. §

determinantes na construção de qualquer espacialidade, prevalece a necessidade de criação de um mundo artificial próprio. Ser-se humano implica ser-se autoconsciente de uma estrutura psicológica e social significativa, à qual retornar enquanto explorador, seja a partir da construção de novos interiores, seja através da propagação de uma mensagem expressa em símbolos[2].

"Meanings are in the people, not in objects or things. The question is how meanings can be encoded in things in such a way that they can be decoded by the intended users."[3]

O homem é um ser cultural, e a forma como este interpreta e atua sobre o contexto em que se insere - natural ou construído - adapta-se às circunstâncias através de uma relação de simbiose com o meio, o qual influencia e do qual depende. Esta, a par com as tradições, crenças e significados atribuídos à natureza, que em conjunto definem a cultura de um determinado grupo, contribui para a formulação de um carácter comum, com repercussões significativas na sua expressão coletiva. Sob uma crua análise, essas expressões terão génese e desenvolvimento individuais, mas no fundo baseiam-se em experiências passadas que, em conjunto e enquadradas num determinado tempo e espaço, associam entre si os indivíduos que as partilham e esboçam os valores sob os quais diariamente nos movemos.

Como tal, as paisagens refletem e influenciam as preferências de um grupo, mas no caso de um deserto, onde o terreno é infértil e a escassez determinante, esta relação é submetida a uma dura prova: a casa deixa de ser apenas um lugar de retorno - ou dormitório - para passar a ser o ponto de referência para toda e qualquer ação diária. Enquanto na cidade, por exemplo, o habitante regularmente se dirige ao seu local de trabalho, vai às compras, faz parte das suas refeições fora e socializa no café, num deserto, estas rotinas circunscrevem-se a um raio muitíssimo limitado. Além disso, a relação dos espaços internos com o movimento da rua difere certamente da relação desses mesmos espaços com o vazio do deserto. A casa, instituição mais do que estru-

2 Norberg-Schulz, C. (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Rizzoli, p. 135.
3 Rapoport, A. (1990). The meaning of the built environment. A nonverbal communication approach. Arizona: The University of Arizona Press, p.19.



5. *Vizinhança*, Uyuni, 2019. §

tura[4], desempenha assim o papel de contentor físico de um variado leque de propósitos, servindo não só as necessidades de abrigo do Homem, como também aquelas que derivam da sua existência simbólica. Segundo Amos Rapoport, se as primeiras constituem a função passiva da casa, então a sua função positiva passa pelo propósito de criação de um ambiente que sirva o melhor possível a forma de viver de uma determinada comunidade - por outras palavras, uma unidade social de espaço[5]. Por enquadrar e ser enquadrada numa cultura, a sua forma é simultaneamente limitadora e limitada por um conjunto de conhecimentos, tradições e costumes que, por sua vez, restringem a liberdade de ação e desenho. No entanto, apesar de todos os constrangimentos físicos, exigências do meio e limitações tecnológicas, a grande diversidade das construções humanas é a prova de que, independentemente do rigor dos critérios, existe a possibilidade de escolha, e é nessa escolha que reside o papel da cultura.

Efetivamente, habitar um deserto nem sempre é fácil. Pelas suas propriedades cósmicas, características climatéricas exigentes, monotonia topográfica e escassez de recursos, trata-se de um meio impiedoso que, apesar de oferecer ao Homem a vida, o abandona nessa tarefa, e o deixa a sós no ato de construir. Nele, habitar transforma-se num problema cuja resposta deve ser tão simples quanto eficaz: um introvertido apontamento humano num espaço infinito, que reduz a arquitectura ao seu essencial. O Homem, privado de alternativas que não a aceitação do meio e dos seus elementos, vê-se obrigado a ser criativo na forma como organiza e constrói o espaço. A pobreza dos recursos não impede a riqueza da sua expressão, sendo necessário um esforço de relativização de critérios ao julgá-la como tal. Aquilo que, de acordo com os cânones "ocidentais", possa parecer elementar e tecnologicamente pouco desenvolvido, não deixa de ser resultado das técnicas mais avançadas e recursos mais valiosos de uma determinada cultura, igualmente ambiciosa e pensante, dentro das suas limitações. Por definição, "a pobreza constitui uma condição multidimensional de privação que ultrapassa o nível económico para se estender a reflexos socioespaciais"[6], e ainda que seja impossível encontrar ética na escassez, é necessário reajustar o espectro ao inter-

4 Id (1969). House Form and Culture. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, p.46.
5 Ibidem.
6 Fernandes, A. L. (2015). Entre remediar e solucionar. A estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza. São Tomé e Príncipe como laboratório. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.5.




APRESTURCO
Q.G.
Laguna Verde

6. *Não-vizinhança*,
7. Visita à *Laguna Verde*,.

8. *Piquenique* (pág. seguinte), *Salar de Uyuni*, 2019. §

pretar diferentes realidades. Por exemplo, no idioma japonês, não existe uma palavra que defina a pobreza no sentido depreciativo, e isso talvez se prenda com a atribuição cultural de significados positivos à simplicidade e ausência de posses materiais[7]. A elementaridade de uma construção nem sempre implica a sua anomalia ou irracionalidade, podendo apenas incorporar um sistema distinto de regras, necessidades e expectativas. Será legítimo chamar de pobre à casa da família mais rica dentro da sua comunidade, ainda que construída com sal? Ou de precária a outra que responda na íntegra a todos os desafios colocados por quem nela habita? No limite, será mais pobre aquele que, como nós, necessita de dinheiro para sobreviver.

"Most people in the world live in buildings that never have been touched by architects. Through history 99% off all buildings were built without the aid of architects. About 50 years ago architects discovered the ordinary. (…) They declared the ordinary was in the range of architecture."[8]

A história da arquitectura, ou pelo menos a mais vulgarmente escrita e contada no mundo ocidental, tem vindo a desprezar a arquitectura dos (não) arquitectos, assim como a daqueles cuja ênfase não está neles próprios, mas sim nos moradores ou na comunidade. Ao longo desta, os edifícios nobres - fundamentalmente os públicos ou sagrados - foram detalhadamente registados, e a grande maioria - os domésticos - permaneceu em esquecimento, sob a ausência de crítica ou modelo próprios. As construções ditas vulgares, espontâneas, anónimas ou nativas, consideradas marginais se não mesmo insanas, foram várias vezes descreditadas enquanto belas ou funcionais, e até recentemente não houve uma expressão que as caracterizasse, ou área de conhecimento que se dedicasse ao seu estudo. O termo vernacular, do latim *vernaculus* - idioma nativo ou dialeto - surge aplicado à arquitectura apenas no século XIX, introduzido enquanto referente às tradicionais e humildes construções rurais da era pré-industrial, cuja cultura material aparentava ser estática e elementar, considerada irrelevante dos pontos de vista estético e artístico. No entanto, com o passar do tempo, foram-lhe sendo atribuídas conotações mais abrangentes, que em comum denotavam o recurso a um padrão coletivo, característico de um determinado lugar, reconhecido e compre-

7 Rapoport, A., op. cit., p. 63.
8 Habraken, J. (1971). You can't design the ordinary. Architectural Design.









9. Tijolos de sal,
10. Sala de refeições,
Salar de Uyuni, 2019. §

endido por todos aqueles que o constituem. Rudofsky desempenhou um papel fundamental para a discussão em torno do tema, através da polémica exposição *Architecture without Architects*, realizada em 1964 no *MoMA,* em Nova Iorque. Demarcando-se da habitual narrativa da história da arquitectura, este eleva a fenómeno universal a discussão acerca da arte de construir, incluindo nela a voz das comunidades cuja arquitectura é resultado contínuo e espontâneo da atividade de um grupo de pessoas não especializadas, mas com uma herança comum:

"The beauty of this "primitive" architecture has often been dismissed as accidental, but today we recognize in it an art form that has resulted from human intelligence applied to uniquely human modes of life. (…) Vernacular architecture does not go through fashion cycles. It is nearly immutable, indeed, unimprovable, since it serves its purpose to perfection. (…) The shapes of the houses, sometimes transmitted through a hundred generations, seem eternally valid, like those of their tools."[9]

Já no final do século XX, Paul Oliver acrescenta que a arquitectura vernacular remete para a personificação das qualidades sensoriais, experimentais, emocionais e espirituais, como uma evocação pitoresca irónica da identidade simbólica, determinada pelo material, clima, ou função. Resume-se ao conhecimento e experiência coletivos, passados de geração em geração, e às normas globalmente aceites pelo grupo como as mais apropriadas ao contexto em que este se insere, resultado da inter-relação entre fatores ecológicos, económicos, materiais, políticos e sociais[10]. No fundo, existe um modo de construir cuja génese ultrapassa a influência dos estilos ou épocas, sendo resultado direto da relação entre o Homem e a natureza, presente enquanto testemunho cultural desde o seu primeiro *habitat*. Como resultado desta interação, na qual o solo proporciona a matéria e o homem a atividade transformadora, surge o meio enquanto motor da arquitectura vernacular, que determina os desafios climatéricos, topográficos e materiais a que esta responde, assim como documenta e assinala os seus passos e perpetua as suas formas. Saber reconhecer e utilizar as especificidades e recursos do lugar, confere a este tipo de arquitectura a durabilidade e versatilidade que lhe são

9 Rudofsky, B. (1964). Architecture without architects, an introduction to non pedigreed architecture. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.
10 Oliver, P. (1997). Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World. Cambridge: Cambridge University Press, vol 3, pg. 12.



características, e antecipam mecanicamente soluções atualmente potenciadas pelo uso da tecnologia no mundo ocidental.

De acordo com Amos Rapoport em *House, forms and culture*, na arquitectura vernacular o objectivo final está presente desde o início, e a própria execução do edifício envolve apenas processos já conhecidos, presentes em todos os restantes. A forma ajusta-se ao problema assim como aos materiais disponíveis, sem grande consciência estética ou interesse estilístico. Os seus edifícios são baseados na ideia de que há uma tarefa comum a cumprir, da forma menos obstrutiva, mais simples e direta possível. Isto acontece apenas numa sociedade com laços assentes na tradição, onde as pequenas alterações que possam surgir, ocorrem dentro de um espectro previsível e hierarquia de valores refletida nos vários tipos de edifícios[11]. Ainda que não seja este o cenário mais comum nos dias de hoje, principalmente a norte do Equador, há muito para aprender com as construções às quais o arquitecto não roubou (ainda) o protagonismo.



11. Povoação protegida dos ventos pela parede de pedra, Uyuni, 2019. §

As paisagens vernaculares poderão desempenhar uma importante ferramenta de análise à forma como, por todo o globo, as diversas populações criaram, transformaram e apropriaram o seu meio enquanto ato social coletivo, de acordo com as suas crenças, tradições, interações humanas, acesso a recursos e tecnologias, oportunidades e contingências locais. O seu posicionamento difuso dentro do campo de conhecimento das várias disciplinas que se dedicam ao seu estudo - como a geografia, a antropologia, a arqueologia e a arquitectura - tem vindo a contribuir para uma divergência de entendimentos, em detrimento de uma união de esforços para uma tentativa de compreensão mais alargada. Este tipo de arquitectura constitui um forte exemplo de resposta sensível e com significado relativamente ao meio a que pertence, enaltecendo as leis da organização espontânea. Comprometida com os valores humanos em causa e atenta às sucessivas metamorfoses do panorama em que se insere, a arquitectura vernacular reflete uma postura ecocêntrica ao invés de uma egocêntrica, sem por isso sacrificar a integridade e eficácia dos seu desenhos.

11 Rapoport, A., op. cit., p. 5.







12. *Assistente de construção em sal,*
13. *Imensidão,*
14.*Trilhos de nada, Salar de Uyuni*, 2019. §

"Vernacular architecture continues to be associated with the past, underdevelopment and poverty, and there seems to be little interest among planners, architects and politicians in the achievements, experience and skills of the world's vernacular builders or the environmentally and culturally appropriate qualities of the buildings they produce. Native American pueblos, Indonesian longhouses or West African family compounds may be admired for their conspicuous design, functionality or aesthetic qualities, but they are hardly ever regarded as relevant to current housing projects. More often than not, vernacular houses are regarded as obstacles on the road to progress, which should be replaced by house types and living patterns that fit western notions of basic housing needs but which are adverse to the norms, wishes and values of the cultures concerned."[12]

Como tal, o seu estudo deve afastar-se da habitual e conservadora visão redutora deste tipo de arquitectura, concentrando a atenção no processo mais do que no resultado, considerando-a enquanto alternativa para um caminho genuíno em direção ao entendimento do passado e ambição coletiva para um futuro em constante transformação. Num mundo global, cuja cultura e tradição estão cada vez menos alocadas ao lugar e a informação é partilhada a grande velocidade, a própria leitura do vernáculo deve ser recalibrada. Sob a influência de um século cujas ameaças vão desde a incapacidade de construir ao ritmo do crescimento da população às crises climáticas e ambientais, ao turismo e migração, à escassez dos recursos naturais e à estonteante evolução tecnológica, são muitas as lições a retirar de uma estratégia arquitectónica que provou subsistir dinamicamente às sucessivas alterações do meio. Conhecer e analisar os atalhos deste tipo de abordagens poderá corresponder a um importante progresso na arquitectura contemporânea, principalmente nos campos da sustentabilidade e da integração cultural. No entanto, para que isso aconteça, é necessário fomentar o interesse académico e teórico pelo tema, assim como a consciência profissional, política e social dos arquitectos, cujo crescente pretensiosismo e artifício, em certos casos, os afastam progressivamente da sua verdadeira plateia: os habitantes.

É vulgar o paradoxo entre os termos "vernacular" e "moderno". Quando o segundo se

12 Vellinga, L. (2006). Vernacular Architecture in the 21st Century: Theory, Education and Practice. Oxfordshire: Taylor & Fancis, p. 1.



15. Na França do século XIX, acreditava-se que o aparecimento dos caminho de ferro iria garantir a paz na Europa, por permitir que finalmente pessoas de diferentes países se pudessem conhecer, aceitando que as suas diferenças não seriam assim tão grandes. Uyuni, 2019. §

aproxima do primeiro, fica aquém, e se sucede o contrário, dá-se um compromisso de autenticidade, algures entre a superabundância do supérfluo e a penúria do necessário. O ato de construir reflete a busca por um ideal, o que torna as cidades espelho de um conjunto de vontades e aspirações individuais. Porém, enquanto que num contexto tradicional o padrão tende a ser claro, nos dias de hoje a correspondência entre uma vontade coletiva e a sua expressão física é cada vez menos palpável. A complexa e difícil simbolização das relações entre habitantes suscita na cidade uma multiplicação e individualização de cosmologias. Nela, os espaços não são construídos pelos seus habitantes ou inventados pelos seus indivíduos, mas sim por hábitos que os pré-ocupam e moldam fabrilmente a sua existência física no mundo. Os novos padrões inutilizam o indivíduo, agora insignificante no grupo, e apesar do alívio dos constrangimentos físicos e materiais, fruto do avanço científico e tecnológico, a arquitectura confronta-se cada vez mais com a incapacidade de se relacionar com o morador ou com o lugar. Indepententemente do grau de participação e até de responsabilidade, a organização do espaço enquanto atividade pertence a todos os homens, e não apenas a alguns. A crescente densidade populacional, a formalização e institucionalização dos códigos regentes, a era do neo-liberalismo radical, o capitalismo generalizado e o aumento da competitividade profissional afastam o arquitecto do seu propósito maior: dar resposta aos desafios impostos pelo habitar. No entanto, e apesar do estigma em contrário, as construções vernaculares não eruditas não representam exotismos nem reminiscências de um passado romântico: acontecem na terra sob o rasto de vapor de jatos e órbitas de foguetões, paralelos às vias de alta velocidade e num abrir e piscar de olhos de um robô. Basta viajar no globo para viajar no tempo e isso não implica recuar em progresso, mas sim a diferentes mutações da existência humana.

"Don't think about the roof, think about the rain and snow."[13]

13 Loos, A. (1998). Ornament and crime. California: Ariadne Press.




COOP


PELUQUERÍA

potosí.

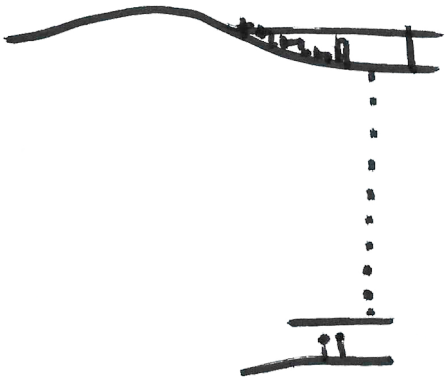
20.2. arquitectos de outros mapas.

16. *Minas* - imagem de fundo omnipresente,
17. Veio de prata, pela qual tantos deram a vida,
18. *Cristiano Ronaldo e a globalização*, Potosí, 2019. §

Potosí foi, em tempos, uma das cidades mais ricas do mundo, detentora maior do negócio da prata sob o domínio espanhol. Séculos mais tarde, restam os despojos da conquista de um passado "glorioso" que, abandonado pelos seus ditadores, deixa a descoberto a disparidade entre estes e aqueles que, nas suas mãos, se viram escravos. Ali, os mineiros trabalhavam sob a invenção de novos deuses, promessas de recompensas e a ilusão de uma vida melhor. Os habitantes de Potosí viram as suas ruas forradas de prata e a sua cidade nas bocas do mundo, mas quase nenhum sobreviveu para contar a história. A troco das paupérrimas condições de trabalho a que estavam diariamente sujeitos, raramente atingiam idades superiores aos quarenta anos, e as horas despendidas debaixo do sol eram certamente inferiores às passadas a negros quilómetros da superfície da terra. Hoje, as reminiscências de um passado explorador perpetuam-se nos hábitos de vida e de trabalho, reforçadas pelas brutais diferenças arquitectónicas entre as casas senhoriais e os bairros operários, que deixam transparecer na paisagem a ofuscação da divergência e diversidade culturais sob a tentativa de redesenho através do espaço, modelo físico de um molde social.

Por centenas de anos, a imaginação europeia projetara na América a fantasia de um mundo novo, puro e sem falhas, impondo-lhe a espada, a pena e a cruz. No vazio da sua dispersão, cavou um lugar ficcional à sua imagem, sob a utopia de um lugar virgem, onde tudo estava ainda por ver, batizar e descobrir. O sul era uma miragem, uma oportunidade para colmatar, do outro lado do mundo, as falhas de uma nação e a concretização de um desejo universal. O território real viu-se ofuscado por uma topografia intelectual e fantástica, cuja ficção assegurava o monopólio da força e preenchia com histórias todos os espaços outrora deixados em branco, oferecendo ao território disperso um novo horizonte de sentido impostor. Forçados a utilizar uma linguagem forânea para expressar conteúdos já existentes, herdeiros de uma história sem memória e a memória de uma história desprendida das suas particularidades, muitos







europa

Una de las cinco partes del mundo.

viejo continente

Europa, Asia y África

nuevo continente

¡Eh, chicos, que nos han descubierto!
(un indio que acaba de ver a Cristóbal Colón)

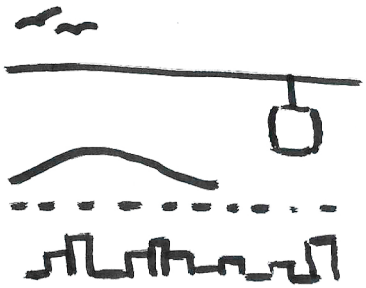
19. *O outro lado da moeda,*
20. Resquícios coloniais, Potosí, 2019. §
21. Corte esquemático.
22. Perec, G. (1999). Especies de espacios. Barcelona: Montesinos, p. 116.

viram corrompida a sua identidade, que agora lutam por reconquistar, na tentativa de articular o sentido do presente na predeterminação do passado. As novas gerações desconhecem-se enquanto sujeitos de uma história que acreditámos ser nossa, colocando em causa os alicerces das suas construções imaginárias e a utopia cruel de uma liberdade sem determinação. Entre a sua representação projetada pela Europa, pela América e por eles próprios, resistem em virtude dos seus antepassados e sonhos, à luz daquilo que ainda não disseram, mas se atreveram a imaginar.

Terminados o *Siglo del Oro* em Espanha e os brevíssimos momentos de prosperidade económica em Portugal, o domínio colonial passou a domínio capital, estendendo-se até aos nossos dias pelo romance das histórias que popularizam os acontecimentos de conquista de um passado colonial. Os pontos cegos de um mapa global, outrora habitados por adamastores, representam agora lugares cuja alegada virgindade ousámos possuir. O perigo eminente da persistência de uma imagem eufemística do período dos "descobrimentos" revela a condescendência de uma total negligência. O desinteresse pelo diálogo, assim como a alimentação de um saudosismo "conquistador", dão sinal de um orgulho covarde pela invasão de uma casa já ocupada, à qual o bramido patriótico se sobrepôs. Aos séculos de violento domínio ocidental, sobrepõe-se agora um silêncio coletivo ensurdecedor, mas o crime deixou demasiadas provas para que algum dia se deixe absolver.

18.01.2019

Não conheço a origem de tal nome, mas há de tudo menos paz nesta cidade. A 3700m de altitude, com um desnível de 1000m entre o alto e o centro, La Paz não conhece o sabor de um único lugar plano. A infinitude da sua extensão, exponenciada pela aceleração migratória rumo à metrópole, é indecifrável aos olhos de qualquer transeunte pedestre, cujo alcance do campo visual engloba apenas tendas, carros e lixo.
A materialização de um eixo vertical, capaz de escapar ao caos do horizonte, era a resposta inevitável a um fenómeno de completa saturação demográfica e obstrução das vias terrestres. Foi assim que, há cerca de cinco anos, surgiu em La Paz um meio de transporte que revolucionou a vida de todos os seus habitantes: o teleférico.
Reza a lenda que famílias separadas pelas colinas se puderam finalmente reencontrar, que do dia para a noite todos conseguiram um emprego para o qual se podiam agora deslocar, e que a cidade se encheu de turistas e curiosos desejosos de conhecer tal invenção. (Certamente me incluo nos últimos, pois a verdade é que já perdi a conta às horas que passei com os pés longe da terra, à boleia do embalo deste saboroso engenho de onde agora escrevo).
Cá em cima, não sou mais possuída pela lei anónima das ruas que se cruzam e entrelaçam debaixo de mim, ou escrava do trânsito - pedonal ou elétrico - que se move sem regra ou amor à vida. Observo do meu poiso sereno o espetáculo quotidiano, liberto das barreiras que limitam a experiência rasteira da sua limitadora existência. Numa primeira fase de voo, as ruas parecem-se com labirintos intermináveis, mas, logo a seguir, desenham abstratas texturas no chão. Gosto de pensar que formam linhas nas quais os corpos são poetas que eu, detentora de uma posição sobranceira, me comprazo a ler e decifrar.
Quando chegar a terra, quero contar-lhes o final da história, e dizer-lhes que independentemente do caminho que escolherem, há uma encruzilhada à sua espera, mas que não há problema: vão ficar bem.





la paz.

21.1. labirintos de corpos poetas.

Estará no plano vertical a resposta a uma arquitectura de congestão?

23. Corte esquemático.
24. *Humano vs máquina,*

25. Texturas infinitas (pág. seguinte), La Paz, 2019. §






STIHL
STIHL
ESPACIO DISPON

la paz.

22.2. as intermitências de uma arquitectura perene.

26. *Em trânsito,* La Paz, 2019. §

Sob as intermitências de um domínio colonial, o território sul-americano viu-se forçado a aceitar a transitoriedade como norma, frequentemente veiculada pelo anonimato de uma arquitectura efémera e de breve construção. Além disso, quer pela influência das áreas ao abrigo de um clima tropical, quer pela ênfase cultural atribuído às dinâmicas sociais, foi desde sempre estimulada a eliminação de barreiras entre o interior e o exterior, assim como a transparência face ao público em geral. Contrariamente à tendência global associada à qualidade fixa e perene da arquitectura, em La Paz é palpável a consciência das leis de transformação e inconstância do mundo, no qual o processo de territorialização opera à face da margem dos discursos dominantes, formando um arquivo de imprevisíveis encontros.

Por todo o lado, a cidade se vê repleta de instalações espontâneas, desde tendas de comércio a estruturas de propaganda, de santuários a espaços de lazer, produzidas e habitadas pelos mesmos intervenientes: os habitantes. É ténue a linha que divide a esfera pública da privada mas, no fundo, toda a arquitectura é pública na medida em que pertence a um público e está contida ou é observável a partir de um espaço público. A partir do momento em que a sua prática é orientada ao serviço do mesmo, e se tem em conta o seu modo instável de viver, abre-se a possibilidade para que as diversas subjetividades se apropriem do território e intervenham nele enquanto agentes de transformação. Nesse sentido, a arquitectura dita temporária adquire um papel fundamental no mapa das cidades e da atual produção arquitectónica. Por um lado, rompe com o atual sistema autoritário do desenho coletivo, quebrando a *firmitas* associada ao modelo vitruviano; por outro, revela um novo discurso acerca dos modos de interação entre os habitantes e a cidade e um certo descontentamento face ao aparato discursivo dos processos de governação vigentes.

Num contexto precário, este tipo de arquitectura é resultado de uma igualmente precária configuração do capital financeiro, revelando o enquadramento possível face às





27 e 28. Cerimónia de oferendas à *Pachamama*, durante a qual se queimavam miniaturas representativas dos desejos de cada família ou jovem casal, La Paz, 2019. §

condições gerais de vida da maioria populacional, contrárias às habituais lógicas do sistema económico urbano. A forte noção de coletividade e preponderância dos estímulos sociais formam um padrão heterogéneo resultante da aglomeração de fragmentos diversos, de diferentes formas e materiais, que procuram uma alternativa de sobrevivência à selva disfarçadamente cosmopolita.

Este é um exemplo de como a arquitectura pode e deve contribuir para generalizar o acesso à esfera pública e favorecer os processos de emancipação social, dando ferramentas e voz àqueles que sempre permaneceram excluídos do seu próprio meio. Mas como pode o arquitecto cooperar nestes processos de participação no comum e apoiar a espontaneidade de um ambiente urbano coletivo?

21.01.2019

Desde que cheguei a La Paz que a presença pictórica de uns extravagantes e ousados edifícios havia captado a minha atenção. Já os tinha encontrado em breves pesquisas e, mais tarde, sob a forma de pequenos cartazes ou panfletos de informação turística, espalhados por toda a parte. Mas, quanto mais caminhava, mais me parecia impossível encontrá-los, por serem tão diferentes de tudo o resto.

Esta semana, finalmente, durante uma *walking tour* pela cidade, perguntei à guia de que se travava: *Cholets*, é o seu nome. Provém da palavra *cholos*, que denomina os indígenas habitantes da cidade. Pertencentes à nova burguesia aimará, enriquecida pelo transporte de bens - nomeadamente de folhas de coca - encontram-se à beira da estrada principal de entrada e saída da capital, por aí se concentrar o maior fluxo de mercadorias e acessos. A sua função corresponde ao aluguer de imponentes salões para eventos e festas, sendo que os proprietários ocupam apenas o piso superior. Representativos da arquitectura neoandina, constituem um símbolo explícito da sua afirmação identitária e de *status* social, perante uma cultura que sempre os desprezou.

Tentei visitá-los esta manhã. Perguntei pelas ruas que autocarro me levaria até eles e assim fui, expectante, de câmara na mão. Tinha receio de que me passassem despercebidos no momento de saída, mas rapidamente entendi que isso era impossível. O aspeto cenográfico e exuberante dos seus telhados pontiagudos e vidros espelhados contrastava em demasia com a paisagem envolvente, anónima e uniforme. Eram ainda mais coloridos e exibicionistas do que imaginara, e apenas os autocarros, os bolos e os vestidos das *cholitas* se aproximavam de tal extravagância.

Estava pronta para sair do autocarro quando ouço o condutor gritar, do fundo: "onde é que a menina pensa que vai?". Expliquei-lhe, entusiasmada, que estudava arquitectura e que aqueles edifícios me interessavam muitíssimo. Ele respondeu, apenas: "vê mais alguém na rua? Se eu a deixar sair aqui, não dura nem 5 minutos". A minha visita aos *Cholets* passou-se então dentro do autocarro, colada à membrana de vidro que me separava do perigo, numa volta completa à sua rota que me levou horas a concluir.

Uma coisa é certa, tempo não me faltou para reflectir: como é que um povo tão fechado e introvertido se expressa através de uma cultura visual tão colorida e exuberante? Será a arquitectura a forma simbólica de uma afirmação cujo contexto político não permite que aconteça?






la paz - el alto.

23.2. os *cholets*.

29, 30, 31 e 32. *Cholets*, La Paz - El Alto, 2019. §

Pode a arquitectura o que a política não?





25.01.2019

Hipnotizada por tanto azul, enquanto imaginava quantas massinhas de letras seria necessária para fazer daquele lago uma canja, foi como se o grito do motorista ordenando a nossa saída me despertasse como um balde de água fria de um sono profundo: "Abandonem o autocarro e deixem todos os vossos pertences no seu interior!". Obedeci de imediato, como se de um sequestro se tratasse. Troquei olhares hesitantes com os restantes passageiros, que estavam tão confusos quanto eu, mas entretanto já não avistávamos nem motorista, nem autocarro. Nesse momento, interceta-nos um senhor, apressado, ordenando que entrássemos no seu barco para que cruzássemos o lago. Durante o percurso, desvio o meu olhar e encontro de volta o autocarro, mas não em terra, como seria de esperar: estava algures no meio do lago, numa inclinação assustadora, em cima de uma instável plataforma de madeira que o cruzava, também.
Estava tudo bem, era só a América Latina a acontecer naturalmente. Mas, sem grandes hesitações, fiz a pergunta óbvia: "Mas porque não constroem uma ponte?! A distância é mínima", à qual obtive a resposta: "Para quê, menina? Todos ganham assim. Nós - os donos das embarcações -, os vendedores que ocupam as margens, o motorista que pode fumar o seu cigarro e vocês que desfrutam desta vista magnífica!"
Pensei o resto da viagem como seria se em vez de pequenas embarcações o lago Titicaca fosse ali cruzado por uma ponte. Desenhei várias, na minha cabeça, mas nenhuma fazia sentido. Talvez, por vezes, o homem possa aquilo que a arquitectura não.

lago titicaca.

24.2. não-pontes.

33. Autocarro flutuante, 34. *Feliz retorno*, Lago Titicaca, 2019. §

O lago Titicaca é o lago navegável mais alto do mundo, fronteira natural entre a Bolívia e o Perú. Durante todo o percurso de autocarro que me levou de La Paz a Copacabana, ocupei o meu tempo a apreciá-lo cuidadosamente. Relacionava-se com a envolvente de forma distinta dos outros que já havia visto. Era tão delicado no dobrar das suas curvas que a paisagem se curvava perante ele e as construções não ousavam roubar-lhe o protagonismo.

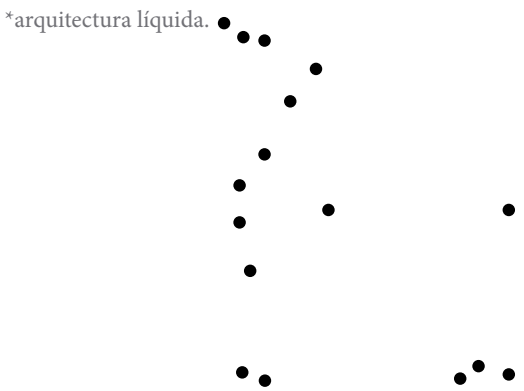
A ausência de uma ponte que o cruzasse fez-me questionar acerca do verdadeiro significado de tal dispositivo arquitectónico, e constatar que estas ligam apenas aquilo que nós, humanos, julgamos separado. As pontes não opõem margens, criam-nas. Para nós, e só para nós, as margens surgem como uma separação ou diálogo entre opostos, mas apenas porque, em algum momento, as unimos na nossa imaginação. Quando os primeiros homens resolveram traçar um caminho que unisse um lugar ao outro, tornaram irrevogável o conceito de união. Ao operar o milagre do caminho, facilitador de uma mesma ida e de uma mesma volta, a separação deixou de ser aceitável aos nossos olhos e, a partir desse momento, não soubemos mais viver sem um lugar de retorno.

**inquilina do mundo.

** animais (e) humanos.

*oásis. ***um passado mais que presente.

*arquitectura líquida.



perú.

Na tentativa de um permanecer eterno,
busco incessantemente a forma das pegadas que para trás deixo.
Mas a condição animal que me precede,
relembra a efemeridade de um ser que se demora sem ficar:
humano.

A arquitectura,
que corre em sentido contrário ao do fluxo do tempo,
ousa ser para lá de si.
oásis de uma vida deserta,
quimera de um ser que não o é.

26.01.2019

A memória do passado e a expectativa de um futuro são os pilares que sustentam a nossa condição: humana. A arquitectura, ponte entre o transitório e o eterno, ilude-nos da efemeridade dessa mesma condição, a partir do momento em que perpetua as pegadas da nossa existência para lá do nosso tempo. Por este motivo, pensámo-la eterna. A solidez das suas estruturas permite contrariar a debilidade das nossas, institucionalizando e prevendo a instabilidade de um conjunto de transitórias formas de vida sequiosas por permanecer. Quanto mais estáveis e sólidas as suas fundações, mais duradoura a pegada deixada no mundo e, por consequência, mais significativa a nossa existência. No entanto, esquecemo-nos com demasiada frequência de que para além do passado e do futuro, habitamos o presente, também. E se este é instantâneo, imprevisível e instável, não será um paradoxo acreditar que uma arquitectura de permanência possa servir satisfatoriamente os seus propósitos?
Hoje conheci uma diferente forma de vida, na qual cada momento era infinitamente espaçoso e a sua brevidade não era mais determinante, mas sim eternamente capaz. Tratava-se de uma comunidade flutuante, nos arredores aquosos da cidade de Puno. Ali, as fundações não eram sólidas e imutáveis, pelo contrário: encontravam-se à deriva. Sustidas por uma complexa estrutura composta por algas, as suas casas migravam com as marés e com a vida. Sempre que uma nova família se formava e abandonava o seu lugar de origem, com ela partia também uma porção de ilha, à mercê do fluxo de uma nova etapa. A maioria dos habitantes nunca havia pisado terra firme, mas garantiram-me que imaginavam tratar-se de uma experiência indubitavelmente aborrecida.
Pergunto-me se estamos nós errados e eles certos, numa fase em que toda a permanência me aborrece e a cada dia me surpreende a instantaneidade de viver. A fluidez é qualidade dos líquidos, mas constantemente procuramos na estabilidade dos sólidos o reflexo dos seus efeitos. Os segundos, independentemente dos seus encontros e contrariedades, conservam na forma a persistência do seu sentido e neutralizam, por isso, o impacto do tempo. Por outro lado, os primeiros, não se fixam no espaço nem se limitam no tempo; fluem na dispersão da sua condição, expectantes das forças que, pelo caminho, lhe serão tangentes ou cortantes.







perú.

puno.

25. *arquitectura líquida.

Pode a arquitectura contrariar a efemeridade da existência humana?

1, 2 e 3. *Um habitar instântaneo,*

4. Arquitectura que flutua e deriva
(pág. seguinte)
Islas flotantes - Puno, 2019. §




UTA MARKA

04.02.2019

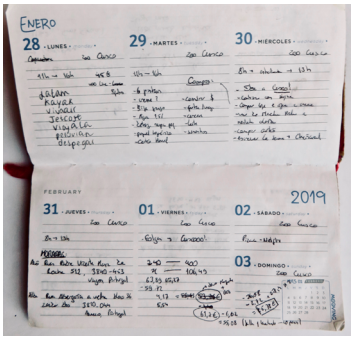
Há duas semanas que vivo, respiro e trabalho com(o) bichos. Não partilho a língua com nenhum outro ser humano, nem sou capaz de decifrar os seus símbolos. De momento, a minha vida resume-se à satisfação das minhas necessidades físicas, e nem o tempo nem o espaço ousam interferir nessa tarefa. (…) Creio que por vezes as pessoas se esquecem de que são, também elas, bichos.











cochahuasi.

26. **animais (e) humanos.

5. A minha casa durante o período em que fui tão humana quanto animal, 6, 7 e 8. *A casa dos animais*, *Cochahuasi* - Santuário animal, 2019. § 9. Rotinas diárias.

Não diferimos dos animais na medida em que não somos o centro do mundo, nem sequer donos do nosso próprio inconsciente. Como eles, habitamos para sobreviver ou sobrevivemos porque habitamos e por entre o infinito buscamos uma morada para a nossa curta passagem pelo planeta. No entanto, a sensibilidade, racionalidade, memória e imaginação que nos são características gritam por algo maior que a sobrevivência: a vida.

Como os animais, viemos sem casa ao mundo, à mercê do seu clima, ameaças e intempéries. De uma forma ou de outra, mais ou menos guiados pelo instinto, vimo-nos obrigados a desenvolver mecanismos que nos permitem satisfazer as nossas rotinas e necessidades, ordenar o que nos pertence e desenvolver hábitos de adaptabilidade e sobrevivência. Mas, contrariamente a eles, nós, humanos, habitamos de modo específico o tempo e a cultura que nos correspondem e cuja essência está nas nossas mãos traçar. O *habitat* do Homem não se resume à simples solução de um problema mensurável, uma vez que a espiritualidade supera a fisicalidade das suas exigências. Se por um lado observamos e imitamos a natureza aquando da edificação das nossas formas, elevamo-las a outro patamar ao associar-lhes significados, memórias e estados de espírito. Se por um lado os animais tendem a especializar-se na basicidade das suas funções orgânicas, o que conduz à rigidez das suas estruturas, o Homem caracteriza-se pela sua capacidade de adaptação, propulsora de complexas e variadas possibilidades evolutivas. Além disso, a ereção da sua postura e a direção do seu olhar permitem-lhe organizar o espaço à sua volta não apenas segundo um eixo horizontal, como também vertical. Independentemente da diferente morfologia dos nossos sistemas biofísicos e da natureza das nossas formas, enfrentamos juntos a tarefa de habitar um meio que não existe para nos servir. A resposta ao mundo é a mesma, a diferença está no alfabeto.



27. ***um passado mais que presente.

10. *Plaza de Armas*, Cusco, 2019. §

"Architecture was a challenge to time: time is the succession of seasons, the succession of generations, the fragility of life, of birth and death. Architecture's purpose was to stop time. A stone, immovable in the flowing stream of the ordinary."[1]

Talvez por vingança o tempo tenha deixado para trás a cidade que em tempos ousou ser eterna: Cusco[2]. Situada no leito da cordilheira andina, a três mil e quatrocentos metros do nível do mar, nela funcionou o centro político, militar e administrativo do maior de todos os Impérios da América pré-colombiana[3] - o Império Inca. Por não dominar a escrita, a história desta civilização é contada através de uma mistura entre factos, lendas e propaganda imperial, sem ainda assim perder o estatuto entre as mais dramáticas de que a humanidade é testemunha. Até aos dias de hoje (nos lugares mais remotos), a sua população acredita na existência de mundo dividido em quatro cantos, cujos eixos se cruzam em plena praça central da cidade de Cusco, agora *Plaza de Armas*.

A vastidão do seu território implicava um igualmente heterogéneo mosaico de línguas, culturas e povos, que em conjunto conferiam ao Império Inca uma diversidade étnica inabalável. A sua religiosidade era marcada pela adoração de elementos como o Sol, a Lua, a Terra e a Pedra[4], cuja importância traçava um modo de vida pautado pelo equilíbrio entre a natureza e o ser humano, ao ponto de a planta original da capital do Império representar a forma de um puma. Sob o domínio de um governo autoritário centralizado, cada membro capaz era incumbido de desempenhar um determinado volume de trabalho, em troca de alojamento e alimentação dignos - a *mita*. Uma des-

1 Habraken, J. N. (1971). You can't design the ordinary. Architectural Design.
2 Em *Quechua* - um dos idiomas mais falados no Império - *Qosqo* ou *Qusqu*, que significa "umbigo do Mundo".
3 Incorpora todas as subdivisões do território americano antes da colonização europeia.
4 A *Pachamama* (do *Quechua Pacha* - universo, mundo, lugar e *Mama* - mãe, mãe-terra), que está relacionada com a natureza, a fertilidade, a produção, o sustento da vida e o feminino, representava a sua deidade máxima.





11 e 12. *A pedra dos doze cantos* - A arquitectura Inca desconhecia o uso de qualquer tipo de argamassa para manter unidas as suas construções em pedra e por isso trabalhava os seus ângulos de encaixe com grande precisão. Esta pedra em particular, pertencente ao muro de um antigo Palácio Inca, é um forte exemplo desse domínio, por possuir doze arestas distintas para encaixar exatamente entre as outras. Cusco, 2019. §

sas incumbências passava pelo serviço de realização das obras públicas, responsável pela construção de infraestruturas agrícolas, templos, edifícios do governo, palácios, entre outros. A pedra, considerada sagrada, constituía o seu principal elemento construtivo e era trabalhada de forma exímia.

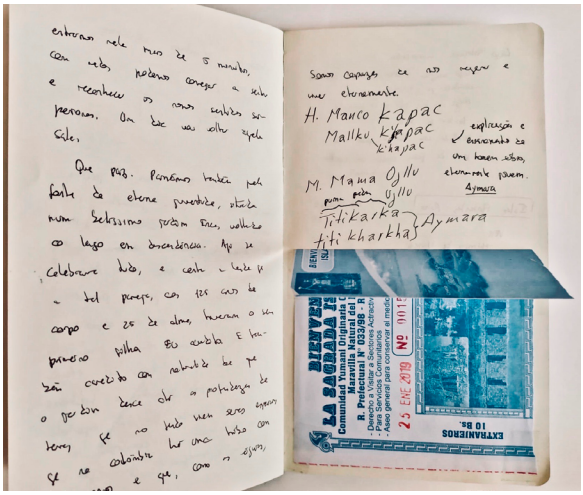
A superação das dificuldades impostas pelo duro relevo, assim como a resistência sísmica das suas construções, denotavam ser fruto dos mais altos níveis de conhecimento técnico. Ironicamente derrotado por uma centena de espanhóis no século XVI, o Império Inca deixou por todo o vale andino provas físicas de que fora erguido para durar e hoje, justapostos pelo branco dos edifícios coloniais, os seus vestígios em pedra são prova constante - diria até exacerbada - dessa mesma intemporalidade.

No passado, e talvez não só, a sobrevivência dependia em grande parte de uma relação de equilíbrio com o meio, quer do ponto de vista físico quer do psíquico. Neste sentido, num esforço inverso ao de conquista da natureza, a arquitectura Inca acolhe em si as intermitências do clima e os desafios impostos pela topografia. Efetivamente, uma das principais características da arquitectura desta civilização passa pela procura ativa de lugares cuja complexidade geográfica é enfrentada sem hesitação. Como sugere Bernard Rudofsky em *Architecture without Architects*, a tendência para construir em locais de difícil acesso associa-se certamente a um desejo de segurança, mas acima de tudo à necessidade de definição de identidade de uma dada comunidade. Muitas das cidades antigas conservam os traços da sua enclausura. No entanto, ultrapassadas as suas funções de defesa, parte das configurações artificiais ou topográficas que as delimitavam constitui, nos dias de hoje, uma representação simbólica da sua existência que, em certos casos - entre eles o da cidade de Cusco - protege o seu território de uma expansão desmesurada[5].

Contrariamente à grande maioria das metrópoles ocidentais, a velha capital imperial não ambicionava estender-se para lá dos seus limites, ou afirmar-se enquanto gesto urbano expansivo. Através da conservação dos seus traços originais, ela permanece praticamente imutável até aos nossos dias, como se renunciasse ao estatuto de cidade

5 Rudofsky, B. (1964). Architecture without architects, an introduction to non pedigreed architecture. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.




Comunidad Yumani Originaria
Reserva Natural del
R. Provincial
Derecho a Visitar a Secciones Activas
Para Servicios Comunitarios al medio
Para Servicios Comunitarios al medio
EXTRANJEROS
10 Bs
25 ENE 2019
Nº 10112

13. *Machu Picchu* - em *Quechua* "velha montanha", também conhecido por "Cidade perdida"- por até 1911 não se conhecer a sua localização - é famoso não só pela descoberta tardia, como também pela sofisticação do seu engenho construtivo num local de extremamente difícil acesso. Erguido no século XV, tratava-se de um importante centro urbano, e entre as várias funções que lhe são atribuídas estão: supervisão da economia, local de refúgio dos soberanos em caso de ataque, observatório astronómico e lugar sagrado, *Machu Picchu*, 2019. § 14. Página do diário com escritos em *Quechua*.

e aspirasse antes o de obra de arte, "tão finita quanto uma pintura, um livro ou uma composição musical"[6]. Como qualquer outra, e de acordo com a definição de obra de arte proposta por Schulz em *Arquitectura Ocidental*, tem como propósito conservar e comunicar significados existenciais experimentados. A percepção deste símbolo articulado constitui, por parte do homem, um ato de identificação, que valoriza assim a sua existência[7]. Porém, é a própria limitação desta mesma capacidade de expressão que torna qualquer tipo de comunicação possível. Comunicar implica a existência de um vocabulário comum, assim como a disposição para o aprender, a confiança no grupo e o respeito por uma autoridade. Para que se forme um padrão arquitectónico coeso, deve existir a partilha de um ideal de vida e a aceitação de um determinado modelo construtivo que o sirva, com um reduzido número de variantes. Quando este se rompe, e a tradição se esvai, a imagem partilhada esmorece e o apoio de uma determinada estrutura deixa de corresponder satisfatoriamente a uma identidade outrora comum. "A história, quando não é estagnação, revive no espírito criador"[8]. No entanto, se os significados previamente atribuídos dizem respeito às necessidades e exigências de uma vida quotidiana, de que serve perpetuar essa existência para lá da evidência da sua metamorfose?

A tradição funciona na base da expectativa e da aceitação comum, eminentemente visível, persistente e condutora dos comportamentos humanos. É simultaneamente sujeito e predicado, na medida em que tanto é responsável por dar corpo ao edificado, quanto o edificado por lhe dar corpo a ela. A sua difusão depende de fatores geográficos, barreiras económicas, tecnológicas e sociais, assim como de organizações políticas, autoperceção interior e atitude face ao exterior. Responsabilizar a tradição é desde sempre um banal mecanismo de defesa, que desvia do agente parte das suas intenções enquanto criador, colocando em causa o seu posicionamento crítico. No caso da arquitectura, a cega aceitação de uma determinada tradição impede parcialmente o juízo causal da obra em detrimento de uma herança comum, negligenciando uma análise contemporânea das ações que serve e das personalidades que acolhe. Do ponto de vista contemplativo, a precipitação da análise de uma dada comunidade com

6 Ibidem.
7 Norberg-Schulz, C. (1999). Arquitectura Occidental. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 225.
8 Rogers, E. (1949). Aos estudantes de arquitectur, In Arquitectura, nº 28, p. 8.






El Sabor!!
Sazón Original

15. A museificação das ruínas enquanto testemunhos genéricos da passagem do tempo sujeita os objetos à perda do seu contexto específico, incluídos agora no empirimo dos valores "trans-históricos" do ócio pós-moderno. Os rebanhos de turistas que se dirigem massivamente a estes lugares são atraídos pela imagem estética generalizada dos objetos originais desaparecidos que, agora, se inscrevem no recinto imaginário de que dispõe a cultura moderna (pág. anterior), *Machu Picchu*, 2019. §

16. Engenho do sistema de escoamento de águas, Pisac, 2019. §

base na consistência dos seus edifícios acarreta o risco de conclusões infundadas, ao distanciar os membros dos seus artefactos na ausência do conhecimento dos motivos e costumes que lhes deram origem. Se o mundo é agora um lugar distinto, é expectável que algo se agregue às suas eternas necessidades. Como nos diz Fernando Távora, "a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão."[9]

No entanto, há outras formas de olhar para a tradição. Como referência a um precedente, esta não deve nunca ser imutável, e como construção social, deve ser renegociada de geração em geração. Como ideia, convida ao comentário e à interpretação, e é no exercício de todo este negócio que se torna dinâmica. Efetivamente, ela funciona como moldura para futuros atos, mas isso não implica que estes sejam isentos de criatividade ou juízo crítico. Como propõe o arquitecto Álvaro Siza, "tradição não significa fechamento, imobilidade. Muito pelo contrário, o valor das tradições é estar aberto a inovações. A tradição não é o oposto da inovação, ela é complementar. A tradição vem de intercâmbios sucessivos. As culturas isoladas que tentam preservar as suas tradições sem estarem abertas a novas ideias desmoronam. Toda a cultura tradicional é influenciada por culturas externas."[10]

"Partamos pues, para variar, del pasado y veamos a la luz del cambio - es decir, de los cambios que él mismo aporta a sus condiciones de vida - aquello que en la condición del hombre no puede más que permanecer invariable. Si uno comprende que la experiencia del medio adquirido durante el pasado conserva su valor en el presente (que sigue sendo aún contemporânea), se atenuarán las contradicciones insuperables entre pasado, presente y futuro, entre antiguas y nuevas ideas del espacio, de la forma, de la construcción entre producción manual y producción industrial. Por qué se cree tan a menudo que hay que elegir categóricamente como si nos fuera imposible mostrarnos leales en ambos sentidos? He llegado a oír que un arquitecto no podría ser prisionero de la tradición en una época de cambio. Me parece que un arquitecto no debe ser prisionero de nada. Y en ningún caso debe ser prisionero de la idea de cambio."[11]

9 Távora, F. (1945). O Problema da Casa Portugues In Aleo.
10 Siza, A. (2017). Entrevista ArchDaily.
11Van Eyck, A. (1969). El interior del tiempo. Artigo originalmente publicado no livro colectivo Meaning in Architecture. Londres: Barrie & Rockliff the Cresset P., p. 350.



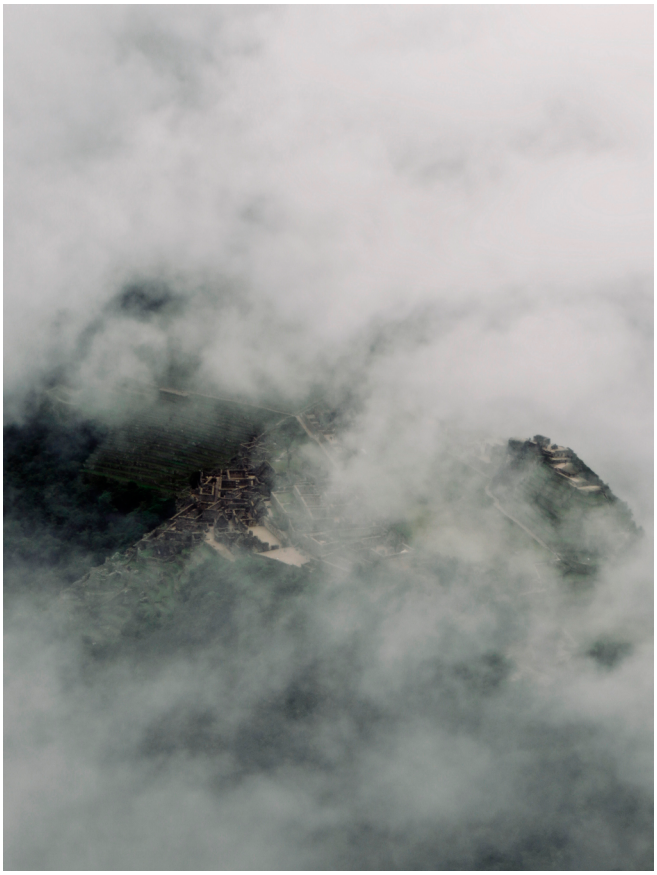
17. *"La arquitectura, que a veces es la historia fosilizada, se finge naturaleza en sus ruinas: por eso cuando los arquitectos visitan las ruinas, dudan entre hablar de arquitectura o de la naturaleza, porque quizá presienten que se adelgaza el espacio entre ellas",* in Mansilla, L. M. (2002). Apuntes de viaje al interior del tiempo. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, p. 77. *Machu Picchu*, 2019. §

Para que a criatividade e a tradição se relacionem em harmonia, as decisões tomadas por entidades individuais devem sempre entender os fundamentos da segunda, e ser capazes de racionalizar a sua autoridade. A tradição não pode ser entendida como um legado estático, mas sim como um projeto dinâmico aberto à reinterpretação do passado sob as luzes do presente, na construção de um futuro consciente das suas exigências e recursos. O problema é que nem sempre isto acontece. A América Latina é palco de inúmeros casos em que, à semelhança de Cusco, um dado padrão é perseguido sem que se compreenda genuinamente o seu significado. No caso desta cidade, e do território peruano em geral, este conflito prende-se com o enraizamento profundo de uma cultura antiga, parte integrante da identidade do país, ainda que cronologicamente descontextualizado. Efetivamente, a arquitectura tornada plano cristaliza futuros passados. No entanto, num continente marcado pela imposição colonial, muitos dos mecanismos perpetuados não dizem sequer respeito à sua identidade, revelando-se obsoletos do ponto de vista da significação. A tendência de cópia de modelos ocidentais, para lá das capacidades técnicas e materiais de uma determinada população, é outro dos conflitos que assombra o território sul-americano, conduzindo-o por vezes a um completo estado de anomia. Apesar de a visibilidade do problema ser tão nítida neste continente, isso não significa que a norte da linha do Equador não ocorram situações semelhantes. Quantas são as cidades presas no interior de uma muralha a transbordar, ou os quartos anexos à cozinha à espera de uma criada inexistente?

"We build to endure, to resist time, although we know that ultimately time will win. What previous generations erected for eternity, we demolish. Then, with similar intent, we lay stone upon stone and build again. Permanence is instinctively sought. But the detached observer recognizes the builder as an agent of change. The builder is an actor who, in striving for permanence, perhaps for immortality, engages the existing field and transforms what is there. Built environment, like all complex phenomena, artificial and natural, endures by transforming its parts."[12]

Efetivamente, o maior desafio imposto à humanidade é o de vencer o tempo, e há algo de poderoso na arte que nos permite encurtar o longo e interminável caminho da his-

12 Habraken, J. N. (1998). The Structure of the Ordinary. Form and Control in the Built Environment. Cambridge: MIT Press, p. 7.





18 e 19. "*O amanhã nunca corresponderá ao sonho de hoje, mas sim ao sonho de amanhã*", in Ferro, S. (2018) Discurso proferido no *Encontro Latino-americano da Arquitectura Comunitária, Machu Picchu*, 2019. §

tória e perpetuar a nossa circunstância existencial. Ostentadora do ideal, permite-nos ousar exprimir aquilo que não existe no mundo que conhecemos, mas deveria existir, ocorrendo assim fora do nosso próprio tempo. Por aspirar a uma ínfima transfiguração do mundo, deixa entreaberta a porta para um desejo de imortalidade, cristalizador utópico da nossa existência, ameaçada pela morte e pelo esquecimento. No limite, retrata um processo que chegou ao fim, merecedor de uma "verdade absoluta", tão livre quanto ingénua[13]. Independentemente da vida do seu humano criador, que se perde, ela perdura, tanto quanto a sua mensagem permanecer válida na evolução do tempo. Na arquitectura, onde o eterno se demora, acredito estar a chave para um mundo melhor ou, pelo menos, mais consciente de si e do seu lugar.

"Tradition is the illusion of permanence."[14]

13 Tarkovsky, A. (1998). Esculpir o Tempo. São Paulo: Martins Fontes, p. 288.
14 Woody Allen in the movie Deconstructing Harry, In Heath, K. (2009). Vernacular Architecture and regional design: cultural process and environmental response. Oxford: Elsevier, p.3.



perú.

huacachina.

28. *oásis.

20. *Olho da terra,* Huacachina, 2019. §

Oásis: Rasgo de água subterrânea em permanente namoro com a linha de costa cuja silhueta se destaca da infinitude do deserto e inaugura uma relação de permanência com o meio, outrora inumano.



mâncora.

29. **inquilina do mundo.

21. *Enquadramentos,* Mâncora, 2019. §

Viajantes por pretexto ou por ocasião, amadores, eruditos ou profissionais, somos espectadores e espetáculo dos nossos movimentos. A sede de vencer distâncias, de estar longe e de apagar o decurso do tempo, faz-me duvidar se vemos aquilo que vemos ou se vemos aquilo que somos, num intrincado compromisso entre o que nos pertence e aquilo que está perante nós, como se contemplássemos em permanência um mundo subjetivo, substituto do real. As coisas que nos rodeiam, sob a perspetiva de uma interpretação, metamorfoseiam-se como quimeras à espera de um olhar: vasos amorfos da nossa consciência. Por vezes, atuamos como anfitriões de lugares que nunca ousámos conhecer ou vislumbrámos apenas através de lentes que não as nossas, convertendo os seus moradores em peões de um jogo egocêntrico de mapeamento pessoal. A realidade invade todos os nossos sentidos e tornamo-nos intrusos ativos na vida do outro, numa estância que é em si viagem a partir do momento em que nos isolamos na condição solitária de exploradores e renunciamos à de passageiros, transformando as barreiras em sucessivos patamares de descoberta.

No norte litoral peruano, mais concretamente em Mâncora, passados meses de intermitente e desenraizada itinerância, perdi-me do fascínio pela descoberta da grandiosidade dos lugares novos e sonhados e entreguei-me aos prazeres de outros: os familiares e fraternos. Não quis mais descobrir o que não havia ainda descoberto, esperar o que não esperava, ou mesmo imaginar aquilo que de outra forma nunca imaginaria. Pelo contrário, quis surpreender-me pelo previsível, pelo expectável, por conhecer o caminho mais curto para a praia e o nome de todos os empregados do café. As horas perderam o valor de um tesouro que nunca ousaria desperdiçar, para passarem a ser esqueleto de uma rotina banal: confortavelmente banal. Tornei-me no viajante que não chega hoje e parte amanhã, mas sim naquele que chegou sem intenções de partir. Nesse momento, entendi que habitava fisicamente uma arquitectura composta por paredes que não as do meu corpo, vidro projetor das minhas ideias (outrora invisível),


TA-02331-BM



22.*Voo de pássaro,*
23. *Percursos de memória,*
Mâncora, 2019. §

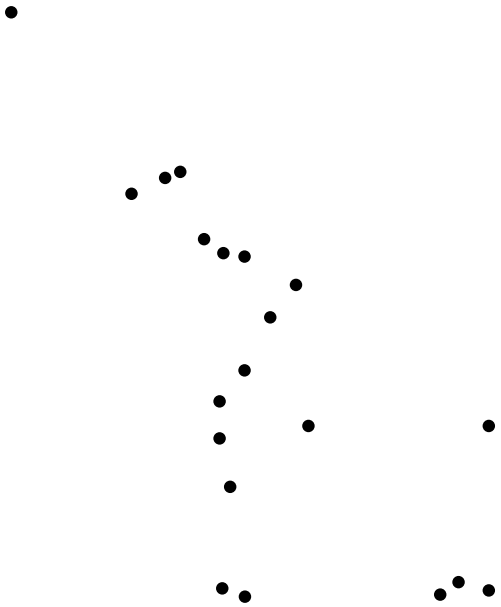
que me libertava para explorar limites que não os meus.

Ainda assim, permanecia estrangeira num círculo que nunca daria pela minha ausência, cuja delimitação, análoga àquela que espacialmente a definia, me permitiria manter sempre um pé fora e outro dentro. Enquanto observadora externa, detinha a objetividade de uma visão alheia, figura perante a paisagem em vista de pássaro à qual o voo nunca me permitiria pertencer. A liberdade e o desprendimento de um eu não-parte permitiam-me pintar um quadro do qual sempre fui moldura, mas nunca consegui observar por estar demasiado ocupada em ser paisagem.

**a deslocação da permanência: autocarros noturnos.

*metade do mundo.

***a arquitectura da natureza.



equador.

A permanência de um caminho,
que cruzou as linhas de um habitar que constrói,
conduziu-me ao lugar que divide ao meio a Terra,
base dos pés que quase nunca escolho pousar.





ipiales.

30.2. a deslocação da permanência: autocarros noturnos.

1. Nesta imagem assiste-se à espera mútua de vários veículos de transporte para que, juntos, pudessem atravessar de forma mais segura as perigosas estradas de terra, alternativas à estrada principal fechada por protestos, na fronteira entre o Equador e a Colômbia, 2. *Arquitectura móvel*, Ipiales, 2019. §

Sob a ausência de um chegar ou de um partir, o caminho adquire a condição de permanência. Poderá a arquitectura, predominantemente concebida enquanto imóvel, ser fator de deslocação dessa mesma permanência?

Durante a viagem, poucas menos terão sido as horas gastas em deslocação, do que aquelas passadas em terra firme. O meio de transporte que nos permitia atravessar cidades e cruzar fronteiras, o autocarro ou, mais concretamente, o autocarro noturno, foi-nos casa recorrentemente. Para além da função locomotiva, acolhia muitas outras: a de descanso, a de montra, a de introspeção, a de refeitório, a de lugar de encontro. No fundo, uma: a de habitar - em movimento.

Investimento económico para a empresa, serviço para a agência, posto de trabalho para o condutor, o autocarro era para o viajante mais do que mera ferramenta de mobilidade. Todo o processo tinha origem nos terminais, contentores temporários da transitoriedade. Geralmente anónimos e sobrecarregados de informação, ora totalmente cheios ora totalmente vazios, consoante o fluxo de passageiros, funcionavam como portais, ou casas. Ainda que longe do conforto do lar, o ritual do dormir mantinha-se sagrado. Neles, o viajante, não só antecipava o seu destino, como se preparava para o próprio processo de deslocação: vestia roupas confortáveis, lavava os dentes, carregava a bateria dos dispositivos eletrónicos e rodeava-se dos bens de que pudesse vir a necessitar durante o percurso.

Ainda que sem afinidade por um lugar em particular, característica primeira da arquitectura, o autocarro funciona como estrutura permanente de apoio aos nómadas que esporadicamente o habitam. Liberto das condicionantes de um determinado lugar, adquire na sua génese as de vários, sendo lugar em si mesmo.

Poderá, à semelhança do viajante, ser móvel a própria arquitectura?

10.03.2019

Nunca me atreveria a ser arquitecta neste lugar. Pressinto que até a mais tímida intervenção poria em causa o equilíbrio de todo o ecossistema. (…) Aqui a natureza é arquitecta do Homem, e o Homem arquitecto da natureza. Nenhuma das construções ousou ser para lá de árvore, de diferente forma mas igual função: abrigo.





baños - amazónia.

31.3. a arquitectura da natureza.

3. Tribo indígena da floresta Amazónica, Amazónia, 2019. §
4. Corte-tipo das construções locais,

"Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos à medida que habitamos. (…) A essência de construir é deixar habitar, e apenas sendo capazes de habitar é que podemos construir."[1]

Em que medida pertence ao habitar um construir? Talvez construir seja em si uma forma de habitar. Naquela tribo remota, às portas da Amazónia, assim o era, certamente. Não lhe sei o nome, provavelmente porque não o tinha, nem consigo precisar os seus limites, difusos entre natureza e arquitectura. Mas sei sim, que nela, nenhuma construção era habitada sem antes construída pelos atores dessa permanente tarefa, e que o próprio ato de construir parecia nunca cessar. (A natureza não cessa, e qualquer arquitectura que a contemple ou acompanhe será inevitavelmente eterna). O clima tropical de que era testemunha dispensava aparelhos de reclusão, e o único inimigo passível de defesa era o sol, pela sombra. A relação de simbiose entre os seres mortais dos vários reinos e espécies tornava também difícil a distinção entre ser-(e)-humano, cuja peculiar forma de habitar fazia de mim extra-terrestre, ainda que no meu próprio planeta. A simplicidade com que nela eram e deixavam ser, situava-os na selva por entre a robustez das árvores que mediavam o céu, com o objetivo de os proteger do vento, do sol e da chuva; concedeu-lhes também os telhados de palha e as vigas de madeira, nos momentos em que a natureza não soube desempenhar essa função; por último, ofereceu-lhes os espaços sagrados, fruto de um habitar mais antigo do que o seu. Naquele lugar, os humanos cuidavam e protegiam tudo aquilo que crescesse, e apenas o que não crescia construíam de outra forma.

"La arquitectura no es sino la vida que se hace naturaleza."[2]

1 Heidegger, M. (1951). Construir, Habitar, Pensar. Darmstadt: onferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt.
2 Mansilla, L. M. (2002). Apuntes de viaje al interior del tiempo. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, p. 11.



equador.

5. *Fotossíntese*, Amazónia, 2019. §

Construir, do antigo alemão *buan* - habitar - confere ao humano a possibilidade de ser e de estar sobre a terra e nela permanecer para lá das suas limitações biológicas, físicas ou geracionais. Como afirma Heidegger no seu discurso em Darmstadt, denominamos provisoriamente de construções as coisas que, como lugares, propiciam estâncias e circunstâncias. Responsáveis pela relação entre lugar e espaço, que por sua vez se relaciona com o homem que nele se demora, servem de palco à sua experiência quotidiana, "aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, habitual"[3].

"Na sua essência, produzir é "conduzir para diante de", é pro-duzir. O construir conduz, de facto, a quadratura para uma coisa, a ponte, e conduz essa coisa, colocando-a diante daquilo que já vigorava, e que somente agora através desse lugar recebe um espaço."[4]

Efetivamente, o papel da arquitectura reside na atribuição de significados a coisas e lugares que, em permanência, permitem ao Homem orientar-se e, através da sua identificação, pertencer a algo superior a ele próprio. No fundo, tem como objetivo suportá-lo na tarefa de viver. Para isso, o arquitecto tem como dever agrupar e tornar operativos esses mesmos significados, através da definição de um espaço culturalmente distinto daquele que o rodeia. É da construção destas fronteiras que nasce a definição de abrigo: contentor, mais ou menos fechado (possibilitador de mais ou menos trocas com o exterior), que protege o Homem de outros e das forças da natureza, permitindo-o "estar dentro". As necessidades e requisitos deste abrigo dependem sempre do contexto em causa, sendo o clima um importante factor de variação, na medida em que determina fortemente a solidez e transparência das suas fronteiras. Além disso, enquanto ferramenta, liberta o Homem para outras atividades, e auxilia-o nas relações inter-humanas através de intenções de união ou rutura para com uma determinada comunidade. As propriedades do espaço gerado dependem do carácter da sua clausura, que por sua vez reflete um dado entendimento do meio e da própria condição da existência humana.

"Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de

3 Heidegger, M. (1951). Op. cit.
4 Ibidem.





6 e 7. Construções indígenas, Amazónia, 2019. §

um pertencimento, resguardar cada coisa na sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua plenitude. Mostra-se assim que nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um "de-morar-se" dos mortais sobre esta terra."[5]

No caso da tribo que habita a Amazónia, ou de qualquer outro modo de habitar em estreita comunhão com o seu meio, esse resguardo é fruto de uma relação intuitiva de simbiose, através da qual a arquitectura potencia e é potenciada pelo próprio lugar. Nesta relação, nenhuma das partes protagoniza qualquer atitude de imposição ou conquista, mas sim a procura de um equilíbrio mútuo, operativo em ambas as direções. Como afirma o arquitecto Fernando Távora, "o próprio Homem, enquanto forma, é um misto de obra da natureza e de obra de si próprio, sendo difícil distinguir o que a uma e a outro cabem."[6] Isto não implica, ainda assim, que nalgum ponto a arquitectura não proteja o Homem do seu próprio meio e o complemente. Neste caso, na selva, apesar do valor atribuído ao sol e à terra, estes elementos serão idealmente excluídos do lugar de dormir ou de comer, por exemplo. O papel da natureza vai desde o de perigo e de ameaça ao de sustento e de morada. No fundo, trata-se da "organização harmónica daquele espaço com que a natureza nos prodigalizou"[7], traduzindo em linguagem simbólica e tornando visível aquilo que já estava de certa forma presente, mas não era ainda suficientemente próximo do Homem:

"Man-made places are related to nature in three basic ways. Firstly, man wants to make the natural structure more precise. That is, he wants to visualize his "understanding" of nature, "expressing" the existential foothold he has gained. To achieve this, he builds what he has seen. Where nature suggests a delimited space he builds an enclosure; where nature appears "centralized", he erects a Mall; where nature indicates a direction, he makes a path. Secondly, man has to complement the given situation, by adding what it is "lacking". Finally, he has to symbolize his understanding of nature (including himself)."[8]

5 Ibidem.
6 Távora, F. (2006). Da organização do espaço. Porto: FAUP Publicações p. 13.
7 Ibid., p. 9.
8 Norberg-Schulz, C. (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Rizzoli, p. 17.



8. Dormitório, Amazónia, 2019. §

No entanto, pode afirmar-se que "a arquitectura aparece quando o indivíduo transcende a situação ambiental específica e reconhece os princípios que podem servir para resolver também outras tarefas análogas."[9] O entendimento do lugar pode nem sempre preceder o ato de construir, mas sim funcionar enquanto paralelo mecanismo de descoberta. Uma sábia aprendizagem com os processos da natureza pode ser muito útil à escala urbana. Por exemplo, no Egito, a observação de fenómenos da natureza como as enchentes do rio Nilo, o movimento do sol e a fertilidade dos terrenos, permitem avaliar a previsibilidade da subsistência e assim ir ajustando a intenção construtiva. Aqui, o lugar funciona não apenas enquanto ponto de partida, mas também como objeto de investigação, iluminada pela análise dos seus aspetos e carácter. Já no Mediterrâneo, a observação das montanhas e o uso de grandes pedras conduziu a uma interpretação da arquitectura condicionada do ponto de vista da solidez e durabilidade, levando à construção de imponentes estruturas megalíticas. No geral, podemos concluir que o lugar representa a partilha de uma determinada aceitação e que a identidade do Homem depende do modo a que lhe "pertence".

Enquanto na cultura primitiva até o mais pequeno detalhe do meio natural é significativo, na sociedade moderna, ou antes, no mundo ocidental, este tende a ser negligenciado. A alienação face ao lugar transforma a cidade moderna numa autêntica manta de retalhos, na qual se misturam e confundem funções e a desordem é soberana. Mais do que um todo estruturado, compilador das várias interpretações de uma determinada realidade, o lugar urbano personifica a soma de vários, frequentemente desarticulados entre si. A abstração de tal soma, contrária à evidência imediata do lugar vernáculo, converte-se por vezes em território neutro, ao qual diariamente se alocam novas construções, independentemente da sua relação com o meio ou com o todo. Em *Da organização do espaço*, Fernando Távora refere que "a cidade contemporânea é, por definição, contra a natureza, e quando a aceita é apenas para demonstrar que pode dominá-la."[10] Ainda que a primeira não seja necessariamente sinónimo de uma espécie de "determinismo ambiental", reconhece que o homem é parte integrante do seu meio, estabelecendo com a sua realidade uma relação de harmonia e fluidez, ao invés de uma de posse, empréstimo ou maestria. Quantas vezes se avalia um edifício

9 Id. (1999). Arquitectura Occidental. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 228.
10 Távora, F. (2006), op. cit., p. 36.



9. *Habitar*, Amazónia, 2019. §

com base na fatia de luz solar que recebe, ou área verde que contém? Certamente mais do que aquelas em que se considerou o desenho do sol no céu ou qualidade da luz invasora de cada espaço ao longo das horas de que um dia dispõe.

"Nuestra modernidad es precisamente lo que nos impide retornar a la confiada lectura de la lengua natural de la naturaleza, que ya no hablamos, porque hemos empezado a ser modernos desde que hemos descubierto que el vínculo entre el signo y la cosa no es de semejanza, sino convencional."[11]

Por albergar tão diferentes necessidades e soluções, a par de uma doentia e incessante insatisfação, a cidade dos dias de hoje deixa de pertencer a um lugar para saber pertencer a vários, e permitir que homens vindos de todas as partes do Mundo nela possam encontrar o seu. O fenómeno da globalização tem certamente privilégios, e o desejo pela liberdade de não pertencer exclusivamente a lugar nenhum é parte integrante da vida moderna. No entanto, para que isto aconteça de modo pacífico, é vital atentar na coerência do sistema de relação entre a organização dos vários espaços, uma vez que dele depende a capacidade de orientação do Homem, ainda que longe das suas raízes. Não se trata de mimetizar a pureza de expressão das formas primitivas, mas sim readquirir a compreensão do mundo que nos rodeia, sem que nos exilemos dele próprio. Para que seja livre para explorar meios diferentes do seu, o homem deve possuir em si mesmo ferramentas que o permitam "pertencer", e isso implica saber reconhecer na arquitectura dos múltiplos espaços que habita meios com que se identificar. O alcance dessa sabedoria implica a clareza do simbolismo carregado no desenho do espaço, muitas vezes distanciado da sua origem, uma vez que este "tende a abolir os limites que fazem do homem um fragmento na sociedade e no cosmos."[12]

"Architecture is born from the dialectic of departure and return. Man, the wanderer, is on his way. His task is to penetrate the world and set its meanings into work. This is the meaning of the word "settle"."[13]

11 Pardo, J. L. (1991). Sobre los espacios pintar, escribir, pensar. Barcelona: Ediciones del Serbal, p. 112
12 Norberg-Schulz, C. (1979). Arquitectura Occidental. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 224.
13 Id. (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Rizzoli, p. 170.

16.03.2019

Cada linha, ao ser traçada, une dois pontos na sua distância mais curta. Hoje cruzei uma que, em vez de unir, separa.
A do Equador, divide ao meio o mundo. A sua representação, abstrata como qualquer outra, não surtiu em mim qualquer efeito. No entanto, no mesmo segundo em que a pisei, não só detinha o poder de dividir o mundo, como o de ditar a amplitude das sombras, o peso da gravidade ou a velocidade do sol.
A aparência do Mundo é a confirmação mais ampla que temos da sua presença, e aquilo que sabemos acerca dela afeta o modo como o observamos. Noutros tempos, também uma linha dividia o mundo em dois, atribuindo uma porção a cada império. O exercício de abstração que cruza todos os paralelos e meridianos representa um padrão parcelar da superfície da Terra, que a decompõe em quadrantes passíveis de compreensão e abordagem estratégica, através da criação de atmosferas sentitivas que a representação da linha permite antecipar.
Todos nos sentimos atraídos pelos pontos "zero". É impossível atravessar a linha do Equador sem a ilusão tridimensional do nosso posicionamento em relação à secção que divide a esfera que habitamos, sob linhas imaginárias no céu que entrelaçam narrativas distantes. O carácter definitivo e impositivo do seu traço, incurvável como a linha de horizonte no mar, explora as dimensões de uma natureza limite que, como qualquer ficção, se curva apenas perante a vontade e imaginação humanas.



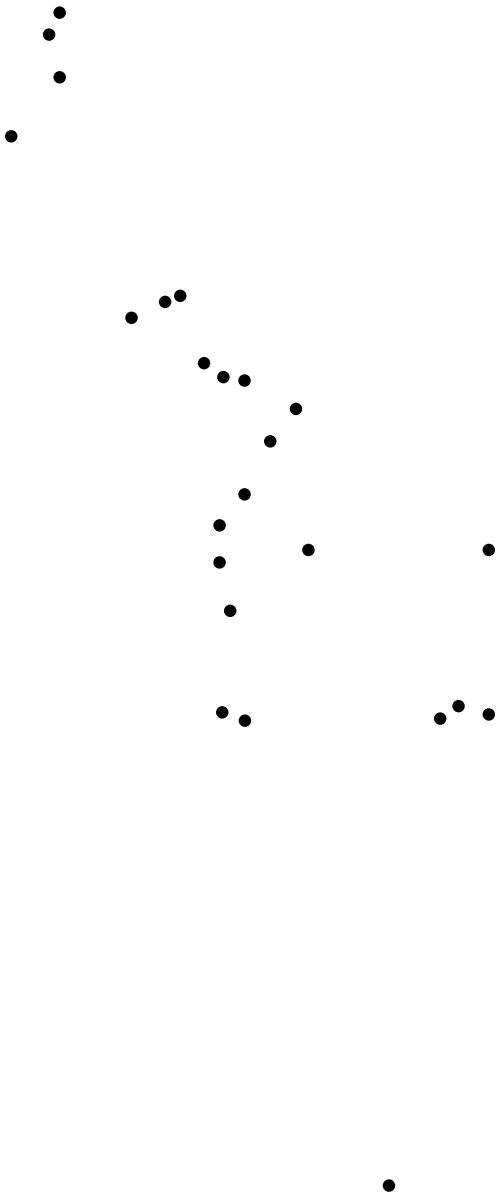
quito - latitude 0.

32.1. metade do mundo.

10. *Equador,* Quito, 2019. §

Qual o poder de uma linha, ou da sua representação?

**circo: nomadismo sedentário.
*um peixe que voa.
***o abrigo em Terras do nunca.
*os de fora e os de dentro.
**por vezes sou eu quem fica e ela que me deixa: a casa.
*desenhar a paisagem.
** o poder de uma escala ou uma escala de poder.
**o mundo chama do outro lado da porta.
*pela primeira vez arquitecta.



colômbia.

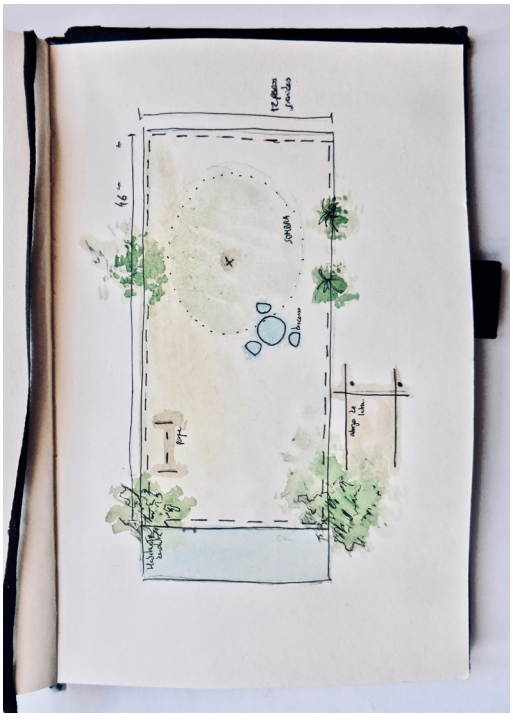
Pela primeira vez arquitecta,
abri as portas de um mundo em que o céu era,
também, lugar.

Nele, fiz de mim própria casa,
hóspede da casa das casas: o mundo.
Cruzei a linha cuja forma ditava as formas de um novo habitar,
limitado por conchas detentoras da história de todas as conchas.
Conheci sonhadores de casas,
que as viam por todo o lado;
mas conheci também aqueles que,
sem casa,
habitariam para sempre terras do nunca.

01.04.2019

Há uns dias, cruzei-me em danças com o "concejal" aqui da terra. Por entre passos hesitantes a que chamámos de salsa, referi ser estudante de arquitectura. No dia seguinte, sem aviso prévio, alguém me veio procurar. "Vem comigo, vamos construir um parque!", dizia. Sem grandes alternativas para passar o tempo, assim fomos, lado a lado, percorrer todos os parques da vila (basicamente um por campanha eleitoral). Rapidamente constatámos que em nenhum deles havia vida, provavelmente por em nenhum deles haver sombra e a temperatura média diária ultrapassar os 40°C. "Se vamos construir um parque, que seja à sombra" - disse-lhe. "Por isto precisava de uma arquitecta!" Sorri, simplesmente. Cinco anos de estudo serviram apenas para, naquele momento, constatar a temperatura atmosférica.
Medimos em passos o lote que lhe pertencia. Chegámos juntos à conclusão de que as crianças não iriam parar ao parque sem adultos e que, por isso, precisávamos de pensar um espaço que entretivesse ambos. Para além disso, o espaço público é o espaço dos tempos longos, da confiança e convivência, e isso não se atinge do dia para a noite. No centro cultural, onde era voluntária, esboçámos coletivamente uma ideia de parque e ninguém ficou indiferente à discussão. De repente, todos éramos curiosos, voluntários, paisagistas e arquitectos. Exerci naquele dia o mero papel de mediadora, ponte entre a realidade e os desejos difusos mas sinceros de cada um. Nos dias seguintes pusemos mãos à obra, e neles entendi que o exercício da arquitectura é um exercício de tradução e que se o resultado desse esforço comunicativo fosse a harmonia entre os habitantes, então eu tinha escolhido a profissão certa.



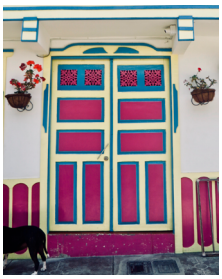


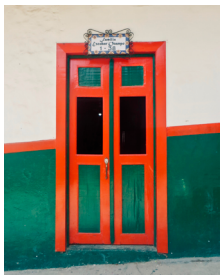
puerto lopez.

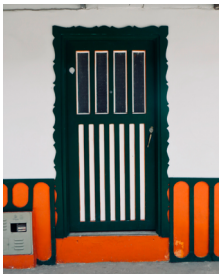
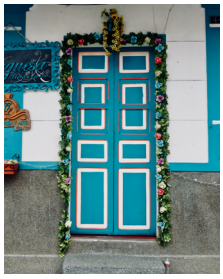
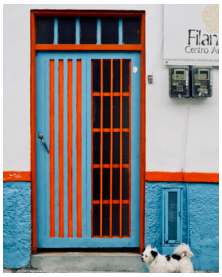
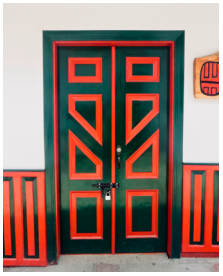
33.1. pela primeira vez arquitecta.

Será a arquitectura um exercício de tradução?

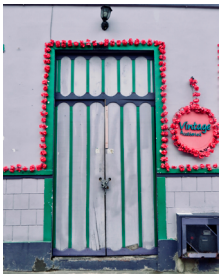
1. *Com quem está, com o que há,* Puerto Lopez, 2019. § 2. Esboço colectivo de um parque,





5.59




salento.

34.2. o mundo chama do outro lado da porta.

3. *Fronteiras anunciadas,* Salento - *Eje cafetero*, 2019. §

Lugar geométrico das entradas e das saídas, a porta é a formalização de um espaço-entre, que une e separa na mesma medida. Representa sempre um desejo de passagem, ainda que do lado de lá nada espere por nós. A abertura de uma porta, outrora neutra do ponto de vista espacial, transforma um lugar fechado num lugar aberto, à mercê de um mundo que não o anterior.

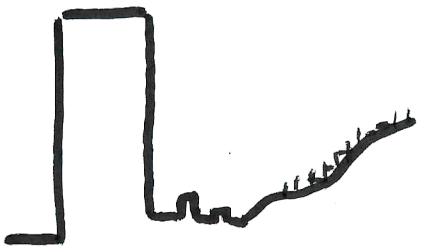
Criatura de fronteiras, o Homem recorre a outras que não as suas para se refugiar de si mesmo, sendo a porta a membrana móvel que lhe permite estar dentro e fora, a qualquer instante, de um mesmo lugar. Bidirecional na sua essência, contrariamente à janela, prova que entrar e sair não são mais do que dois acontecimentos impressos do mesmo ato: estar dentro.

Ao longo do *Eje Cafetero*, a porta parecia significar mais do que em qualquer outra geografia: cartão de visita, percetível e mensurável, de um porvir maior. Em si, encerrava o decoro e a identidade de um expansivo gesto de boas-vindas, que convertia cada esquina num lugar amigo. Como alternativa à azáfama vivida nas ruas, projetava na casa um desejo de confinamento, mediador entre a intimidade e o público. O encerramento proporcionado pela vida doméstica encontrava na porta a figura fronteiriça da limitação de uma unidade interrompível, cuja passagem não acontecia sem intenção prévia, código ou diálogo. Através delas se contavam histórias ao mundo, espelho da história do interior que encerravam.

Por detrás delas, imagino cenários sem fim. Afinal, o que encerram as portas?


Alcaldía de Medellín





medellín.

35.2. o poder de uma escala ou uma escala de poder.

4 e 5. Exemplos de austeridade e problemas de escala, Medellín, 2019. § 6. Corte esquemático.

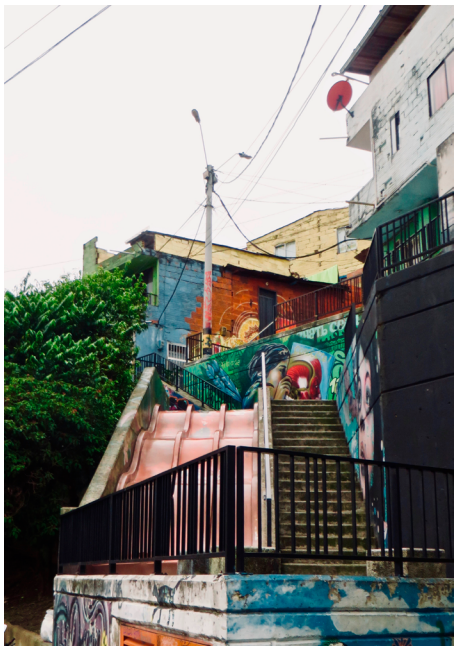
O caso da cidade de Medellín constitui um exemplo claro de um esforço coletivo e interdisciplinar de superação dos vários fatores que previamente a impediam de prosperar: a exigente topografia, a extrema desigualdade social e a violência instaurada pelo narcotráfico. Hoje são visíveis por todo o seu território os traços dessa recuperação, e neles a relevância do papel da arquitectura.

De modo a integrar o global processo de reorganização de uma sociedade justa e racional, um pouco por todo o mundo, lideram as grandes entidades que, apoderando-se da consciência das massas, deformam personalidades, assoberbam direitos e instrumentalizam Homens. Mas ali o caso era distinto: o governo nacional nada podia contra o poder local dos cartéis, cujo domínio recortava a cidade em pequenos fragmentos. Uma das consequências desta multiplicação era visível na heterogeneidade dos traços urbanos e das pequenas intervenções, fruto de ações esporádicas e predominantemente locais. A correspondência e proximidade entre estas e a comunidade ditavam uma constante de sucesso, reveladora de um processo democrático em conformidade com os desejos do povo.

As instituições e iniciativas privadas, não mais capazes de acomodar os ecos das novas gerações, haviam aberto mão do espaço público urbano, entregando-o a iniciativas locais, verdadeiramente empenhadas no seu triunfo. As anteriores tentativas nacionais de repressão da criminalidade apoiavam-se num modelo neoliberal que conduzia à privatização do domínio público através de autoritárias conceções espaciais, refletoras da defesa de uma reação popular, numa altura em que a polarização e desigualdade sociais colocavam em perigo a própria governabilidade. A negligência do espaço público, temerosa da aglomeração e respetivos atos reivindicativos, transformava as ruas em autênticos campos minados, nos quais um passo em falso poderia constituir uma questão de vida ou de morte.


Si no tienes AMOR NO tienes UNA
Mierda







7. Campo de jogos,
8. Murais de arte urbana,
9. Escorrega enquanto elemento vertical,
10. Grupo de dança urbana,

11. Escada rolante movida a energia solar (margem inferior direita da imagem, pág. seguinte),
Comuna 13 - Medellín, 2019. §

Era fundamental repensar a política de gestão destes espaços, começando pela escala da arquitectura entanto projeto territorial, baseado em métodos comunais de confiança e solidariedade. A participação ativa na construção de um *ethos* alternativo, quotidiano, não-erudito e resistente à hegemonia cultural, fizeram de Medellín uma cidade atenta, que correlacionava e antecipava as vontades dos seus cidadãos. O papel do arquitecto, nela comprometido com este gesto de vanguarda, não era mais um de resistência ou dissidência, mas sim de adaptação e compreensão do contexto em causa. Flexível na sua abordagem, focava-se na participação e procura coletiva de respostas à crise política, económica e social em que se inseria, como base de um envolvimento ativo no futuro do seu território, em detrimento de um discurso austero ou mercantil. Comprometida com uma mudança estrutural do sistema, a arquitectura surgia enquanto dispositivo mediador, capaz de produzir novas possibilidades inclusivas e credíveis para a produção do espaço comum. Desenvolveu-se nos interstícios da cidade uma arquitectura de rua, autorizada senão pela própria iniciativa, autogerida na sua relação com os habitantes. Por toda a parte, eram visíveis pequenas intervenções no limite da arte contemporânea, desde a pintura de murais às performances de rua. Do ponto de vista estrutural, várias soluções procuraram colmatar a clivagem forçada pela topografia dentro das comunas, através da presença de elementos verticais que facilitavam a mobilidade e dissolviam fronteiras, como escadas rolantes e escorregas. Criaram-se também novos equipamentos públicos: bibliotecas, praças, centros culturais e desportivos cuja abertura formal e proximidade com a vizinhança garantiam a segurança e pertença da sua utilização. Por último, foram desenvolvidos novos sistemas de transporte, como o *metrocable* e o teleférico que, ao permitir um maior fluxo de deslocamentos, favorecia a amálgama da população.

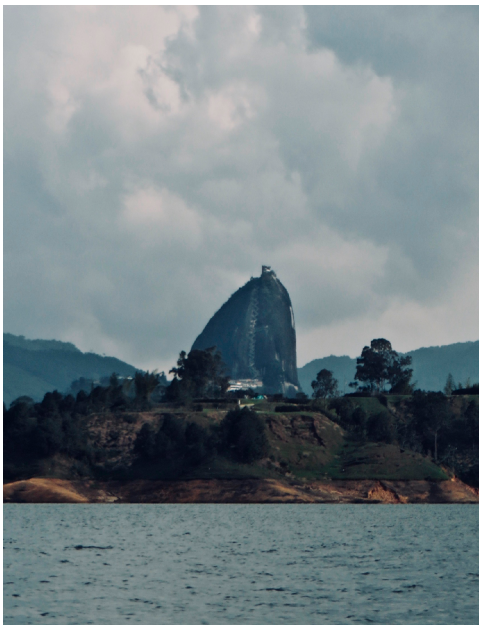
Hoje, a cidade de Medellín é uma referência mundial de um cruzar bem sucedido entre política e arquitectura, capaz de recuperar parte da dignidade perdida para a guerra do narcotráfico através de um enquadramento cultural igualitário e inclusivo. Exemplos deste tipo reforçam a crença de que a arquitectura não vale apenas por si, mas pela influência que permite e produz, assim como as relações que alimenta. Quanto maior for a sua integração e compreensão do contexto em causa, maior a probabilidade do sucesso da sua resposta a problemas reais. Não será esse o verdadeiro desafio da arquitectura?








YOM YOM





guatapé.

36.1. desenhar a paisagem.

12. Várias perspectivas de um mesmo lugar, Guatapé, 2019. §

Pode a arquitectura converter a paisagem em figura?

12.04.2019

São íntimos os de fora e os de dentro, ainda que sempre prontos a trocar hostilidades. Sem uma barreira a separá-los, os primeiros perderiam a claridade e os segundos o vazio da sua forma.
A muralha é a fantasia de um lugar estável, que opera em suspensão das suas características prévias. Em Cartagena, há muito que ela perdeu a sua função de defesa, mas mantém outra igualmente determinante e sobre a qual a cidade descansa: a de ordem. Neste sentido, prevalece enquanto rígido monumento à pátria, ruína tracejada de uma linha outrora estática, erodida pelo tempo. Como uma camisa de forças arquitectónica que impede a expansão e o perigo, o muro transmite, de modo assertivo, uma intenção segregadora. Ao atravessar um espaço, produz necessariamente uma cisão, que tanto divide um lugar como cria dois. A linha imaginária concretiza sonhos passados e perpetua esperanças futuras, a partir do momento em que interceta a comunicação entre dois mundos. De um lado, a cidade-cenário, pronta a receber os turistas endinheirados; do outro, a cidade-real, marginalizada e posta de parte pela cultura. Eu estou ciente de que não a devo ultrapassar, mas o que estará para lá do muro?
A História Ocidental habitou-me aos limites e vestígios de antigos muros e fronteiras, mas que em contexto americano, não ouso decrifrar. Hoje, substituídos por outros, líquidos e invisíveis no seu trato, continuamos divididos, na esperança de que um dia se *desmurem os muros* que nos impedem de libertar.



cartagena das índias.

37.1. os de fora e os de dentro.

Representaria a queda do muro a esperança de um novo contacto?



13. *Linha de clivagem,* Cartagena das Índias, 2019. §

16.05.2019

Há mais de um mês que adormeço e acordo neste quarto. Guardo nele tudo aquilo de que necessito, e ele parece guardar-me a mim. De luzes apagadas, sei de memória para que lado está a porta e encontro até a tomada sem ter de apalpar a parede. É meu ao ponto de ter finalmente tirado toda a roupa da mochila e a ter espalhado pelas gavetas do guarda-fatos. É meu ao ponto de as minhas fotografias na parede delimitarem o meu território e os meus cuidados lhe devolverem a cada dia a mesma essência. É meu ao ponto de me fazer sentir segura e dizer que nem tudo é incerto, está de partida ou em escombros. Nele experimentei já a ansiedade da espera, a nostalgia da perda, a exaltação da paixão e os tormentos da saudade. Como posso não o chamar de casa?
(...)
Tinha-me esquecido de como me protegiam os cobertores, por há meses o calor me impedir de necessitar deles. Aqui, o frio relembra-me o calor de estar só, e dele recebo as reservas de intimidade que diminuem o mundo lá fora. Já sonhei demasiado aos pés desta cama. Passamos mais de um terço da vida nela e eu costumava achar que só dormia bem na minha. Quanta vida perdi eu?



santa marta.

38.2. fazer(-se) casa.

14. *A casa dos meus olhos,* Santa Marta, 2019. §

Por vezes, sou eu quem fico e ela que me deixa. Cada dia sou mais casa de mim própria, inquilina de mim e do mundo. Parece mover-se comigo e adquirir ao longo do tempo as mais variadas formas. Por vezes, coincide com a de um qualquer espaço físico, outras tem apenas paredes de pele.

A palavra "casa", cuja origem etimológica coincide com a da palavra "acaso", era utilizada pelos romanos como referência a construções transitórias e precárias, contrariamente à referência de estabilidade com que hoje a brindamos. Mais do que suporte de rotinas ou lugar de regeneração diária, a casa é o praticável que nos permite ocupar um lugar no mundo, fonte da segurança, energia e identidade que nos permite ser-lhe parte e encontrar nela um espaço que nos liberte de nós próprios. Na casa, a arquitectura pode chegar a ser silenciosa ou invisível, composta apenas por memórias ou imagens, na conquista efémera de um lugar íntimo: espaço solitário do corpo. No limite, ela representa a linha de fronteira entre um exterior comum e um interior exclusivo, instrumento de afronta ao cosmos, que isola o indivíduo enquanto unidade mínima do organismo social.

Em Santa Marta, a forma instável da minha casa coincidiu com a arquitectura que diariamente habitei, centro provisório da minha existência. Conhecia-lhe os atalhos, os itinerários dos transportes, onde se vendiam as bananas mais maduras e até o nome do carteiro. Raramente estranhava os nomes das ruas e, mesmo que quisesse, nelas nunca me saberia perder. Cada lugar se unia a recordações precisas e bastava-me olhar a forma das nuvens para saber se nesse dia iria chover. Mas, a partir de que momento um sítio é verdadeiramente nosso?

Por se tratar de um hostel, abrigo transitório e de breve permanência para os restantes utilizadores, a sua arquitectura era genérica ao ponto de permitir que as mais variadas personalidades dele fizessem casa, ou se mantivessem na sua. Os hóspedes iam


LA
KALETA

15. *A vida à porta de casa,* Santa Marta, 2019. §

e vinham, mas eu ficava, o que me concedia o privilégio de lhes olhar por cima do ombro sempre que sentia o meu espaço ser invadido. As células, relativamente neutras e anónimas na sua composição, possibilitavam diversas apropriações. Mas após cada partida, regressavam ao seu estado original, como se nunca tivessem sido habitadas. A efemeridade e instabilidade do seu programa impedia o arquitecto de conhecer os seus verdadeiros clientes, forçando-o a um distanciamento do seu papel enquanto mediador. O único cliente que conhecia - o dono - estava focado apenas na rentabilidade do seu imóvel, impedindo o arquitecto de recolher dados reais acerca das necessidades e desejos dos seus futuros utilizadores transeuntes. Quão comum é esta condição nos dias de hoje?

Relacionamo-nos e fazemos mundo a partir da nossa casa, e fazer-se casa é garantir que o mundo é pequeno e que, independentemente do lugar que nele ocupemos, haverá sempre um chão sob os nossos pés e um teto sobre a nossa cabeça. No momento em que nos soubermos casa de nós próprios, faremos casa do mundo.

19.04.2019

Ando há semanas a ver peixes. Uns mais coloridos que outros, mas, no fundo, todos iguais. As barbatanas permitem a sua locomoção, e nada mais fazem se não locomover-se. "Nadam", dizem. Eu diria "voam", se o seu meio assim mo permitisse. Mas, nas águas, parece existir apenas uma dimensão, que não necessita de medidas para sê-lo: profunda. O tempo e o espaço condensam-se nas imagens de um espaço-substância, onde a geometria obedece a regras de outra natureza. Nelas a forma não é mais do que um desejo concentrado de vida, traduzido pela exata medida das suas necessidades. A materialidade dos corpos coincide e luta com a materialidade do lugar onde os corpos carregam as propriedades da sua condição autorreferencial. Os ovos são esféricos pela ausência do perigo de quedas, os peixes encarnam a anatomia que melhor lhes permite fluir e as conchas ditam a forma dos seus ocupantes. A vida constrói a sua morada como o molusco constrói a concha, esqueleto inverso da sua intimidade, inerte à mutabilidade da exitência. Há que ser-se só para habitar uma concha, mas quantas conchas habitadas existem por conchas por habitar? Um dia vi um peixe diferente: caminhava. Assustei-o: nadou. Ninguém acreditou em tal condição. As características de uma determinada coisa moldam-na para se deslocar na especificidade de um meio, mas qual o risco de pertencer a vários, ou a todos? Falo de peixes, ou de arquitectura?







taganga.

39.1. um peixe que voa.

16. *Série de formas deslocadas do meio,* Taganga - Santa Marta, 2019. §

Nos anos vinte, a forma seguiu função. Nos sessenta, movimento e, nos oitenta, um programa. Hoje, a forma segue os ícones. Chegará o dia em que a forma siga as circunstâncias, tanto quanto o molusco segue a concha?



40.2. circo: nomadismo sedentário.

17. *Sonhadores de casas,* Palomino, 2019. §

Ao longo de toda a etapa sólida da era moderna, os hábitos nómadas foram marginalizados em detrimento de um princípio de territorialidade e sedentarismo, que visava desprender-se das amarras do tempo, ancorando-se no espaço. Hoje, num mundo cada vez mais globalizado, a maioria sedentária é governada por uma elite nómada e extraterritorial. Para além desses, muitos são sem-abrigo nas suas próprias casas, ou nómadas dentro delas.

Palomino era palco de circo, mas de um diferente, que não vai nem vem. De acordo com o seu significado etimológico, a palavra "circo" representa uma forma circular, que curiosamente dita a conformação espacial de um lugar sem espaço fixo. Nele encontravam morada aqueles cuja casa ultrapassava a condição física e adquiria traços psíquicos de um lugar mental. Donos de um corpo em exploração itinerante de uma tela-paisagem, os nómadas circenses instalavam-se por todas as partes sem se encerrarem em nenhuma. A cargo da sua história e geografia, ainda que sem janelas, carregavam em permanência miniaturas de mundo, cujas casas-instrumento visavam habitar. Mas se circo é viagem, evento móvel e temporal na sua mais absoluta condição, o que acontece quando este se fixa num determinado lugar? Permanecerá circo, ou arquitectura?

27.05.2019

Vim parar a terras do nada e de ninguém. Para além de mim, ninguém cá parou porque quis. Presos na terra que o tempo esqueceu, quem aqui chega não tem intenções de ficar, embora não tenha como partir. Quero crer, também, que a grande maioria daqueles que por aqui se arrastam, tristes, não superou sequer os dois dígitos nesse grande contador que é a vida. Perderam-se das mãos de quem foi obrigado a deixá-las ir, na esperança de um futuro melhor.(…)
Temo que em qualquer momento anterior do meu percurso académico, protegida pela presunçosidade das paredes cegas de uma instituição que não me permitiu ver mais além, afundada no luxo de um continente que fecha os olhos àquilo para lá dele acontece, eu poderia até ter imaginado este cenário e pensado: "A arquitectura resolve! Não foi para isso que a escolhi como ofício?". O problema é que, fora de paredes brancas, a vida é real, também. (…) Viajo por estas geografias há meses suficientes para entender que não há profissão ou carácter que salve os seres humanos deles próprios e, mesmo que houvesse, tive já mais certezas de que fosse a minha.



cabo de la vela.

41.3. o abrigo em Terras do Nunca.

18. Posto de abastecimento automóvel, Cabo de la Vela, 2019. §

"A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que não lhe compete e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objeto torna-se realmente outro porque o tornámos outro. Manufacturamos realidade."[1]

Nos entremeios da linha que separa a Colômbia da Venezuela, localiza-se em pleno deserto o refúgio temporário-permanente daqueles que nunca desejaram verdadeiramente ali chegar, mas cuja pátria enfraquecida e inoperante não teve outro remédio que não o de os deixar partir. O fluxo de migração ilegal entre estes dois países nunca foi tão elevado, e os cenários de horror que medeiam as suas fronteiras são prova disso. Infelizmente, a preocupação em torno dos mesmos parece ignorar as causas e procurar apenas socorrer os sintomas, esquecendo que os meios para o fazer há muito perderam a capacidade para os acompanhar.

Atualmente, em todo o Mundo, uma em cada noventa e sete pessoas vive na condição de refugiada ou deslocada interna. Além destas, que não têm alternativa, o número de pessoas que, por um motivo ou por outro, se viu obrigado a abandonar o país de origem, é cada vez maior. A arquitectura, por acompanhar de perto a vida de várias (ou de todas), carrega nos ombros o peso de representar as conexões formadas entre as mesmas e os novos territórios que ocupam. No entanto, quando estas advêm de uma relação forçada, tanto por parte do país de origem como do de receção, este peso torna-se ainda mais ingrato. As noções de temporalidade e permanência veem-se interrompidas pelo constante saltitar de uma vida nómada, e os lugares, outrora eternos, transformam-se em meros e transitórios pontos de passagem.

"Unfortunately, because housing seems to rank after nutrition as a factor in keeping people alive, people often seem to think that the barest minimum is all they can afford,

1 Pessoa, F. (2011). Livro do desassossego. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 89.




República Bolivariana
de Venezuela
CIEN
BOLÍVARES
BR69128992
Para
Vero
De:
Adan
BR69128992
100
100

19. Rosto curioso de quem viu uma câmara pela primeira vez, Cabo de la Vela, 2019. § 20. Carta de despedida escrita numa nota venezuelana cujo valor económico se perdeu por completo.

rather as some people think that their responsibility is finished once they have provided a soup kitchen to feed the unemployed."[2]

Efetivamente, somos rápidos a entender a urgência de um pedido de socorro do foro alimentar ou da saúde, de importância inequivocamente vital. Mas, no que toca às necessidades de habitação, somos facilmente iludidos pela satisfação das suas necessidades mais básicas, esquecendo tudo aquilo que um teto pode fazer por quem debaixo dele se abriga. A falta de meios força a arquitectura a refletir apenas sobre a sua função primária e, para o cumprimento dessa, os quilómetros de tecido branco que compõem as tendas da maioria dos campos de refugiados parecem cumprir todos os requisitos. No entanto, a escala migratória dos desertos colombianos não captou ainda a atenção de nenhuma organização mundial e muito menos a do próprio governo nacional. Ali, qualquer ajuda é voluntariamente cedida pelas populações vizinhas que, em conjunto com os próprios refugiados, improvisam diariamente esboços de abrigo. Não se trata, porém, da reconstrução de um qualquer território, com a pronta ajuda dos seus moradores, ou muito menos do projeto para a nova casa de um jovem casal apaixonado que por fim se emancipou. Trata-se, sim, da construção de um recetáculo transitório destinado a seres humanos movidos contra a sua vontade do lugar a que sempre chamaram de casa, mas que, por nela não mais estarem assegurados os seus deveres e direitos, se viram forçados a abandonar. Nestas circunstâncias, em que do passado são retidas apenas memórias e o futuro hipotecado assenta na suspensão de garantias, qualquer projeto nasce num limbo. O vazio do deserto representa a perda de um passado material e das utopias de um futuro desejado, e qualquer coisa que ali surja, dificilmente estará à altura quer de um, quer de outro.

"A shoemaker may take pains to fit his costumer, by measuring his foot and shaping the shoe carefully so that it is just right for him - or he may, like an army boot maker, produce a standard size of shoe and let the costumer's foot adapt itself as best it can."[3]

Forçar uma determinada comunidade, possuidora dos seus símbolos, rotinas e costumes, a calçar um par de sapatos de molde universal, certamente resultará em bolhas

2 Fathy, H. (2000). Architecture For The Poor: Experiment In Rural Egypt. Chicago: University of Chicago Press, p. 134.
3 Ibid, p. 59.





21 e 22. A minha cabana, Cabo de la Vela, 2019. §

e calos e, no pior dos casos, que o par nunca lhe chegue a servir. Por outro lado, se o seu pé for cautelosamente medido e o par acomodar as suas irregularidades, a probabilidade de que este o auxilie nas suas caminhadas será garantidamente superior. Ao longo do tempo, a arquitectura de uma dada localidade adapta-se ao quotidiano, características e excentricidades da sua população, da mesma forma que esta se adapta à própria arquitectura, como um molde ou como um espelho. Ora, calçar-lhe uns sapatos moldados aos pés de outra, roubar-lhe-á a folga esta que tinha para se expressar livremente dentro das suas peculiaridades. O sucesso de um par não depende apenas do seu número, assim como o de uma obra não depende unicamente da satisfação das necessidades elementares daqueles que a habitam. Para que prospere, esta deve ser capaz de, para além de cumprir os requisitos mínimos de abrigo, alargar o leque de novas possibilidades, permitindo que o homem caminhe confiante e o mais longe possível. Embora seja unânime que, a curto prazo, as carências alimentares e sanitárias requeiram o socorro mais urgente, para que a longo termo estas pessoas o possam garantir autonomamente, matérias como a segurança, acesso à educação e ao mercado de trabalho, comunicação com o exterior, bem-estar e conforto requerem igual cuidado no desenho do espaço que habitam.

"If you want a flower, you don't try to make it with bits' of papered glue, but you devote your labor and intelligence instead to preparing the ground, then you put a seed in and let it grow. In the same way, to make use of the natural desire of the villager to build, we must apply ourselves to preparing the ground by creating an atmosphere or social climate in which building will flourish, and we must not waste our energy on the construction of buildings which, however smart or striking they may be, will be as sterile and unproductive as artificial flowers."[4]

Para um arquitecto, intervir num contexto como este constitui sempre uma operação delicada. Quando oriundo do primeiro mundo, a tendência das suas propostas recai em intervenções à luz da sua imagem. Mas, este rapidamente entende que os recursos materiais são escassos e os humanos, limitados. Precisamente por conceber orçamentos baseados na aquisição de materiais que não pertencem ao léxico local, nem mesmo à panóplia de conhecimentos técnicos da população de destino, um alto

4 Ibid, p. 129.


RESTAURANTE
LAND CRUISER

23. *Cruzamento*, Cabo de la Vela, 2019. §

nível de frustração será rapidamente atingindo, ao entender que o meio não acolherá nunca as suas propostas. Ao mesmo tempo, ainda que logre fazê-lo, recorrendo ao auxílio de estudantes ou voluntários, ou até mesmo a mão-de-obra forçada, no futuro, os habitantes não saberão como operar a manutenção desses edifícios, nem mesmo realizar pequenas reparações ou substituições. O problema deste tipo de ajuda é que dura apenas enquanto dura o fluxo de materiais e a intervenção externa. Assim que estes cessarem, e ainda que as técnicas do seu manuseio tenham sido satisfatoriamente adquiridas, os moradores não terão os meios para adquirir novos materiais, e assim aplicá-las. Outro risco reside no facto de que a identidade da comunidade lentamente se possa vir a deteriorar, e que os seus membros rejeitem os antigos métodos tradicionais, em detrimento da ilusão de "superioridade" causada pela nova e alienada "imagem ocidental". Para além disso, uma mudança demasiado súbita ou de longo alcance, poderá não cair nas graças dos futuros habitantes que, ao não serem incluídos durante o processo, tendencialmente negligenciarão o novo espaço construído.

Por outro lado, se o arquitecto adoptar as técnicas e conhecimento locais, assim como os recursos materiais disponíveis em grande escala na natureza, não só parte do problema monetário fica resolvido, como as áreas de construção deixam de possuir limites tão rigorosos, e a própria estética do desenho adquire maior liberdade e capacidade para veicular símbolos. A cooperação dos futuros moradores na transição entre o antigo espaço e o novo é a garantia de que este processo caminhe de encontro às vontades expressas pelo grupo, e que valores importantes de uma dada comunidade não sejam negligenciados.

"It is said that in the loss of sense and order generated by a grave traumatic event hidden processes in the development of a community can be revealed and unexpected and highly unusual capacities can emerge in some particularly predisposed individuals."[5]

Em contextos de escassez e preponderância da pobreza, ainda que os processos informais de autoajuda não representem uma situação ideal, deles se poderão retirar valiosos testemunhos e indicadores de prioridades, preferências e mecanismos de su-

5 Aravena, A. (2013). What comes first?, In Lotus nº 152: Capability Approach, p. 96.





24. Deserto dunar, Cabo de la Vela, 2019. §

peração, assim como reduzir os "desfasamentos entre as necessidades mais prementes e as estratégias de intervenção no ambiente construído adotadas na sua redução."[6] Uma visão que empregue nos seus instrumentos de planeamento e estruturação a cooperação da comunidade em causa, poderá potenciar fortemente a relação entre esta e os profissionais (ou amadores) que nela tentem intervir.

Em suma, o mecanismo informal de autoajuda assistida é pertinente sempre que as intervenções externas jogarem no sentido de a guiar e potenciar através de um intercâmbio de ideias, estratégias e conhecimentos. Este deve atuar como fomento às próprias técnicas e recursos locais e não como fator de alienação, pois só desse modo conquistará o entusiasmo dos novos moradores que, de outra forma, não colaborariam voluntariamente. O esforço colaborativo é determinante quando o contexto corresponde à construção de um assentamento de raíz, uma vez que neste caso a quantidade de trabalho requerido será desproporcional, e até mesmo imoral, face à energia e vontade de qualquer ser humano. "Um homem só não constrói uma casa, mas cem homens facilmente constroem cem."[7]

"Only a person embedded in culture can exactly define and re-project its potencial, and when this potential is low, it is surely better to import a live plant than to plant death trees."[8]

O arquitecto detém uma posição única na renovação da fé do habitante na sua própria cultura. Por representar uma entidade externa, dotado de conhecimentos que lhe permitem conjecturar formas capazes de atender aos padrões de uma determinada comunidade, aporta uma perspetiva de importância vital, que frequentemente o construtor local, por estar demasiado embrenhado na complexidade dos fenómenos e contradições do lugar, não é capaz de conceber. Ao explorar o espaço como segmento de articulação entre os seres humanos e os sistemas ambientais que integram, e não como soma de formas isoladas entre si, este detém a capacidade de conjeturar mecanismos

6 Fernandes, A. L. (2015). Entre remediar e solucionar. A estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza. São Tomé e Príncipe como laboratório. (Tese de Doutoramento). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p. 6.
7 Fathy, H. (2000). Op. cit, p. 130.
8 Smithson, A.; Smithson, P. (1970). Ordinainess and Light: urban theories 1952-1960, and their application in a building project 1963-1970. Massachusetts: The MIT Press, p. 166.


GWY-68C
HEN-05C


CHILE
26 DIC 2019
ISTANBUL
48A

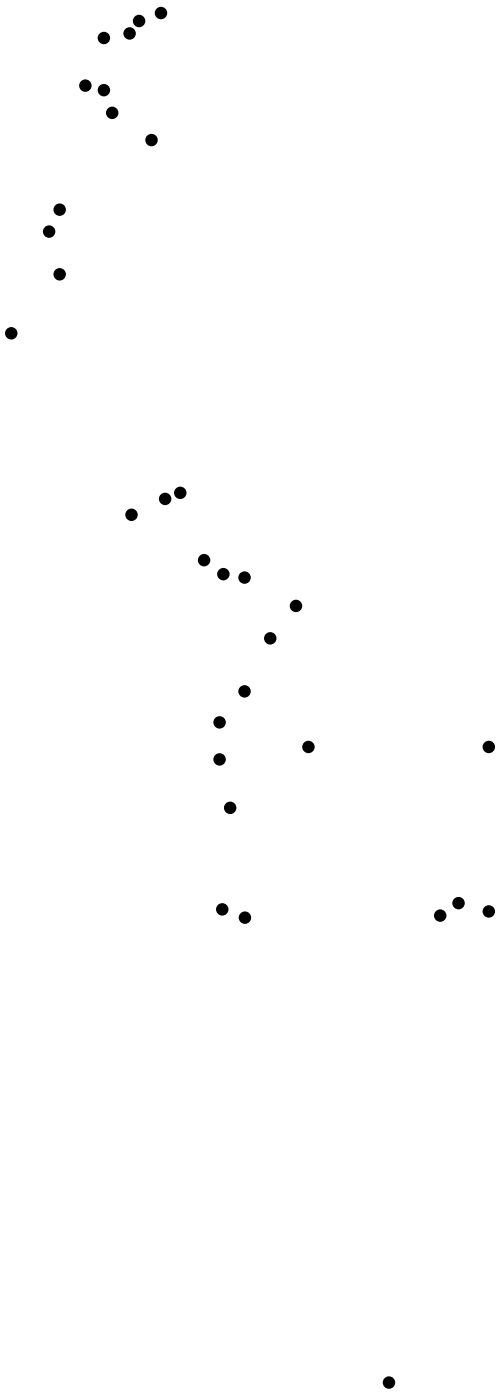
25. Local de chegada da fronteira, Cabo de la Vela, 2019. § 26. Último destino sul-americano, ou um passaporte priveligiado.

potenciadores. O novo poderá ser um meio para redescobrir aquilo que já existe. No entanto, para que isso aconteça, o arquitecto deve procurar primeiro conhecer e compreender a cultura em que intervém, assim como a sua organização, rede colaborativa, suporte interno e o entendimento do meio. A sua formação deverá permitir-lhe fazer uso da sensibilidade ao descobrir e identificar as problemáticas inerentes a um determinado grupo, e não inventá-las ou defini-las por si mesmo. Em nenhuma circunstância, e em particular nesta, a prática arquitetónica deve cingir-se à livre expressão artística do autor, por constituir resposta a um problema real e urgente. Ainda que distante da realidade em que exerça as suas funções, o arquitecto deve ser capaz de atender às diferenças que o separam do seu "cliente" e caminhar no sentido da sua redução máxima. Deste modo, poderá entender melhor as relações que o grupo estabelecerá com o novo meio e, em união de esforços, traçar um caminho alternativo para a sua melhoria. Deverá ainda ser capaz de antecipar necessidades e problemas que existam apenas parcialmente na consciência da população, mas que ele, através da sua particular sensibilidade e imaginação, é capaz de conceber abstratamente. O entendimento destes mecanismos é essencial para afastar o arquitecto do papel de observador e analista, reposicionando-o enquanto privilegiado agente de responsabilidade ética e social. Se, pelo contrário, o arquitecto assumir face aos moradores uma atitude de superioridade, e impuser acima de qualquer contigência a sua visão egocêntrica, não só os laços de confiança e entreajuda serão quebrados, como qualquer obra resultante desse paradigma dificilmente resistirá ao traço imprevisível da vida de quem a habite. Para que isto não aconteça, o ensino da arquitectura deverá capacitar os seus alunos a ler e interpretar situações significativamente diferentes do seu contexto sócio-económico, em vez de plantar no seu lugar vícios e preconceitos que o impeçam, como a mim me impediram, de acreditar que a arquitectura pode e deve ser ferramenta na construção de um mundo melhor.

"Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente."[9]

9 Marx, K., Engels, F. (2003). A sagrada família. São Paulo: Boitempo, p. 196.

**no dia em que piso deserto, piso Broadway.



estados unidos da américa.

- *o regresso do corpo.

Há na cidade um bosque que não logro decifrar,
mas não preciso.
Já não tenho casa: sou do mundo.

05.06.2019

Nem vinte e quatro horas passaram desde que pisei deserto. Fiquei presa nele mais tempo do que planeava. A julgar pelos pores do sol que ali contei, pensei nunca mais de lá sair. Hoje piso Broadway.
Depois de tantos dias no meio do nada, sem acesso a tecnologia, eletricidade ou comunicação com o exterior, nem acredito que me dirijo agora para o centro do mundo, no auge da maquinação aérea que exibe em si luzes de todas as cores.
Até hoje, o tempo era aquele que a natureza impunha: sobrava sempre, passava lento. O meu corpo refletia-o pela fome e entendia-o através do sol. Ninguém conhecia a sua própria idade para além de mim, mas sim as suas conquistas e acervo pessoal (que eu não). Onde o tempo não passa, tudo parece estar em movimento, incluindo eu. O quotidiano daqueles que ali viviam traduzia a calma do seu ritmo e, a arquitectura, desenhada por luz mais do que por matéria, acompanhava a lentidão desse processo.
Aqui, no ar, o tempo é pura abstração. Dizem que perdemos ou ganhamos horas, quando voamos, mas o que é que isso significa? Hoje em dia os aviões permitem que um dia tenha vinte e quatro horas solares à sua disposição, reduzindo a superfície terrestre a uma sequência de eixos horários. Mas, afinal, o que representam as horas? Foi o sol, ou o homem, quem as inventou?





nova iorque.

42.2. no dia em que piso deserto, piso broadway.

1 e 2. *As 24 horas que separam estas imagens*, Cabo de la Vela | Manhattan, 2019. §

O tempo é um estado, condição da existência inerente à vida, dimensão invisível na perceção do espaço enquanto universo háptico. Regulador de toda a convivência humana, o tempo é uma ordem e toda a ordem é tempo. Foi preciso um milénio para que os homens coincidissem na sua representação simbólica, recorrendo a unidades temporais coesas como a hora ou o calendário. À medida que cresce, cada indivíduo apreende no seio da sua comunidade os sinais conferidos por ele, orientando a sua conduta em função do mesmo. Os relógios não medem a sua invisibilidade, mas sim a sua concretização em jornadas de trabalho, formas da lua ou convenções sociais. Não constitui em si um fenómeno, mas sim uma sucessão, convertida em evidências pelo espaço. Forma pura da sensibilidade humana, adquire importância pelo movimento: padrão que nos permite avaliar a passagem do tempo. Da mesma forma que a arquitectura articula o espaço, também manipula o tempo, irreversível na sua condição de eterno transcurso. Cabe ao arquitecto prever a imagem que imprimem estes movimentos e antecipar de que forma os ritmos entrecruzados (do meio e do utilizador) podem ou não influenciar o comportamento dos indivíduos. Palavras como "ritmo", "presença", "utopia""repetição", "ordem", "coleção", vestígio", "herança", "estilo", "efemeridade" ou "memória" caracterizam um, e outra. Afinal, o que transforma a arquitectura em linguagem? O que permite avaliar a sua influência ou, até mesmo, exercê-la?

Do histórico ao biológico, do representativo ao organizador, do físico ao metafísico, do real ao humanamente construído, o tempo é o espectro de toda e qualquer ação humana. A vida, como a vemos hoje, é produto da acumulação de pequenas mudanças que, de uma forma ou de outra, venceram a barreira genética e geracional. As extensões estão na base deste processo evolutivo na medida em que não só permitem "acelerar o tempo" como amplificar os seus resultados, perpetuando-os. A arquitectura é extensão e, como tal, tem o poder de ultrapassar dimensões, de obedecer a diferentes velocidades, de sair, e voltar a entrar, no tempo.


GUCCI
WAITRESS
BROADWAY'S SMASH HIT • MUSIC BY SARA BAREILLES
1P73

3. *Um tempo que vive sem tempo a perder,* Manhattan, 2019. §

Receio ser difícil experienciar uma transição mais brusca do que as menos de vinte e quatro horas que separaram os meus passos pelo deserto do caos sem descanso das ruas de Manhattan. O conceito cíclico de tempo do "homem primitivo" fora subitamente substituído por uma forte e assustadora visão de linearidade, progresso e historicismo cosmopolita. A novidade e a mudança tomaram o lugar do hábito e da aceitação, e a relação com o meio natural perdeu-se algures para um mundo totalmente fabricado pelo Homem, em absoluta coincidência com os seus caprichos e desejos. A metrópole, máquina aditiva, ocupava agora o lugar da natureza: invisível, garantida e indescritível. Na cidade, o tempo não flui, brota, num encontro interno que não se dá mais consigo mesmo, mas com o outro. A sua crueza era sentida na pressão crescente de uma coação horária omnipresente, cuja obviedade era impossível de evitar ou controlar individualmente. Laboratório último da civilização ocidental, em Nova Iorque o espaço era constantemente produzido pelo instante e devorado pela ação, pautado pelo ritmo febril de uma linha de montagem que integrava o movimento como propulsor de um desenho que todos os homens deveriam assumir. Ali, o indivíduo alienado era consequência do mundo, mais do que o seu contrário. A própria grelha urbana, que dividia a cidade numa quadrícula bidimensional indiferente à topografia, acompanhava a cega disciplina fomentada pelo tempo, limitando o ego e a liberdade do arquitecto a uma pré-estipulada regulação e especulação conceptual.

A sensibilidade cosmopolita para com o tempo, sempre desperta e unilateral, contrastava fortemente com as simples exigências horárias do deserto, cuja consciência individual de um tempo biológico e climatérico eram mais do que suficientes para orientar um processo civilizador. Nele, os efeitos da sua coação e a liberdade atuavam de modo individual, reduzindo a influência dos fenómenos de grupo. A arquitectura acompanhava o simples carácter e aceitação do tempo, reconhecendo a sua eterna transformação e inacabamento, pendentes de uma ação que ultrapassa a humana.

Tudo isto me leva a considerar que o tempo não passa da expressão de uma construção humana que ousa recuperar o sentido da experiência na terra, cuja determinação depende da sociedade em que se insere. O tempo significa arquitectura porque a permite durar. Significa vida porque nos relembra da efemeridade. Significa viagem porque a distingue de casa. Significa expectativa, aprendizagem, regresso, memória e esquecimento: as cinco etapas que caracterizam esta viagem, ou qualquer outra.

13.06.2018

O nascimento e a morte são dois momentos radicais do mesmo evento: a vida; assim como o são a partida e o regresso. Cada lugar que visitei me deu sinais de mim, mas a diferença entre realidade e ficção desaparece apenas à medida que ambas se tornam passado. Ao longo da viagem fui calando as minhas descobertas e crescendo, mas a complexidade de tudo o que vivi impediu-me de as compreender em conjunto. Por agora, guardo memórias, que seguramente um dia serão histórias - e que sede tenho eu delas. O esquecimento auxiliar-me-á nessa tarefa de construção, manipulável até ao dia em a vida me empurre contrafeita por caminhos paralelos que não se cruzem em conflito ou objetivos difusos. Hoje, não vejo mais o mundo enquadrado, mas compreendo tão melhor os quadros agora. O arquitecto é em primeiro lugar habitante e tenho a certeza de que sou hoje mais competente nessa tarefa. Ainda assim, há lugares que me obrigam a regressar e este é um deles.
O lugar onde crescemos é um lugar onírico, no qual habitar se torna sonho infinito ao qual fielmente sempre regressamos. Mas talvez um dia o regresso não seja mais do que uma viagem em torno de mim própria.



43.1. o regresso do corpo.

Por acreditar que, apenas ele, regressou.

4. *No centro de toda a distância está a casa; por isso me apraz.*, *Farol da Barra* (o meu) - Aveiro, 2019. §

**no dia em que piso deserto, piso Broadway.

**circo: nomadismo sedentário.
*um peixe que voa.
***o abrigo em Terras do nunca.
*os de fora e os de dentro.
**por vezes sou eu quem fica e ela que me deixa: a casa.
*desenhar a paisagem.
** o poder de uma escala ou uma escala de poder.
**o mundo chama do outro lado da porta.
*pela primeira vez arquitecta.

**a deslocação da permanência: autocarros noturnos.
*metade do mundo.
***a arquitectura da natureza.

**inquilina do mundo.

** animais (e) humanos.
***um passado mais que presente.
*oásis.
*labirintos de corpos poetas.
*arquitectura líquida.
**as intermitências de uma arquitectura perene.
**não-pontes.
**os *cholets*.
**arquitectos de outros mapas.
*uma pedra no caminho de outra.
***desertos de céu e casas de sal.
*paredes de fogo.
*itinerâncias de um vagabundo.
*a baleia.
*arquitectura do deserto.
**a praça das três fronteiras.
*a eternidade sob a forma de lugar.
**o espaço cujo Espaço roubou ao tempo.

**neruda. casas com vista de casas com vista para o mar.
**em movimento: arquitectura de passagem.
*rumo ao mundo: fuga ou perseguição?
*"portugalidade" em crise.
***a Cidade Aberta.
**a escola - fábrica de formas e da vida.
**o museu da memória, ou a memória-museu.
***política ou arquitectura.
**a vida (em) comum.

**o fim do mundo.

epílogo.

o regresso do corpo e do resto.

- *o regresso do corpo.



considerações finais.

a arquitectura é a resposta, mas qual será a pergunta?

1. *Como quem, vindo de países distantes fora de si,*
chega finalmente aonde sempre esteve
e encontra tudo no seu lugar,
o passado no passado, o presente no presente,
assim chega o viajante à tardia idade
em que se confundem ele e o caminho.
Entra então pela primeira vez na sua casa
e deita-se pela primeira vez na sua cama.
Para trás ficaram portos, ilhas, lembranças,
cidades, estações do ano.
E come agora por fim um pão primeiro
sem o sabor de palavras estrangeiras na boca.
Manuel António Pina.

Visitante do *MASP* por detrás da pintura *Renée*, de Amadeo Modigliani.

"Eu nunca quis ser jovem. O que eu queria era ter História. Aos vinte e cinco anos, queria escrever memórias, mas não tinha matéria."[1]

Na arquitectura, o meu objetivo enquanto aluna sempre esteve claro: entender de que modo esta interage com o real, subvertendo-o através de uma linguagem própria, capaz de forjar novas realidades. Em prol da "prosperidade" de um mundo global, habitamos hoje um lugar governado por ideias desenvolvidas pelos outros, às quais, quase que desresponsabilizados da nossa função de inquilinos, nos devemos sujeitar ou, numa posição cada vez menos promissora, rejeitar e contestar. Ao longo da viagem, que observo agora de um patamar distante, a minha visão acerca da arquitectura e do papel do arquitecto foi profundamente influenciada por aquilo que vi(vi). Entregue à exploração direta das várias faces que constituem o produto final do meu ofício - arquitectura - respirei por todos os poros as cinzas do seu papel, poder e omnipresença, tornando meu o poliedro que agora manuseio com maior firmeza.

Sem a consciência de que a cada dia aprofundava a condição de habitante - *mundo-parte* - ignorei o filtro que as minhas lentes de arquitecta insistiam em recortar. Num primeiro momento, cética em relação à pertinência do meu papel e revoltada com a direção das minhas aprendizagens, rejeitei qualquer aproximação ao espectro que parecia abranger a palavra "arquitectura". O contacto com uma vida exterior às paredes brancas que me viram crescer, enquanto pessoa e aluna, impedia-me de encontrar um propósito digno na minha futura profissão. Recusei todos os convites para viajar ao ombro de arquitectos de referência e, durante o meu percurso académico pela Faculdade de Arquitectura de Buenos Aires, empenhei-me apenas nas tarefas cuja complementaridade às condicionantes e limitações do meu ofício me permitiriam aprender e evoluir dentro da minha verdadeira e única condição: humana. Ao abandonar a

1 Bo Bardi, L. (2014). Lina por escrito. Cidade do México: Atlas.

Argentina, comprometi-me a registar num diário todas as minhas dúvidas e inquietações para que sobrevivessem ao desgaste do tempo, sendo necessários mais do que os dedos das mãos para contar as páginas em que nelas me recusei a, um dia, vir a chamar-me de arquitecta. No momento em que decidi ousá-lo, fi-lo por acreditar ser a profissão que me deixaria mais próxima da ingénua ambição de mudar o mundo. Por atuar dentro do real, condicionar a nossa existência física e espiritual, e ainda dispensar qualquer linguagem mediadora perante a sua influência, era para mim claro que a arquitectura constituía uma das mais fortes armas de combate à injustiça e diferenciação social, assim como o meio de expressão e revolta que melhor quebraria a rutura entre aqueles que, de outro modo que não o prático, ou até mesmo o quotidiano, nunca a ela teriam acesso. No entanto, a realidade que se estendia perante os meus olhos afastava-me progressivamente da fé nessa crença.

No decorrer dos onze e felizes meses que delimitaram a minha estada no continente sul-americano, dediquei-me de corpo e alma à deslumbrante e assustadora tarefa de viver. Cruzei por terra todas as fronteiras, percorri à boleia estradas sem fim, vivi e dormi nos lugares mais inéditos, emergi na cultura de todos aqueles que me acolheram no seu habitar e senti-me sozinha vezes suficientes para não o sentir nunca mais. Aprendi a confiar na vida e no outro e que, independentemente da distância que me separava de casa, ser humano é sê-lo em qualquer parte. Mas, quando regressei, certamente diferente de quando parti, o calor e a novidade de tudo aquilo que aprendera turvavam a consciência de que deixara de ser quem era, e de que o mundo vivido era agora referencial para um mundo novo, sonhado e construído por mim. Mergulhada num estado de anamnese, fui aprendendo a calar o entusiasmo das descobertas para permitir que um dia se tornassem ferramentas, através de um minucioso e delicado exercício de análise e decomposição, que mais tarde permitiria que recordar e imaginar não fossem mais um sem o outro. São as memórias materializadas em pensamento, outrora bagagem do viajante, que edificam a história de cada eu e que, auxiliadas pela expetativa, domesticam o tempo. Sendo o arquitecto a voz do outro, e projetar a sua expressão, este será tão mais completo e valioso quanto confrontado com o vislumbre do seu eu no outro, em consonância de sentidos e imaginação.

A memória e o esquecimento - extremos opostos de um mesmo saber - simbolizam

assim os primeiros passos rumo a uma segunda viagem cujo início coincide com o exato momento de regresso: a presente dissertação. A teia que fomos tecendo entre os vários fragmentos de um percurso, e de outro, informa-nos agora, por cumplicidade ou contraste, acerca de um processo crítico de construção de identidade e de ferramentas teórico-práticas, à luz de um ofício maior: o da arquitectura. Alienada da convencionalidade dos seus habituais referenciais e contextos, apreendi distraidamente os seus efeitos ao longo da viagem, à medida que habitava e observava diferentes habitares. Sem a consciência de que habitantes e arquitectos enfrentavam juntos uma mesma missão, regressei crente de que nada do que observara fora obra de arquitectura, apesar de todas as pistas em contrário contidas nos meus diários, repletas de confissões íntimas acerca da apreensão de novos lugares. Compreendo agora que talvez não fora eu a equivocar-me, mas equivocada estaria a minha conceção daquilo que é, ou poderá ser, afinal, a arquitectura.

Ponte entre o ser-humano e a sua existência física, a arquitectura encarrega-se da organização do espaço, da distribuição dos corpos e da composição das formas visíveis de experimentação do mundo. No fundo, é cúmplice do mais complexo e simultaneamente inato exercício: o de habitar. Como diria Jorge Luís Borges, fruta e boca em simultâneo, toda a arquitectura é fragmento construído de uma utopia inacabada, esforço de morada num planeta de outra forma hostil à presença humana. Sobre os espaços físicos, a arquitectura projeta um sentido existencial, associando-o a estruturas efémeras e inconscientes, situadas algures entre o passado e o presente, a memória e o sonho, o valor e o significado, permitindo que estas perdurem no tempo e no impacto sobre o homem. Por constituir sempre resposta a um problema real, é necessariamente enquadrada por um contexto político, económico e social nos quais intervém diretamente, condicionante por e condicionada pela sua contemporaneidade. O seu compromisso com a realidade impede-a de uma autonomia disciplinar que legitime a sua carência funcional ou política. No entanto, se antes acreditava que era seu dever transformar o paradigma daqueles que, com ela, quotidianamente, ou não, se cruzassem, hoje defendo que, apesar da influência que exerce, o arquitecto não deve nunca impor a sua visão do mundo, independentemente da sua eterna relação com ele. Em alternativa, e por intermédio da compreensão e do diálogo, deve sim constituir-se sempre interlocutor inteligente entre o contexto e o destinatário da sua obra.

Contudo, no decorrer dos últimos anos, a racionalidade político-económica impulsionada por uma visão neoliberal, assim como a crescente especulação intelectual abstrata, têm vindo a distanciar cada vez mais a arquitectura de um peso e medida humanos. O arquitecto é hoje, em grande medida, um empreendedor cuja prática, exponencialmente autoritária e restritiva, se dirige a um competitivo mercado de elite, tendencialmente privado e exclusivo. A maioria recusa reconhecer a dimensão política e social do ofício que pratica, focando-se na performance, aceitação e rentabilidade do seu produto, codependente de um exigente aparato burocrático e de uma precária remuneração. A valorização do mundo das coisas tem vindo a desvalorizar o mundo dos homens, num momento em que tudo aquilo que se fazia espontaneamente se profissionalizou, sob as condicionantes de uma base dogmática e formalista. A percentagem atual de espaço organizado pela ação de arquitectos é reduzida, com uma distribuição geográfica semelhante à dos recursos financeiros. Ainda assim, o arquitecto declara-se inventor do ordinário, detentor-mor de uma sabedoria inata: a de habitar. O pensar - faculdade humana -, adquire agora um valor de necessidade, êxito, dever e profissão. Como um especialista que domina a sua área e ignora tudo aquilo que se situa fora dos seus limites, cada vez mais o arquitecto constrói casas como esculturas em que viver é secundário, fruto de um diletantismo plástico e icónico que despreza as consequências dos seus atos, empenhado antes na busca pela fórmula mágica da fotogenia ou pelo entusiasmo do mercado imobiliário. Por excederem a escala humana e constituirem um considerável investimento de recursos, inacessível à maioria, os edifícios alimentam agora a arte da retina, contempláveis acima de tudo pelo seu exterior autista e autorreferencial: o público. À margem da vida e de um futuro participado, o individualismo de uma profissão, que deveria sofrer as mesmas mutações de que sofre o mundo, torna a arquitectura acontecimento quando nela deveriam acontecer coisas, como um espetáculo que isola os atores da sua plateia.

Vivemos hoje uma completa dualização da arquitectura: uma parte, promulgada pelas instituições de ensino e altamente publicada enquanto alimento para retinas insatisfeitas, destina-se a um pequeno nicho culturalmente elevado e economicamente mais ainda; a maior parte, acontece silenciosamente no seio das suas comunidades, longe do alcance de atenções externas e desprezada pelas mesmas entidades que cultivam a primeira e que a consideram desistente moral da sua função artística, pela abnegação

missionária que representa. No entanto, entre a ética e a estética, acredito na possibilidade da existência de um maior campo de diálogo, cujo fomento deverá partir do próprio espaço pedagógico, responsável não apenas por ensinar e investigar, mas também por refletir em permanência sobre o paradigma do seu ofício e participar do debate público em torno do mesmo. Precisamente por representar, na maioria dos casos, o único momento de experimentação para lá de fins utilitários, a condição estudantil constitui a rara e preciosa condição de inutilidade num mundo que endeusa cada vez mais o útil. A escola, frequentemente alienada de um contexto que não aquele a que pertence, ou finge pertencer, insiste na homogeneização de um exército profissional inapto a interpretar e reagir a águas fora de pé e que, como eu, pena mais tarde no exercício de aprender a nadar. Se o arquitecto é, em primeiro lugar, habitante, a escola deveria saber encaminhá-lo, também, nesta tarefa elementar.

Hoje, acredito que a arquitectura não detenha em si o poder de mudar o mundo, mas sim o de mudar a vida daqueles que o habitam, causa e produção da sua existência. Arquitectura é sê-lo antes de o ser, paradoxo constante entre a voz e o silêncio que dignificam a nossa existência. Mas, se todo o homem habita espontaneamente e o arquitecto é, antes de mais, homem, o que distingue um e outro? Talvez tenha sido esta a pergunta que mais ecoou por entre as paredes do meu corpo ao longo de toda a viagem e cuja resposta sofria mutações tão constantes quanto sofriam as minhas aprendizagens e convicções. Cruzei-me com o homem que não habitava arquitectura e com aquele que a habitava sem saber, e entre os dois descobri-me enquanto habitante de algo que ultrapassa até a nossa condição, esfera azul e verde que paira miraculosamente sobre o vazio: o mundo. Fiz dele casa e de mim outra e sob o teto de ambas aprendi que arquitectos somos todos, pelo simples facto de existirmos, juntos, num mesmo lugar.

Finalmente, ainda que as certezas sejam escassas e as dúvidas incessantes, estou agora convicta de que um mundo repleto de verdades estagnadas é aquele que sempre me recusarei habitar, e que aquilo em que acredito importa mais do que aquilo que conheço. Estou também segura de que, por entre a infinitude da sabedoria e a efemeridade do meu ser, o espaço em branco servirá sempre de palco a novas ideias e conquistas, de momento exploradas através de pequenos projetos de arquitectura (agora sim), do

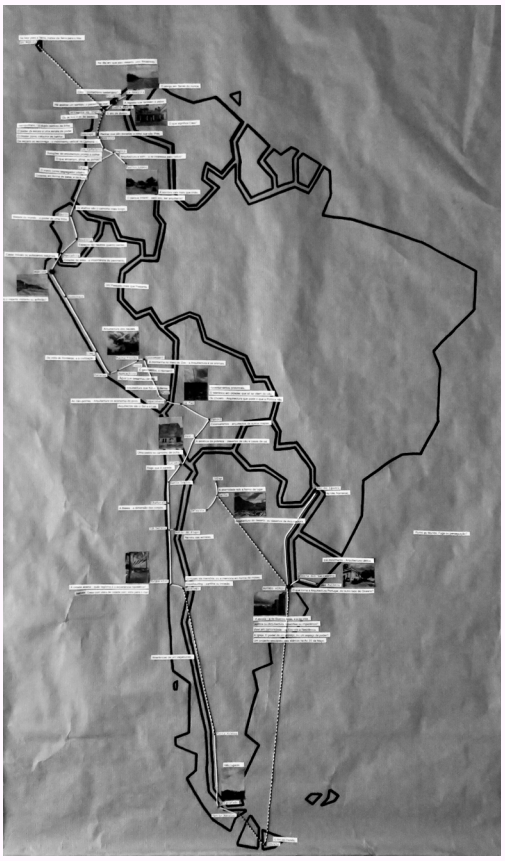
lado de cá do oceano. Contudo, se decidir é deixar de duvidar, espero em momento algum estar certa de que, um dia, não estarei mais errada (ou errante).

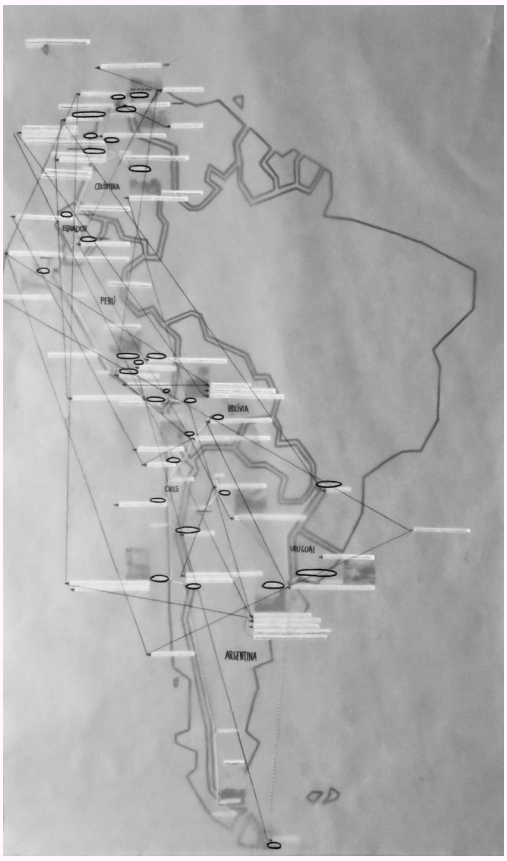
"Caminhas como se fosses para a escola e é tudo tão belo aqui na floresta…

Ela deixou o caminho, entrou no bosque e colheu flores. E cada vez que colhia alguma, pensava: mais longe vejo uma mais bela. E aí ia ela entrando cada vez mais profundamente na floresta. Fui descobrindo os cheiros, os campos, os milhos, os regos de água, os caminhos ora lamacentos ora poeirentos, sempre só. Habituei-me a pensar e a gostar de me deitar no chão entre os pinheiros.

Aspirava como que a fundir-me com a terra e dela brotar sorrindo com o corpo todo, não serenamente, mas assumindo a luta do meu ser, deixando irromper a desordem original para que simultaneamente se destruísse e renovasse"[2].

2 Grimm, cortesia do Professor Alexandre Alves Costa que, de forma tão eloquente, confunde estas palavras com as suas, in Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para obtenção do título de professor agregado e constituindo trabalho original sobre assunto respeitante (…) a que também se poderia chamar memórias do cárcere, desastres de Sofia ou memórias de um burro (1982) Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto.





interseções.
mapa.



A. o regresso a casa - e tudo aquilo que um regresso acarreta.



B. *roadtrip Gap Year Portugal* - um mês vivido numa carrinha a percorrer as escolas secundárias de norte a sul do país, promovendo o conceito de gap year.



C. uma vida em Lisboa - num primeiro momento, no seio de uma família cabo-verdiana e, num segundo, em família com uma comunidade latina.

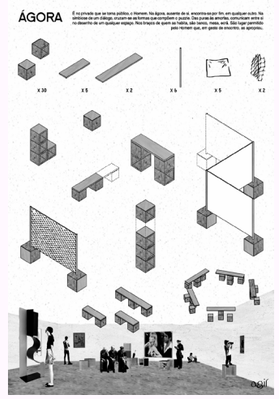


G. a horta - projeto em parceria com o meu pai.





H. AGIL - reabilitação do edifício-sede.



I. *braços* - projecto e desenho de uma exposição colectiva.

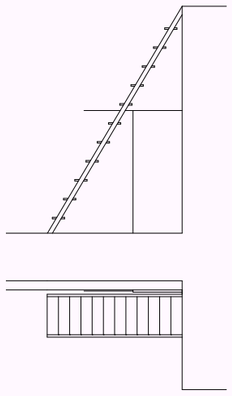


D. Workshop de curadoria e envolvimento na comunidade cultural da *Fundação Gulbenkian.*



E. quarentena de vários meses fruto de um vírus designado *covid-19.*









F. GreTUA - primeiros passos no desenho de luz e cenografia; curso de iluminação cénica *D'Orfeu*.



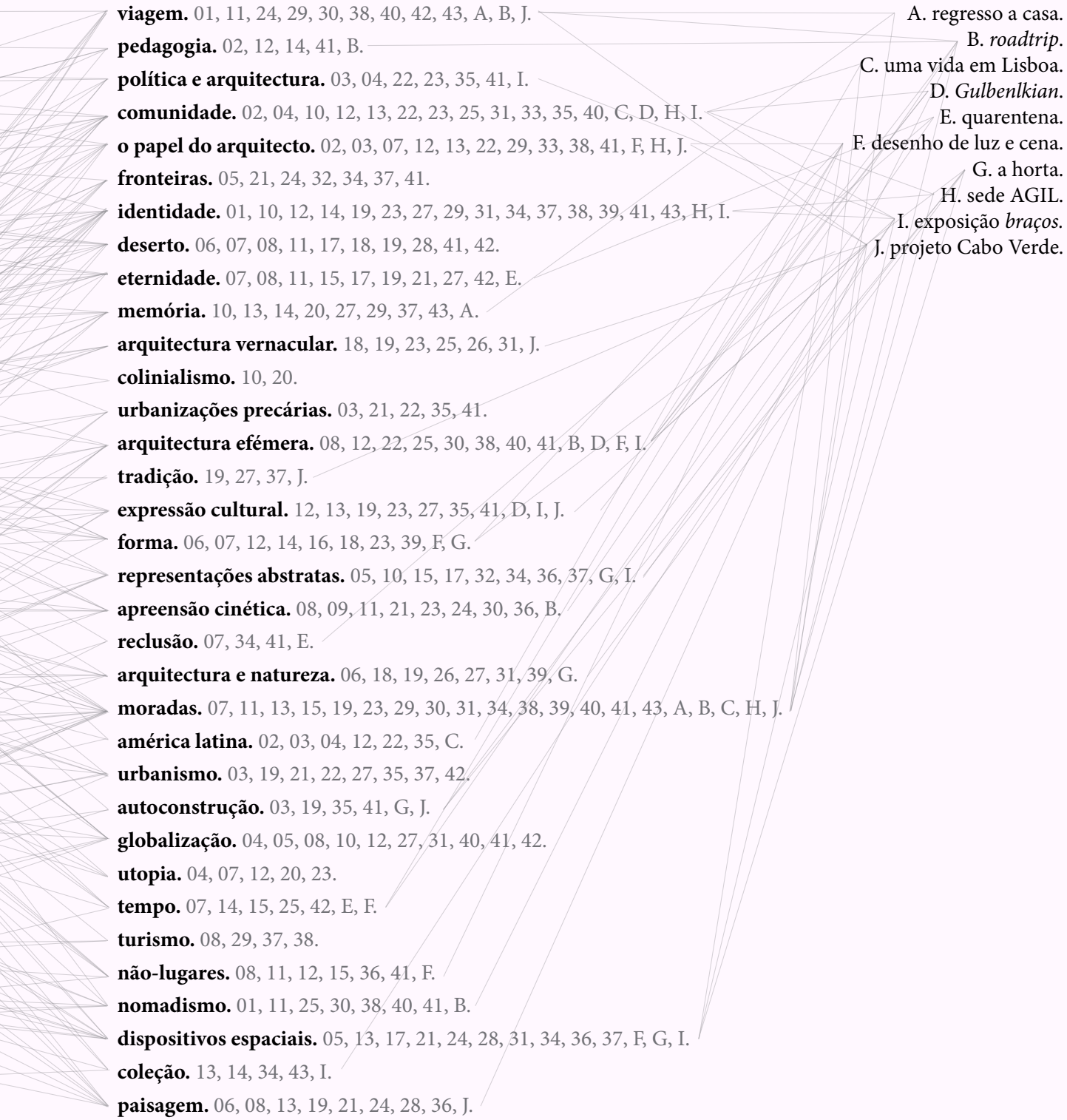
J. projecto de habitação em Cabo Verde.



interseções.

índice remissivo.

01. rumo ao mundo: fuga ou perseguição?
02. a escola - fábrica de formas e da vida.
03. política ou arquitectura.
04. a vida (em) comum.
05. a praça das três fronteiras.
06. arquitectura do deserto.
07. a eternidade sob a forma de lugar.
08. o fim do mundo.
09. em movimento: arquitectura de passagem.
10. "portugalidade" em crise.
11. itinerâncias de um vagabundo.
12. a cidade aberta.
13. neruda. casas com vista de casas com vista para o mar.
14. o museu da memória, ou a memória-museu.
15. o espaço cujo Espaço roubou ao tempo.
16. a baleia.
17. paredes de fogo.
18. uma pedra no caminho de outra.
19. desertos de céu e casas de sal.
20. arquitectos de outros mapas.
21. labirintos de corpos poetas.
22. as intermitências de uma arquitectura perene.
23. os *cholets*.
24. não-pontes.
25. arquitectura líquida.
26. animais (e) humanos.
27. um passado mais que presente.
28. oásis.
29. inquilina do mundo.
30. a deslocação da permanência: autocarros noturnos.
31. a arquitectura da natureza.
32. metade do mundo.
33. pela primeira vez arquitecta.
34. o mundo chama do outro lado da porta.
35. o poder de uma escala ou uma escala de poder.
36. desenhar a paisagem.
37. os de fora e os de dentro.
38. por vezes sou eu quem fica e ela que me deixa: a casa.
39. um peixe que voa.
40. circo - nomadismo sedentário.
41. o abrigo em Terras do nunca.
42. no dia em que piso deserto, piso Broadway.
43. o regresso do corpo.


viagem. 01, 11, 24, 29, 30, 38, 40, 42, 43, A, B, J.
pedagogia. 02, 12, 14, 41, B.
política e arquitectura. 03, 04, 22, 23, 35, 41, I.
comunidade. 02, 04, 10, 12, 13, 22, 23, 25, 31, 33, 35, 40, C, D, H, I.
o papel do arquitecto. 02, 03, 07, 12, 13, 22, 29, 33, 38, 41, F, H, J.
fronteiras. 05, 21, 24, 32, 34, 37, 41.
identidade. 01, 10, 12, 14, 19, 23, 27, 29, 31, 34, 37, 38, 39, 41, 43, H, I.
deserto. 06, 07, 08, 11, 17, 18, 19, 28, 41, 42.
eternidade. 07, 08, 11, 15, 17, 19, 21, 27, 42, E.
memória. 10, 13, 14, 20, 27, 29, 37, 43, A.
arquitectura vernacular. 18, 19, 23, 25, 26, 31, J.
colinialismo. 10, 20.
urbanizações precárias. 03, 21, 22, 35, 41.
arquitectura efémera. 08, 12, 22, 25, 30, 38, 40, 41, B, D, F, I.
tradição. 19, 27, 37, J.
expressão cultural. 12, 13, 19, 23, 27, 35, 41, D, I, J.
forma. 06, 07, 12, 14, 16, 18, 23, 39, F, G.
representações abstratas. 05, 10, 15, 17, 32, 34, 36, 37, G, I.
apreensão cinética. 08, 09, 11, 21, 23, 24, 30, 36, B.
reclusão. 07, 34, 41, E.
arquitectura e natureza. 06, 18, 19, 26, 27, 31, 39, G.
moradas. 07, 11, 13, 15, 19, 23, 29, 30, 31, 34, 38, 39, 40, 41, 43, A, B, C, H, J.
américa latina. 02, 03, 04, 12, 22, 35, C.
urbanismo. 03, 19, 21, 22, 27, 35, 37, 42.
autoconstrução. 03, 19, 35, 41, G, J.
globalização. 04, 05, 08, 10, 12, 27, 31, 40, 41, 42.
utopia. 04, 07, 12, 20, 23.
tempo. 07, 14, 15, 25, 42, E, F.
turismo. 08, 29, 37, 38.
não-lugares. 08, 11, 12, 15, 36, 41, F.
nomadismo. 01, 11, 25, 30, 38, 40, 41, B.
dispositivos espaciais. 05, 13, 17, 21, 24, 28, 31, 34, 36, 37, F, G, I.
coleção. 13, 14, 34, 43, I.
paisagem. 06, 08, 13, 19, 21, 24, 28, 36, J.
A. regresso a casa.
B. *roadtrip*.
C. uma vida em Lisboa.
D. *Gulbenlkian*.
E. quarentena.
F. desenho de luz e cena.
G. a horta.
H. sede AGIL.
I. exposição *braços.*
J. projeto Cabo Verde.



B. *roadtrip Gap Year Portugal.*

Por haver várias formas de contar uma mesma história, e porque o regresso representa apenas uma nova etapa desta **viagem**, contá-la-ei de novo, agora à luz das ações através das quais, sob a forma de gestos, perdura:

Se voltar a casa me levou de volta à **memória**, sei hoje que esta não passa de uma *figura que paira em órbita incerta, instante irrepetível de realidade e ficção* (91). A **casa**, *mais do que suporte de rotinas ou lugar de regeneração diária, é o praticável que nos permite ocupar um lugar no mundo* (201). Mas, e se deixei de saber ocupar um, por ocupar vários?

Em Lisboa partilhei em **comunidade** a condição de *sem-lugar* (81), por num primeiro momento habitar a casa de uma família que abandonou a sua **cultura** em busca de melhores condições de vida e, num segundo, o projecto de uma em construção: a minha. As pessoas que dela faziam parte encontraram-se naquela casa por diferentes motivos, à partida *sem grandes intenções de ficar* (208). Nela reencontrei o desenraizamento de quem se viu forçado a partir e a importância de, num novo lugar, reconhecer na arquitectura a **identidade** daquele que outrora habitou.

Num papel próximo do de laboratório experimental (73), recordei na *Fundação Calouste Gulbenkian* o valor de **coleção**, pela mão de arquitectos *mnemonicamente colocada à disposição*, *transpondo sob a forma de linguagem a escala inteira dos estremecimentos humanos* (91). Nela surgiu pela curadoria um novo interesse, por através da expressão **efémera** de um *acervo comum* (91), narrar uma história a vários **tempos**, **eternizados** pela **forma** de diversos **dispositivos espaciais** organizadores.

O mês passado na estrada a percorrer as escolas secundárias de norte a sul do país, refez-me *dona de um corpo em exploração itinerante de uma tela*-**paisagem** (207), *inquilina de mim e do mundo* (201). Realçou o facto de que, no limite, *a* **casa** *representa*

a





F. GreTUA - desenho de luz.

a linha de **fronteira** *entre um exterior comum e um interior exclusivo, instrumento de afronta ao cosmos, que isola o indivíduo enquanto unidade mínima do organismo social* (201); e também o de que *nem toda a arquitectura é concebida para ser atenciosamente contemplada, sendo a* **receção distraída** *a forma mais comum da sua existência* (67).

Isolada do mundo, *sem medida comum mas a seu lado* (60), o *covid-19* devolveu-me a cidade de Aveiro enquanto **morada** de permanência **eterna**, e nela *fiquei presa mais* **tempo** *do que planeava* (222). *Regulador de toda a convivência humana, o* **tempo** *é uma ordem e toda a ordem é* **tempo** (223). Mas, em tempos de suspensão de garantias, recuperei a sensação de que *a sua crueza era sentida na pressão crescente de uma coação horária omnipresente, cuja obviedade era impossível de evitar ou controlar individualmente* (225). Na sua ausência, o espaço parecia importar mais do que o **tempo** e a **cidade**, despida de vida, não era mais que contentor vazio à espera de que nele acontecessem coisas. No fundo, que o valor da arquitectura *reside naquilo que esta possibilita e não naquilo que aparenta, que significa enquanto* desenho*, ou que faz lucrar a quem nela investe* (39).

Entretanto, cruzei-me com a arte de desenhar luz, e nela reaprendi que, por vezes, *as paredes se despem de fisicalidade e assumem a forma de fogo* (100). No teatro aceita-se a **transitoriedade** *como norma*, e a arquitectura, *contrariamente à tendência* **global** *associada à sua qualidade fixa e perene, revela um novo discurso acerca dos modos de interação* (133), entendida não como *legado estático, mas sim como um projecto dinâmico aberto à sucessiva reinterpretação* (159).

A horta alimentou com a **natureza** uma *relação de harmonia e fluidez, ao invés de uma de posse, empréstimo ou maestria* (181), à semelhança daquela que havia testemunhado em terras latinas. Lembrou-me de que a espera traz recompensas, e que *o entendimento do lugar pode nem sempre preceder o ato de construir, mas sim funcionar enquanto paralelo mecanismo de descoberta* (179).

Reabilitar a sede da AGIL obrigou-me a pôr de novo as mãos na massa. Como se *pela primeira vez arquitecta* (187), trouxe-me de volta o espírito de cooperação: *um homem só não constrói uma* **casa***, mas cem homens facilmente constroem cem* (217). Lembrou-me de que *o espaço é, na relação com o outro, um princípio de* **comunidade** (53), e de





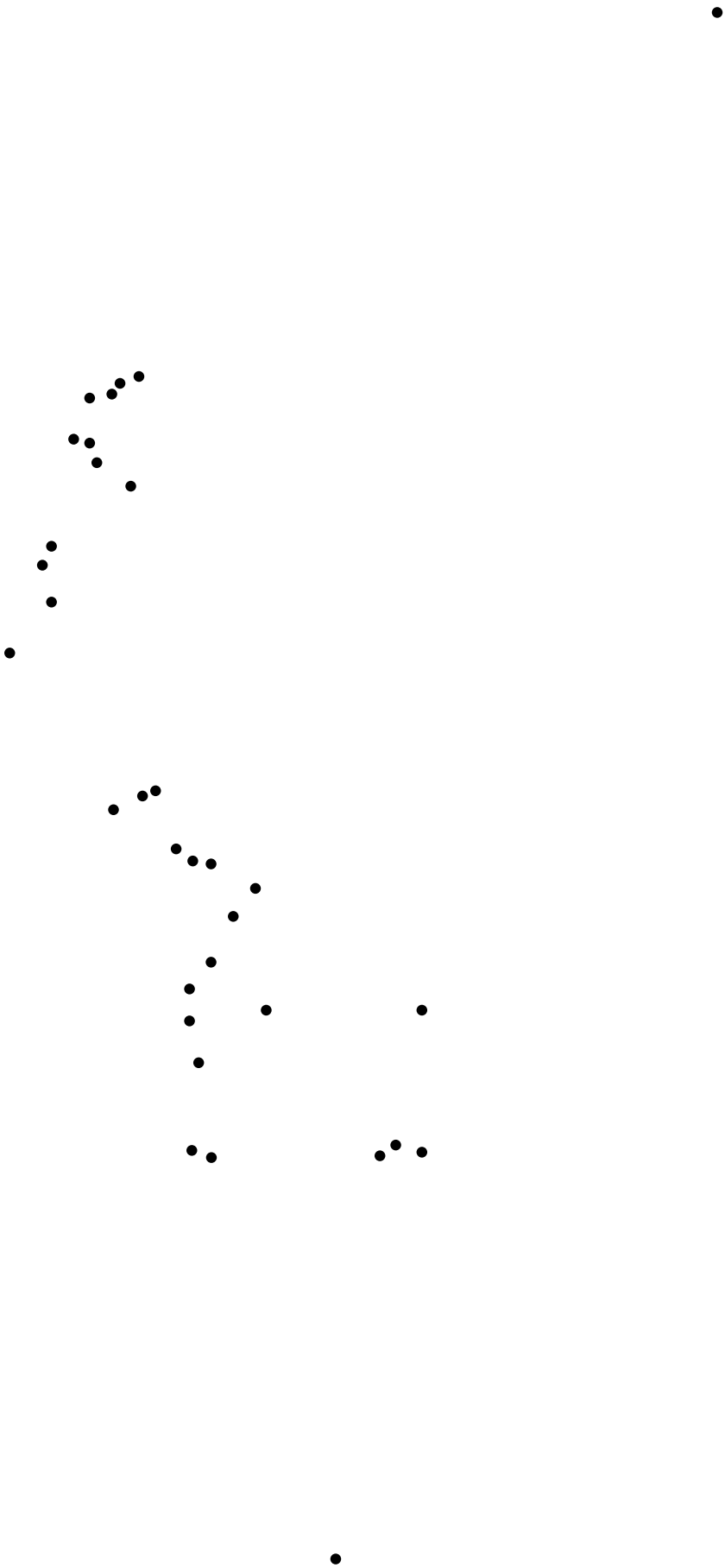
I. *braços.*

que é *na busca por um "estar-entre" comum que se consolidam os vários modos de vida, produtores e produzidos pela cidade, cuja justiça da segmentação dos seus territórios especializa a exploração e distribuição dos corpos* (55). Em permanente diálogo com a vizinhança através da *participação ativa na construção de um ethos alternativo, quotidiano, não-erudito e resistente à hegemonia cultural, a arquitectura surgia enquanto dispositivo mediador, capaz de produzir novas possibilidades inclusivas e credíveis para a produção do espaço* **comum** (193).

Edificada a sede veio a *Braços* - exposição **utópica** agregadora de coletivos dispersos pelo território nacional, cujo processo criativo representa, à semelhança do nosso, o esforço democrático de um projecto intervertentivo e participado no desenvolvimento da **comunidade** local. Desde a busca em torno de uma **identidade** gráfica à construção de uma ágora, *baptizada à luz do termo clássico grego pela empatia das suas funções,* revisitei a arquitectura *enquanto ato aglutinador* (77); e o **papel do arquitecto** enquanto detentor de uma posição única na *renovação da fé do habitante na sua própria* **cultura** (217). O desenho modular do espaço expositivo remeteu-me também à **efemeridade** *da nossa condição,* cuja adaptação e flexibilidade vai permitindo que a sua *mensagem permaneça válida na evolução do* **tempo** (161).

Por último, e porque a **viagem** é também fabricada por **memórias** *futuras,* um projecto porvir em terras de Cabo Verde. O desconhecimento face ao território e cultura locais, assim como a minha inexperiência enquanto arquitecta autónoma, impedem-me de assumir um **papel** ativo à luz dos meus valores e convicções. Nesse sentido, e por acreditar que *o arquitecto deve procurar primeiro conhecer e compreender a* **cultura** *em que intervém* (219), e que o seu papel é, em primeiro lugar, um de mediador, limitar-me-ei, por agora, ao de tradutora espacial dos desejos de **morada** dos futuros habitantes, ao auxílio da minha *sensibilidade e imaginação* (219).

Consciente e iludida pela relutância de passos primeiros, *se o arquitecto é em primeiro lugar habitante, eu tenho a certeza de que sou hoje mais competente nessa tarefa* (226). Que a história de arquitectura, que hoje conto, seja apenas capítulo de uma mais extensa, narrada sob as mais diversas formas, reflexo de novas vivências, até ao dia em que, por fim, a **viagem** cesse, também.



corpo de referências.

livros.

Alves Costa, A. (1982). Dissertação expressamente elaborada para o concurso de habilitação para a obtenção do título de professor agregado (...) Porto: Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Augé, M. (1996). El sentido de los otros. Barcelona: Paidós.

Augé, M. (2000). Los no lugares: Espacios del anonimato. Barcelona: Editorial Gedisa.

Augé, M. (2001). As formas do esquecimento. Almada: Íman Edições.

Auster, P. (2017). 4 3 2 1. Lisboa: ASA.

Bachelard, G. (2000). La poética del espacio. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Bauman, Z. (2000). Modernidad Líquida. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Bauman, Z. (2008). Múltiples culturas, una sola humanidad. Buenos Aires: Katz.

Benjamin, N. D. (1995). The Home; Words, Interpretations, Meanings and Environments. Aldershot: Avebury.

Berger, J. (1996). Modos de ver. Lisboa: Ed 70.

Berger, J. (1997). Otra manera de contar. Murcia: Mestizo.

Bo Bardi, L. (2014). Lina por escrito. Cidade do México: Atlas.

Calvino, I. (2009). As cidades invisíveis. Barcelona: Sic Idea Y Creacion Editorial.

Calvino, I. (2011). Palomar. Lisboa: Editorial Teorema.

Camus, A. (1957). El artista y su tiempo. Universidade de Uppsala, Suécia.

Certeau, M. d. (1985). Practices of Space. Maryland: Marshall Blonsky.

Chiller, F. (2004). On the aesthetic education of man. Nova Iorque: Dover Publications.

Davis, M. (2006). Planet of slums. Nova Iorque: Verso.

Eco, U. (1989). Obra aberta. Lisboa: Difel.

Elias, N. (1989). Sobre el tiempo. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Espuelas, F. (2009). Madre Materia. Madrid: Lampreave.

Fathy, H. (2000). Architecture For The Poor: Experiment In Rural Egypt. Chicago: University of Chicago Press.

Fernandes, A. L. (2015). Entre remediar e solucionar. A estruturação e a participação como meios de gestão da escassez e ruptura do ciclo de pobreza. São Tomé e Príncipe como laboratório (Tese de Doutoramento). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Foucault, M. (1984). Of other spaces: Utopias and Heteropias. Journal Architecture/ Mouvement/ Continuité.

Foucault, M. (1991). As Palavras e as Coisas. Lisboa: Edições 70.

Galeano, E. (2017). Las venas abiertas de America Latina. Madrid: Siglo XXI.

García Márquez, G. (1994). Doze contos peregrinos. Lisboa: Editores Reunidos.

Goethe, J. (2001). Viagem a Itália. Lisboa: Relógio d'Água.

Habraken, J. N. (1971). You can't design the ordinary. Architectural Design.

Habraken, J. N. (1998). The Structure of the Ordinary. Form and Control in the Built Environment. Cambridge: MIT Press.

Hall, E. T. (1986). A dimensão ocuta. Lisboa: Relógio d'Água.

Heath, K. (2009). Vernacular Architecture and regional design: cultural process and environmental response. Oxford: Elsevier.

Jencks, C. (1969). Meaning in Architecture. Londres: Barrie & Rockliff the Cresset P.

Koolhaas, R. (1994). Delirious New York. Nova Iorque: The Monacelli Press.

Lefebvre, H. (1976). Espacio y Política. Barcelona: Ediciones 62.

Lévi-Strauss, C. (1988). Tristes trópicos. Barcelona: Paidós Ibérica.

Loos, A. (1998). Ornament and crime. California: Ariadne Press.

Mansilla, L. (2002). Apuntes de viaje al interior del tiempo. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Mansilla, L., Tuñon, E. (2010). Conversaciones de Viaje. Madrid: Ediciones Asimétricas.

Marx, K., Engels, F. (2003). A sagrada família. São Paulo: Boitempo.

Mendes, M. (2013). Fernando Távora : minha casa : da organização do espaço : da harmonia do nosso espaço : da harmonia do espaço contemporâneo : uma porta pode ser um romance. Porto: FIAJMS.

Merleau-Ponty, M. (1993). Fenomenologia de la percepcion. Barcelona: Editorial Planeta de Agostini.

Molder, M. F. (1999). Semear na neve. Lisboa: Relógio d'Água.

Montaner, J. M. (2008). Sistemas Arquitectónicos Contemporâneos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Montaner, J. M. (2011). Arquitectura y Política. Ensayos para Mundos alternativos. Barcelona:

Editorial Gustavo Gili.

Munari, B. (1981). Cómo nacen los objetos? Barcelona: Gustavo Gili.

Neruda, P. (1988). Odas Elementales. Madrid: Catedra Ed.

Neruda, P. (2010). Crepusculario. Buenos Aires: Losada.

Norberg-Schulz, C. (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova Iorque: Rizzoli.

Norberg-Schulz, C. (1999). Arquitectura Occidental. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Oliver, P. (1997). Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World (3 vol). Cambridge: Cambridge University Press.

Pallasmaa, J. (2012). La mano que piensa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Pardo, J. L. (1991). Sobre los espacios: pintar, escribir, pensar. Barcelona: Ediciones del Serbal.

Perec, G. (1999). Especies de espacios. Barcelona: Montesinos.

Pessoa, F. (2011). Livro do desassossego. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pina, M. A. (2012). Como se desenha uma casa. Lisboa: Assírio & Alvim.

Rapoport, A. (1969). House Form and Culture. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

Rapoport, A. (1990). The meaning of the built environment. A nonverbal communication approach. Arizona: The University of Arizona Press.

Rapoport, A. (2005). Culture, Architecture, and Design. Chicago: Locke Science Publishing Company.

Rilke, R. M. (2008). Cartas a um jovem poeta. Famalicão: Edições Quasi.

Rudofsky, B. (1964). Architecture without architects, an introduction to non pedigreed architecture. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.

Seabrook, J. (1996). In the Cities of the South: Scenes from a Developing World. Nova Iorque: Verso.

Silva, A. S. (2015). La intimidad de la casa: El espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX (Tese de Douturamento). Buenos Aires: Diseño.

Simmel, G. (2002). Sobre la individualidad y las formas sociales. Quilmes: Editorial UNQ.

Siza, Á. (1998). Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70.

Siza, Á. (2009). 01 Textos. Porto: Civilação ed.

Smithson, A., Smithson, P. (1970). Ordinainess and Light: urban theories 1952-1960, and their application in a building project 1963-1970. Massachusetts: The MIT Press.

Tarkovsky, A. (1998). Esculpir o Tempo. São Paulo: Martins Fontes.

Tavares, G. M. (2013). Atlas da Imaginação. Lisboa: Caminho Ed.

Távora, F. (2006). Da organização do espaço. Porto: FAUP Publicações.

Távora, F. (2012). Diário de Bordo. Porto: Associação Casa da Arquitectura.
Teyssot, G. (2013). A topology of everyday constellations. Massachusetts: The MIT Press.

Tolentino Mendonça, J. (2013). O estado do bosque. Porto: Porto Editora.

Tschumi, B. (1996). Architecture and Disjunction. Massachusetts: The MIT Press.

Turner, J. F. (1976). Housing by people. Towards Autonomy in Building Environments. Londres: Marion Boyars.

Vargas Llosa, M. (2013). El héroe discreto. Madrid: Alfaguara.

Vellinga, L. (2006). Vernacular Architecture in the 21st Century: Theory, Education and Practice. Oxfordshire: Taylor & Fancis.

Vidler, A. (2000). Warped Space. Massachusetts: The MIT Press.

Warburg, A. (2010). Atlas Mnemosyne. Madrid: E. Akal Ed.

Wisnik, G. (2018). Bolívia. Porto: Circo de ideias.

Zevi, B. (2009). Saber ver a arquitectura. São Paulo: Editora Martins Fontes.

artigos em publicações periódicas ou discursos.

Camus, A. (1957). El artista y su tiempo. Suécia: Conferência na Universidade de Uppsala.

Ferro, S. (2018) Discurso proferido durante o Encontro Latino-americano da Arquitectura Comunitária.

Heidegger, M. (1951). Construir, Habitar, Pensar. Darmstadt: onferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt.

Iommi, G. (1976). Carta del Errante. Valparaíso: Escuela de Arquitectura UCV.

Iommi, G. (1983). De la utopia al espejismo. Revista Universitaria Pontificia Universidad Católica de Chile, nº 9.

Lotus nº 143, nº 145, nº 152, nº 158. Milão: Electa.

Rogers, E. (1949). Aos estudantes de arquitectura. Revista Arquitectura, nº 28.

Santa-María, L. (2015). Sólo hay una puerta, no una respuesta. Porto: Discurso proferido durante a conferência Intersecções, Sobre o projeto-de-arquitetura de Fernando Távora.

Simmel, G. (1996). A ponte e a porta. Revista de ciências sociais: política e trabalho.

Siza, A. (2017). Entrevista ArchDaily.

Távora, F. (1945). O Problema da Casa Portuguesa. Aleo.

Turner, J. F. (1963). Dwelling resources in South America: Conclusions. Architectural Design nº 8.

Van Eyck, A. (1969). El interior del tiempo. Artigo originalmente publicado no livro colectivo Meaning in Architecture. Londres: Barrie & Rockliff the Cresset Press.

outras fontes.

IV Encontro latino-americano de arquitectura comunitária. La Plata, 2018.

Amereida, disponível em http://amereida.cl/Ciudad_Abierta.

Colóquio Aprender com a viagem. Coimbra, 2014.

Conversas vadias, disponíveis em https://arquivos.rtp.pt/programas/conversas-vadias/.

Radical Pedagogies, disponível em https://radical-pedagogies.com/.

Revista Punkto, disponível em https://www.revistapunkto.com/.

Spacial agency, disponível em https://www.spatialagency.net/.

iconografia.

Todas as imagens assinaladas com § foram capturadas pela autora, em viagem pelo continente sul-americano entre os anos 2018 e 2019.

argentina.

14. disponível em https://en.mercopress.com/2019/12/06/argentina-surveys-indicate-40.8-of-the-population-lives-below-the-poverty-line, consultado a 26.02.2020.

19. disponível em https://la.network/buenos-aires-avanzan-las-intervenciones-barrio-31/, consultado a 26.02.2020.

20. disponível em https://www.acheiusa.com/Noticia/argentina-tem-numero-recorde-de-pobres-39131/, consultado a 26.02.2020.

21. cortesia de Luís Moura.

26. disponível em https://www.timingpolitico.com.ar/para-unicef-58-hogares-gran-buenos-aires-son-pobres/, consultado a 26.02.2020.

chile.

5. cortesia de Sofia Borges.

7. disponível na publicação coletiva *Amereida*, p. 187.

9. cortesia de Sofia Borges.

19. disponível em https://destinochile.com.br/museus-em-santiago/, consultado a 19.11.2020.

23. disponível em https://www.verportugal.net/vp/pt/072017/CulturaEducacao/8553/Galeria-da-Biodiversidade, consultado a 25.11.2020.

epílogo.

1. Bo Bardi, L. (2014). Lina por escrito. Cidade do México: Atlas.

F. cortesia do GreTUA.

I. cortesia da AGIL.

Atlas errante

Verónica dos Santos Pinto

FACULDADE DE ARQUITETURA